

Vanessa Paola Rojas Fernandez

Entre memórias, emoções e afetos

**Histórias de vida de moradores do
Lar dos Velhinhos de Campinas**



Vanessa Paola Rojas Fernandez

Entre memórias, emoções e afetos
Histórias de vida de moradores do
Lar dos Velhinhos de Campinas

Salvador
Editora Pontocom
2014

Copyright © 2014 Vanessa Paola Rojas Fernandez

Projeto gráfico, preparação dos originais
e editoração eletrônica: Editora Pontocom

Editora Pontocom

Conselho Editorial

José Carlos Sebe Bom Meihy

Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães

Zeila de Brito Fabri Demartini

Zilda Márcia Grícoli Iokoi

Coordenação Editorial

André Gattaz

CIP - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

F363e Fernandez, Vanessa Paola Rojas

Entre memórias, emoções e afetos: histórias de vida
de moradores do Lar dos Velinhos de Campinas /

Vanessa Paola Rojas Fernandez. – 1ª ed.

Salvador : Editora Pontocom, 2014.

122 p. : ; 21 cm.

Inclui bibliografia. Inclui fotografias.

ISBN: 978-85-66048-42-1

‘Modo de Acesso: World Wide Web:

<<http://www.editorapontocom.com.br/l/28>>

1. História oral. 2. Campinas - Brasil - História. 3.
Idosos - Acolhimento. I. Título.

CDD: B981.61

CDU: 94(81)(092)

Sumário

<i>Créditos das fotografias</i>	6
<i>Apresentação: história do projeto</i>	7
ENTREVISTAS	
Vilma Guariglia Ártico	13
João Batista Signorelli	61
José Marques da Silva Filho	87
Terezinha de Jesus Carvalho	101
<i>Bibliografia</i>	119

Créditos das fotografias

Manu Pivatti (p. 14, 32, 59, 88, 97, 100)

Mônica Bonomi (p. 62, 71, 85, 102, 111, 117)

Apresentação: história do projeto

Este livro faz parte do *Projeto Memória Institucional do Lar dos Velhinhos de Campinas*, que tem como objetivo principal constituir, conservar e disponibilizar ao público um acervo de memória da instituição. Para isto, há três vertentes de trabalho em desenvolvimento: (1) organização, digitalização e conservação da documentação escrita e iconográfica existente; (2) manutenção de um museu com coleção de objetos de época do local; (3) realização de entrevistas de história oral com moradores, funcionários, voluntários e outras pessoas envolvidas na entidade. Todos esses trabalhos estão sendo conduzidos por profissionais especializados, de maneira voluntária.

O Lar dos Velhinhos de Campinas possui uma trajetória centenária na cidade. Sua origem remonta ao final do século XIX, quando o jornalista Antônio Sarmento iniciou e liderou campanhas para a fundação de um “estabelecimento” que servisse de “abrigo aos pobres”. Em 25 de julho de 1904 foi fundado o “Asylo de Mendigos” por um grupo de pessoas de expressão na cidade, como Joaquim Vilac, João de Paula Castro, Luís José Pereira de Queiróz, Euclides Teixeira, Aristides Pompeu, Virginio Jacobsen e padre Manuel Ribas D’Avila, reunidos pelo delegado Paulo Machado Florence. No ano seguinte, foi realizada na Câmara Municipal de Campinas uma assembleia geral para a eleição da primeira diretoria definitiva do local: Orosimbo Maia e Alberto Sarmento foram eleitos presidente e vice-presidente, respectivamente. Para a construção do “asylo”, campanhas foram realizadas e uma chácara de propriedade do coronel Bento Bicudo foi comprada. Em 10 de dezembro de 1905 foi realizada a inauguração oficial do local, já com

um novo nome: “Asylo de Invalidos”¹ (MONOGRAFIA, 1952; BICUDO, 2004).



Foi somente em 1972 que o local tornou-se o “Lar dos Velhinhos de Campinas”, a partir da percepção de que a maioria das pessoas aí atendidas era constituída de idosos e idosas. Além disso, nessa mesma década iniciaram-se reformas no local, tais como a demolição do antigo casarão, a construção de novos residenciais e a pavimentação e a iluminação das antigas ruas de terra que circundavam o terreno (BICUDO, 2004).

¹ As palavras e expressões entre aspas neste texto, tais como “asylo”, “mendigos” e “inválidos” são as palavras e expressões utilizadas em determinado período da história da instituição. Trata-se, portanto, de uma reprodução de nomenclaturas a fim de evitar o anacronismo. Atualmente, asilo é um termo carregado de estereótipos negativos. Lar dos Velhinhos, Jardim ou Casa de Repouso são expressões encontradas para substituir a rotulação discriminatória presente na palavra asilo. Cf. DEBERT, 2012. A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia sugeriu a adoção da denominação “instituição de longa permanência para idosos (ILPI)”. Cf. CAMARANO, 2009.



Atualmente, o Lar dos Velinhos de Campinas proporciona habitação, cuidados com a saúde e atividades que visam uma melhor qualidade de vida a cerca de 150 idosos “carentes nos aspectos bio-psico-sociais”. Contando com um amplo espaço e uma infraestrutura completa, compostos por residenciais, refeitórios, enfermaria, centro geriátrico e seus respectivos funcionários, entre outros setores, distribuídos em uma bela área verde de aproximadamente 70 mil m², o local constitui, devido ao seu alcance histórico e social, uma entidade importante na cidade.

Sendo uma instituição sem fins lucrativos, não estatal e filantrópica, o Lar dos Velinhos de Campinas se mantém, basicamente, graças a doações financeiras de empresas, pessoas físicas e outros tipos de doações como materiais e trabalho voluntário.

A renda obtida com a venda deste livro será integralmente revertida para o Lar dos Velinhos de Campinas. Nossos sinceros agradecimentos para a EMS, patrocinadora dos exemplares impressos desta publicação, e a você, leitor, que adquiriu esta obra. Nossos agradecimentos especiais também aos senhores João Batista Signorelli e José Marques da Silva Filho e às senhoras Vilma Guariglia Ártico e Terezinha de Jesus Carvalho, moradores do Lar dos Velinhos de Campinas, que aceitaram o convite para participar deste trabalho de história oral.

Os desdobramentos da publicação deste livro devem ir além de uma devolução financeira à entidade. Acredita-se que a leitura das histórias de vida aqui apresentadas deve evidenciar importantes questões contemporâneas, tais como velhice e velhice institucionalizada, a partir

de relatos daqueles que as vivenciam, produzindo conhecimentos e sensibilidades sobre esses e outros temas e reforçando argumentos para o favorecimento de políticas públicas necessárias à comunidade geradora do trabalho.² Assim, “mais do que homenagear, é pela possibilidade de marcar lugar e propor mudanças que se faz história oral” (MEIHY e RIBEIRO, 2011).

A história oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas (MEIHY e HOLANDA, 2007). Neste livro, são apresentadas quatro histórias de vida de moradores do Lar dos Velhinhos de Campinas, resultantes do trabalho de história oral que está sendo desenvolvido na entidade³ e que faz parte do *Projeto Memória Institucional do Lar dos Velhinhos de Campinas*. Tratam-se de quatro histórias diversificadas, com trajetórias, vivências e experiências múltiplas e que possuem em comum a convergência no Lar dos Velhinhos de Campinas. Foram construídas por meio de uma relação de colaboração entre entrevistadora e entrevistados, ou seja, por meio de uma relação de compromisso entre ambas as partes, mediadas pela tecnologia de um gravador digital. Assim, coube aos entrevistados as tarefas de rememoração e narração de suas memórias e, posteriormente, de conferência e validação de suas histórias. A mim, entrevistadora, coube as tarefas de provocação e gravação de tais memórias e de, posteriormente, produção de um registro escrito, composto num rigoroso processo de transcrição, textualização e transcrição,⁴ para a

² Para o debate sobre estas e outras questões relacionadas a estes temas, são obras de referência: BEAUVOIR, 1970; BOSI, 2005 (13ª edição); DEBERT, 1999.

³ O trabalho de história oral que está sendo desenvolvido na entidade segue os procedimentos teóricos e metodológicos do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo, do qual sou pesquisadora desde 2006.

⁴ Para este e outros conceitos do trabalho de história oral desenvolvido, consultar: MEIHY, 2005; MEIHY & HOLANDA, 2007; MEIHY & RIBEIRO, 2011.

realização da conferência e validação das histórias junto aos entrevistados. As sessões de entrevistas foram realizadas individualmente, em sessões com duração de uma a duas horas aproximadamente, cuja quantidade variou de acordo com as demandas de cada narrativa.

Entende-se que a memória se manifesta como demanda por novas identidades e subjetividades de resistência, de criação, de afirmação e de negação de novas e velhas comunidades e que os registros de memórias implicam atos de lembrar em contextos de criação de diálogos entre sujeitos e grupos que se dispõem a falar, com seus corpos e suas *performances* sobre suas lembranças, as quais são apropriadas e se tornam “documentos e vestígios de subjetividades e de experiências sociais em determinadas comunidades em nossa sociedade” (SANTOS, 2011). Assim, a história oral que se apresenta neste projeto é, mais do que a constituição de um arquivo de histórias, o meio para a concretização de análises de seus resultados. Em uma perspectiva historiográfica, “tal como o passado não é a história, mas seu objeto, também a memória não é a história, mas um de seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar da elaboração histórica” (LE GOFF, 2010).

Vilma Guariglia Ártico

*“Você quer que eu comece a narrar desde pequena?
Será que eu vou me lembrar de tudo?”*



Nascida em São Paulo em 11 de janeiro de 1933. Entre janeiro e junho de 2012, realizamos nove sessões de entrevistas de história oral de vida. Nesta ocasião, Vilma contava 79 anos de idade e três anos e meio de residência no Lar dos Velhinhos de Campinas.

Eu nunca levei um tapa do meu pai e da minha mãe, nunca, porque eu sempre fui uma menina muito boazinha...

Eu nasci em São Paulo... Nós éramos em quatro irmãos, aliás, primeiramente três irmãos, depois nasceu a caçula. Eu fui a segunda em nascer, tenho uma irmã que é um ano mais velha que eu, que hoje está com 80 anos, e um irmão que é um ano mais novo, que está com 77 anos. Esse meu irmão faz anos nos dias de Natal, tanto que quando ele nasceu, eu falava: “mas que Papai Noel bonzinho, que nos trouxe esse presente”! Eu estou com 79 anos e a minha irmã caçula, que veio temporão, teria 66 anos se estivesse viva.

Eu nasci em casa, de parto normal com uma parteira, no dia 11 de janeiro de 1933, mas o meu pai só me registrou no dia 20 de junho, quando ele ganhou uma final da Sulamérica Capitalização, porque naquela época tinha que pagar *pra* registrar.

A minha mãe era dona de casa e o meu pai trabalhava em um escritório do Matarazzo. Mamãe contava que eu era muito obediente e tomava uma sopinha, que mal eu acabava de tomar a sopinha, eu já dormia em cima do prato e meu pai reclamava: “nunca vejo essa menina, saio do trabalho, ela *tá* dormindo, chego do trabalho, ela *tá* dormindo! Será que não está doente?”, e ela dizia: “não, é porque ela é boazinha mesmo”.

A vovó morava com a gente também, a mãe da minha mãe. Todos os dias ela gostava de fazer o jogo do bicho, que na época chamava “fazer uma fezinha”, ela dizia que sonhava com algum bicho e ia lá jogar. Pra fazer o jogo, ela ia na ovejira, uma casa que logo na frente tinha uma mesa de madeira, onde a ovejira anotava as apostas, e atrás tinha um galinheiro. E a minha avó sempre ia, um dia *pra* comprar ovos também, outro dia *pra* comprar um frango, e ela sempre ganhava uns trocadinhos no jogo, aí quando a gente passava perto de uma padaria, ela me comprava um sorvete, sempre era o tal picolé de groselha...

Um dia caiu o meu picolé no chão inteirinho, eu comecei a chorar que eu queria catar do chão! Minha avó não deixou, ela falou que ia comprar outro no dia seguinte, até que eu, como era muito boazinha, não chorei mais. Mas eu queria ajoelhar no chão, *pra* lamber o picolé! Eu sempre acompanhava a minha avó, eu me lembro, eu era pequenininha e eu a acompanhava...

Meu pai e minha mãe brigavam muito, porque às vezes ele chegava tarde, bêbado e vomitando. Em uma ocasião, a minha avó se meteu no meio da briga e ele pegou ela, rodopiou com ela pelos cabelos, que ela tinha um birrote, e ela caiu de joelho! Quando ela caiu de joelho, ela amaldiçoou ele. Ela amaldiçoou ele...

Eu nunca levei um tapa do meu pai e da minha mãe, nunca, porque eu sempre fui uma menina muito boazinha... Já a minha irmã mais velha, o meu pai sempre batia nela, porque ela era muito respondona. E ela me carregava nas mentiras dela, por exemplo: a minha mãe tinha uma gavetinha no quarto que era cheia de moedinhas, então a minha irmã me dizia: “vamos pegar as moedinhas *pra* tomar um sorvete?”, aí eu ia atrás dela! Um dia, a minha mãe falou: “mas é estranho, eu ponho e ponho moedas aqui e *tá* sempre sumindo!” e me perguntou: “aonde é que vocês vão quando vocês pegam o dinheiro aqui da gaveta?”, eu falei: “a gente vai tomar sorvete, mãe, eu e a Luíza”. Aí ela levou ao conhecimento do meu pai e meu pai falou *pra* minha irmã: “vocês duas pegam, mas você é a mais velha, então você que vai apanhar, por dar mau exemplo *pra* menor”.

Numa outra ocasião, ela chegou *pra* mim e falou: “ah, você fica esperando o Papai Noel, Papai Noel não existe e os brinquedos que a gente pediu tão em cima do armário lá no quarto da mamãe!” Aí eu contei *pro* meu pai, ele pegou uma cinta que ficava num prego atrás da porta e deu-lhe uma surra, porque ele disse que ela tirou a minha ilusão de criança.

Essa minha irmã sempre teve uma coisinha comigo, acho que era até ciúmes, porque quando o meu pai chegava em casa do serviço, já garotona, eu corria e ia pegar o chinelo dele *pra* ele pôr nos pés, ia correndo pegar o jornal *pra* dar *pra* ele, *pra* ele não sair mais de casa, e a

minha irmã não, ela ia metendo a mão nos bolsos dele, pedindo balinha: “quero balinha, quero balinha”.

Um dia eu fui na feira com a minha mãe e eu quis um pintinho, ela comprou um *pra* mim e um *pra* minha irmã. O da minha irmã durou um dia, porque de tanto que ela apertava, de querer agradar o pintinho, morreu na mão dela, um pintinho amarelinho. O meu não, eu dava banho e depois punha ele na janela *pra* secar, punha uma toalha, secava e passava talco nele. Só que quando ele cresceu e virou um galão, ninguém podia ir *pro* quintal, porque ele avançava nas pessoas, então meu pai mandou levar ele *pra* casa do meu avô, me pôs naquele bonde aberto com o galo numa cestinha, mas eu chorava e chorava! Eu sofri muito, porque eu peguei amor ao bichinho, tanto que quando a gente ia almoçar no meu avô de domingo, eu ficava lá no galinheiro.

Eu era mesmo muito boazinha, muito obediente... Mesmo na escola, não sendo muito estudiosa, mas naquela época a professora era a segunda mãe da gente, é o que a minha mãe sempre ensinou, que tinha que respeitar os mais velhos. E sempre aquele negócio de tomar a bênção, eu dava a mão nem que fosse *pra* ir na quitanda, qualquer coisinha que fosse fazer: “bênção, mamãe”, enquanto não beijava a mão dela, não saía da porta *pra* fora de casa.

Eu brincava muito na rua, brincava com outras crianças de esconde-esconde, de passa-anel, de estátua... Também brincava muito com o meu irmão mais novo, o Cypriano, que ele gostava de fazer cineminha numa caixa de sapato. Ele virava uma foto ao contrário, punha uma lâmpada, a foto iluminava e saía numa parede branca. Certa vez, ele teve uma crupe, uma doença que precisava pôr um tubo *pra* respirar, e quase ele morreu, que ele ficou vários dias no hospital.

A minha irmã e eu estávamos sempre com a garganta ruim, aí o meu pai levou a gente numa clínica e tiramos as amídalas. A gente até que achou gostoso, porque tomamos sorvete o dia inteiro! A gente também ia muito na farmácia, que qualquer coisa que qualquer pessoa ali do pedaço tinha, não ia no médico, ia na farmácia. O farmacêutico chamava “Seu Antão” e ele que medicava.

Nós éramos de classe média *pra* pobre... Uma vez meu pai comprou um rádio, mas a gente não tinha telefone e não tinha televisão, era tudo muito simples. Nós tínhamos uma casa com um pequeno jardim, na travessa Santo Amaro, e depois fomos morar em um sobradinho que não tinha jardim, só tinha três degraus na porta, na rua Japurá.

O meu pai faleceu de câncer no céu da boca. O médico deu três meses de vida *pra* ele, mas ele durou três anos. *Pra* almoçar, ele punha algodão nas narinas, porque senão ele comia e saía comida pelo nariz, porque ele estava sem o céu da boca. Mesmo doente, ele ia trabalhar de vez em quando, bem magrinho e ia, até o dia que ele caiu de cama. Logo que ele soube que ele estava doente, ele comprou um terreno no cemitério do Araçá, e ele gostava de ir lá domingo cedinho, verificar a construção do túmulo. Eu pegava na mão dele e ia com ele, lembro que ele falava *pro* homem que *tava* construindo: “eu *tô pra* morrer, acelera o serviço aí, que eu já paguei tudo, seis gavetas de um lado, seis gavetas do outro”... Ele faleceu no dia 20 de agosto, tinha 41 anos. No enterro, eu fiquei o tempo todo com a minha irmãzinha, porque a minha mãe passou mal. *Pra* ficar de luto, a minha mãe comprou uma tinta corante e tingiu nossas roupas de preto, que não tínhamos dinheiro *pra* comprar roupas novas.

Depois que meu pai faleceu, a minha mãe lutou com muita dificuldade *pra* criar a gente. Ela não trabalhava fora, ela recebia uma pensão e alugava uns quartos e a garagem de onde a gente morava, mas ela trabalhava muito dentro de casa, cuidando dos filhos. Eu tinha 12 anos nessa época e ajudava a minha mãe a cuidar da minha irmãzinha de dois aninhos, a Ana Maria. Essa minha irmãzinha era linda, dos olhos azuizinhos, e eu achava ela a boneca que eu não tinha! Tudo o que ela queria, eu fazia, ela gostava muito de balãozinho, então eu comprava o papel de seda e fazia, fazia pipa também. Às vezes a minha mãe saía e falava *pra* eu cuidar da Aninha, lembro que um dia eu pus uma sopinha de mandioquinha no fogo e queimou tudo, a minha mãe precisou depois jogar fora e fazer outra!

Eu amava muito o meu pai e a minha mãe...

Eles se conheceram no centro da cidade, começaram a namorar e em seguida se casaram.

Vou contar um pouco da história do meu pai e da minha mãe, coisas que eu lembro e coisas que foram contadas por eles para mim...

Minha mãe veio da Romênia, um país do leste europeu. A minha avó, mãe da minha mãe, era parteira e o marido dela veio para o Brasil em busca de trabalho, mas ela não veio com ele, ele veio primeiro e ela veio depois. Só que quando ela chegou aqui, ele já estava morando com outra mulher. Mesmo assim, a minha avó resolveu ficar, porque ela achou que aqui no Brasil o trabalho de parteira era melhor, e mandou buscar as duas filhas dela, ou seja, a minha mãe e a minha tia. Nessa época, a minha mãe tinha dois anos de idade. Ela conta que no navio tinha muitos negros e ela achava, na cabecinha dela de criança, que eles eram de chocolate, então ela passava o dedo neles e lambia!

A minha mãe e a minha tia não ficaram nem seis meses aqui no Brasil, porque quando a minha avó foi falar com o marido que tinha trazido as crianças, ele não acolheu elas, ele estava com a outra mulher, então elas voltaram *pra* Romênia, *pra* junto da minha bisavó.

Quando a minha mãe e a minha tia estavam em idade escolar, a minha avó decidiu voltar *pro* Brasil, porque pensou: “agora eu vou e ponho elas no colégio”. Dessa vez, a minha mãe tinha uns sete anos de idade. Imediatamente a minha avó arranhou um emprego de parteira e matriculou as duas no Colégio Sion, em São Paulo. A minha mãe saiu mocinha desse colégio e ela conheceu o meu pai depois que saiu de lá, quando ela estudava piano. Eles se conheceram no centro da cidade, começaram a namorar e em seguida se casaram.

O meu pai era filho de italianos. Ele veio de uma família muito grande e era o segundo filho. A minha avó, mãe do meu pai, morreu de parto de gêmeos, e a menina também faleceu, ficando só o menino. Meu avô teve 11 filhos. Ele era de Castellabate, da terra do Francesco Matarazzo, tanto que quando o meu pai foi trabalhar, o meu avô foi

falar com o amigo que ele também era de Castellabate, da mesma cidade da Itália, e assim o meu pai conseguiu o emprego de escriturário no Matarazzo.

O meu avô trabalhava com dois cavalos, fazendo entregas de um macarrão chamado Petybom. Toda vez que ele saía para fazer entrega, ele passava em nossa casa e dava uma moedinha *pra* cada um de nós: uma *pra* mim, uma *pro* meu irmão e uma *pra* minha irmã, não sei nem de que valor que era, mas a gente gostava, e ele também deixava uns pacotes de macarrão. O meu avô gostava muito de reunir a família no domingo, a gente sentava na mesa para almoçar e depois a gente jogava tômbola, eram umas cartelinhas que nem se joga bingo hoje, só que tinha outro nome. A minha avó, mãe do meu pai, eu não conheci, porque ela já tinha morrido no parto, mas eu conheci a que estava com o meu avô, lembro que ela chamava ele de “Seu Cypriano”, mesmo sendo a esposa dele.

Tinha muitos italianos onde a gente morava nessa época. Lá era chamado Bexiga, que depois se transformou em Bela Vista, e tinha a Igreja Nossa Senhora da Achiropita, onde faziam a festa que hoje virou uma tradição na cidade de São Paulo.

Na minha casa, enquanto o meu pai era vivo, a praxe era o seguinte: domingo, terça e quinta-feira era macarronada que a minha mãe fazia! Nos outros dias era arroz, feijão, uma verdura, um bife, um ovo frito, comidas assim, mas de domingo, terça e quinta-feira era macarronada que ia *pra* mesa! E lembro que meu pai abria um vinho, ele gostava de tomar um bom vinho, e *pra* nós ele fazia refresco. Aí punha aquela travessa em cima da mesa, que era sagrado comer sempre juntos, não tinha essa de cada um comer em uma hora diferente, e ele pegava um prato, servia e falava: “não deixa nenhum grãozinho, nenhum pouquinho no prato, que não pode”. Aos sábados, meu pai buscava uma pizza enorme, em uma padaria que tinha lá perto, e de sobremesa uma melancia, então a gente comia a pizza e depois pegava a melancia no prato e ficava comendo sentados no degrau da escada, era uma delícia!

Depois que meu pai morreu, minha mãe teve muitos pretendentes para casar, mas ela não quis, porque dizia que não ia colocar um

estranho dentro de casa. E ela sempre foi uma pessoa muito calma, muito caseira, muito puritana, entre qualquer roupinha ela usava anágua. Depois que os filhos foram casando, ela ficou morando com a minha irmã em São Paulo e deveria ter recebido uma parte da herança do meu avô, mas minha tia tapeou ela.

Quando eu fiquei viúva, eu passava uns 10, 15 dias lá com ela, e uma semana antes de eu ir embora, a minha mãe já estava chorando. Mas também ela estava velhinha e eu lia o jornal *pra* ela, eu lia a Bíblia, eu pegava uma fruta, que ela comia muito pouquinho, e falava: “mamãe, ó uma maçã, você precisa comer”, ela pedia *pra* eu comer com ela e eu comia, mesmo sem vontade, só *pra* ela comer. Ela gostava muito de conversar... Interessante que ela se lembrava de quando era pequena e não lembrava o que ela tinha comido naquela hora. Ela se lembrava de quando veio pequena da Romênia, de navio com os pais separados, mas era em detalhes que ela me contava! E eu escutava...

A minha mãe faleceu com 95 anos, mas ela não queria morrer não, ela tinha muito amor à vida. Quando a minha mãe morreu, metade minha foi com ela...

*Eu não era muito estudiosa – não é que eu era burra,
é que eu tinha muita pena da minha mãe e
gostava muito de brincar com a minha irmã,
então eu punha um pouco os estudos de lado...*

Depois que meu pai morreu, fomos morar em um sobradinho que o meu pai tinha comprado na alameda Jaú, 724. A minha mãe conseguiu uma bolsa de estudos *pra* mim e pros meus irmãos no Colégio Dante Alighieri, que ficava ali perto. Antes disso, eu estudei no Grupo Escolar Júlio Ribeiro, que ficava na Bela Vista, e depois em um colégio de freiras, o Colégio Nossa Senhora Aparecida. Foi nessa época que eu aprendi a bordar, pois as irmãs davam tarefas de fazer crivo, ponto cruz e ponto cheio.

No Colégio Dante Alighieri, tínhamos toda semana aula com um padre. Um dia, na aula dele, eu perguntei: “padre, o senhor fala tanto que Nossa Senhora teve o menino Jesus, mas se ela é Virgem Maria, como é que ela teve a criança?”. O padre não me respondeu, mas me levou na diretoria. Aí o diretor mandou chamar a minha mãe, falou que eu fiz uma pergunta que não deveria ter feito e que o padre não gostou. A minha mãe chamou muito a minha atenção: “vocês estão em bolsa de estudo, vocês têm que estudar bastante, como é que você foi soltar uma dessas *pro* padre?” e eu falei: “mãe, mas se a gente sabe que ela foi virgem, como é que ela teve o menino Jesus?”, aí minha mãe me explicou que era “obra do Espírito Santo”!

Lembro também que na minha classe estudava a filha do diretor, que era muito amiga minha, e tinha umas sírias, da família Cury, que também eram amigas minhas. Quando eu ia estudar na casa delas, a mãe delas fazia aqueles lanches gostosos, elas moravam numa mansão ali nos Jardins, só na minha casa que eu nunca chamava ninguém *pra* estudar, porque não tinha condições. Quando chovia, eu e minha irmã tirávamos os sapatos e íamos com eles embaixo do braço, *pra* não molhar e estragar, porque a gente só tinha dois pares de sapatos, um *pra* escola e outro *pra* dias de festa e domingos.

Os professores em geral não eram bravos, mas eram muito exigentes. O Jânio Quadros era professor lá do colégio, ele era professor de Português e realmente era como todo mundo fala, ele usava aquela capa preta toda cheia de caspa em cima e ele era muito enérgico. Ele gostava de fazer uma revisão nos cadernos, a minha irmã estudava na mesma classe que eu, e eu fazia muita caligrafia, mas a minha irmã escrevia um garrancho só, ainda mais que era caneta que a gente molhava no tinteiro. Lembro que um dia ele pegou o caderno dela, olhou bem *pra* ela e falou: “olha, sabe o que que eu faço com esse seu caderno? Isso aqui!” e rasgou o caderno! Ela chegou em casa e começou a chorar de raiva, mas minha mãe disse que o professor tinha razão, que a gente tinha que fazer a lição bem feitinha...

A minha mãe alugava a garagem *pra* uma senhora e um quarto *pra* um casal. Nessa ocasião, eu e minha irmã fizemos a primeira comunhão

e foi a senhora desse quarto que fez o nosso vestido, ela era costureira. A minha mãe mandou fazer um vestido que eu achei hor-rrí-vel, um vestido marrom de tafetá com uma flor enorme, eu achei horrível e até hoje não posso nem ver a cor marrom na minha frente!

A mamãe só fazia o almoço, não dava *pra* fazer janta, então a gente tomava café com leite, com bolacha, com pão. E eu ajudava muito em casa, arrumava a cozinha, encerava, cuidava da minha irmãzinha... Eu não era muito estudiosa – não é que eu era burra, é que eu tinha muita pena da minha mãe e gostava muito de brincar com a minha irmã, então eu punha um pouco os estudos de lado.

Apesar de algumas dificuldades, eu não posso reclamar da minha infância, tem pessoas que passaram coisas piores do que eu...

*Eu ia à toailete e ele ia atrás de mim, ele dizia:
“Ah loirinha, você ainda vai casar comigo!”...*

Um dia eu estava andando perto de casa em São Paulo e encostou uma Romiseta, que era aquele carro que abria a porta do lado. Desceu um rapaz e falou *pra* mim: “Nossa, você é tão bonita, você não quer fazer um teste *pra* um filme que eu estou fazendo?”. Eu pedi a ele que passasse outra hora, pois teria que falar com minha mãe primeiro, mas minha mãe não gostou da ideia. Era o diretor Anselmo Duarte, hoje falecido, e o papel era para o filme *Tico-Tico no Fubá*, que foi um sucesso na época, interpretado pela atriz Tônia Carrero. Ele insistiu *pra* que eu fizesse o teste, porque eu era mesmo muito bonita, mas eu não fiz.

Quando eu estava com 16 ou 17 anos, comecei a trabalhar, para poder ajudar dentro de casa. Meu primeiro emprego foi na tesouraria do Banco Brasileiro de Descontos, atual Bradesco. Depois eu fui trabalhar no Banco Auxiliar, que era o banco de uma família muito rica em São Paulo, a família Bonfiglioli, mas eu só trabalhei três meses neste banco, porque teve uma greve e fui mandada embora. Aí eu voltei a trabalhar no Banco Brasileiro de Descontos. Foi aí que eu conheci o meu marido, ele trabalhava na gerência.

Eu ia à toaleta e ele ia atrás de mim, ele dizia: “Ah loirinha, você ainda vai casar comigo!” ... Eu pensava: “O quê? Baixinho, não gosto de homem baixo, eu gosto é de homem feito” e seguia trabalhando. Comecei a aprender a bater à máquina de escrever e fui trabalhar na compensação de cheques. Eu ia até os caixas, que eram 40, recolhia os malotes e depois já ia bater à máquina, *pra* que às 4 horas da tarde já estivesse tudo no Banco do Brasil. Se houvesse algum erro, tinha que ir trabalhar no sábado, até achar onde foi o erro.

Um dia eu estava em casa e a minha irmã falou: “Mamãe, tem um rapaz aí fora que quer falar com a Vilma”. Eu pedi *pra* ela dizer que eu não estava, mas ela foi lá e falou: “Olha, minha irmã *mandou* dizer que não está!” Aí ele falou assim: “Diz *pra* ela que é o rapaz do banco, que eu estive no sítio da minha família e trouxe algumas frutas de lá”.

Era o Euclides, com quem me casei mais tarde, ele tinha trazido laranjas e mexericas do sítio, mas eu não apareci. No dia seguinte, no banco, fui perguntar *pra* ele como é que ele tinha ido em casa sem me avisar e ele respondeu: “A gente quando gosta de alguém, a gente vai atrás e eu achei o seu endereço e fui na sua casa”. Expliquei para ele que meu pai já era falecido e que minha mãe sempre perguntava se “é *pra* namorar ou *pra* que é” e ele disse que tinha boas intenções comigo e que queria falar com a minha mãe. Quando eu cheguei em casa, falei para minha mãe e ela disse que ele tinha que ir lá me pedir em casamento. Naquela época tinha muito esse negócio de servir um cafezinho, era muito cheio de medidas, então ele foi e falou que queria se casar comigo.

Quando ele vinha me buscar *pra* namorar, aos finais de semana, minha mãe mandava a minha irmã ir junto, a pequenininha, e que ela sentasse no carro bem no meio de nós dois! A gente gostava muito de passear na rua Augusta, que naquela época usava-se muito tomar um lanche, tomar um chá, ir ao cinema... E lembro que ele sempre mandava embrulhar umas duas dúzias de doces *pra* levar *pra* minha mãe.

Antes do Euclides eu namorei um sírio chamado Isaque, que era bem mais velho do que eu e que tinha um Cadillac, lembro até hoje o número da placa do carro dele: 70, 71. Cabeça boa a minha ainda! Mas

a família do Isaque não aprovava o nosso namoro, porque dizia que ele era sírio e tinha que casar com uma síria. Eu também nem gostava muito dele, ele era baixinho e eu nunca gostei de homem baixinho... Nunca gostei e no fim me casei com um!

A família do Euclides era de Catanduva e ele dizia que era filho de fazendeiro, mas não eram fazendeiros nada! Um dia, a mãe e o pai dele foram de Catanduva até São Paulo tirar informações minhas no banco, ficaram perguntado de mim para os meus colegas, disseram que mulher da capital não prestava e que o filho já estava prometido para uma fazendeira da cidade deles. Depois foram falar com a minha mãe na minha casa e minha mãe não gostou nada da conversa deles, então ela me disse: “Esse casamento não é do meu gosto”.

É por isso que eu digo, na vida a gente tem que escutar a mãe, porque a mãe é a única pessoa que gosta da gente desinteressadamente e, geralmente, o que uma mãe fala, pode escrever, porque ela tem a vivência e ela só quer o melhor pros filhos...

Hoje em dia, como as mulheres trabalham fora e são independentes, elas peitam o marido e se esse não serve, elas largam. Mas a gente naquela época não...

Um dia o Euclides me disse: “Eu vou comprar o enxoval e a gente vai morar na casa de uma tia minha na Vila Mariana” e falou *pra* minha mãe não se preocupar com nada, que ele ia mandar fazer os convites, ele ia comprar o tecido para o vestido na rua 25 de Março e ele ia à igreja marcar a data do casamento...

O noivado foi em uma boate que se chamava Bambu, em Santo Amaro. O Euclides convidou alguns chefes dele e os colegas do banco, tinha uma dúzia de pessoas, e a minha mãe também foi. Chegamos lá, ele nos falou que tinha mandado fazer coquetel de camarão... Eu olhei *pra* minha mãe e ela olhou *pra* mim, pensamos: “já ouvi falar, mas nunca comi”. Quando veio o coquetel de camarão, que vem dois camarões picados dentro da taça e um enfeitando, daqueles camarões grandes,

eu falei *pro* meu noivo explicar como se comia aquilo, então ele ensinou que tinha que ir cortando os pedacinhos no molho, era uma delícia! Até hoje é um prato caríssimo e muito gostoso, que todo mundo pensa que é uma bebida, mas não, é uma comida.

Aí o meu noivo comprou o enxoval e a moça que morava em casa foi quem me fez o vestido de noiva, a mesma costureira que me fez o vestido da primeira comunhão. A festa foi na casa que íamos morar, onde o Euclides já morava com uma tia dele, na Vila Mariana, rua Sabará. Ele mandou fazer uma recepção pequena, com o bolo e os salgadinhos. Foi ele quem se encarregou de tudo na organização do nosso casamento, porque eu sempre ficava muito com a minha mãe desde que ela ficou viúva e eu não era muito sabidona do mundo, quase não tinha amizades, então ele que fez tudo praticamente. Nós casamos no dia 19 de junho de 1954, na Igreja Nossa Senhora do Carmo, na Bela Vista em São Paulo. Antes de casar, namoramos durante quatro meses, ele tinha 19 anos e eu tinha 20.

Nossa lua de mel foi em Campos do Jordão. Nessa ocasião, lembro que o meu marido me deu um susto! Ele chegou lá e, *pra* fazer o bonitinho, se jogou na piscina, só que ele quase morre, porque a piscina aquecida do hotel não estava ligada e fazia muito frio! Quando ele mergulhou, não subia mais, aí eu comecei a gritar e vieram tirar ele da água, deram um banho bem quente nele. Esse foi um susto...

Foi durante a lua de mel que ele começou a mostrar o lado violento dele, porque ele era muito ciumento, muito, principalmente quando bebia. Lá no hotel, eu não podia olhar para o lado que ele já achava que eu estava olhando *pra* alguém. Depois do jantar, quando fomos *pro* quarto, ele me deu uma surra, disse que eu estava paquerando o garçom. Eu falei *pra* ele: “Poxa vida, na lua de mel apanhar, quero voltar *pra* minha mãe”, mas no final ele me pediu desculpas e eu acabei cedendo.

Foi aí também que eu vi que ele era muito mandão, ou seja, quando era noivo, ele era de um jeito, depois que casou, ficou de outro. Eu não pude nem falar nada *pra* minha mãe, porque ela já não queria o casamento, tive que ficar quieta. E eu tinha reparado que no dia do

casamento a minha mãe e a minha irmã ficaram no fundo da igreja, parece que eu estou vendo hoje, a igreja cheia de gente do banco e a minha mãe lá no fundo, enquanto a mãe dele estava no altar, ela era madrinha e foi ele que comprou a roupa *pra* mãe, comprou chapéu, levou a mãe nos lugares, e a minha mãe, coitada, lá no fundo com a minha irmã... Nem na festa a minha mãe quis ir, porque ela tinha se aborrecido com a mãe dele naquela ocasião em que ela foi pedir informações minhas.

Recém-casados, eu passava o dia inteiro dentro de casa, lendo e fazendo palavras cruzadas, esperando o Euclides *pra* almoçar, pois eu já não trabalhava mais no banco, ele falou para eu ser só dona de casa. Mas eu não era “dona” de casa, a gente comia o que a tia dele fazia e eu era uma pessoa comum, não sabia cozinhar, não sabia lavar, não sabia passar, porque a minha mãe que fazia tudo antes do meu casamento, quando muito eu arrumava a cozinha *pra* ela.

Quando eu casei, eu era meio bobona mesmo, vou contar um episódio: um dia, durante a gravidez, eu não estava me sentindo muito bem e no meu quarto tinha um urinol, então eu fiquei desde cedo ali sentada, esperando o meu marido chegar do trabalho, porque eu tinha a impressão que ia nascer a criança! Quando ele chegou, eu falei: “Ainda bem que você chegou, me leva no médico, porque eu *tô* tendo um filho aqui no urinol”, ele falou: “Um filho no urinol? Que é isso?”, aí ele me mandou levantar e explicou que o que eu tinha era natural da gravidez... Boba, boba, boba!

Nós tivemos dois filhos, um casal. Primeiro nasceu a menina, no dia 1º de maio de 1955, lá no Hospital Matarazzo da avenida Paulista. Foi até interessante, porque a enfermeira falou *pro* meu marido: “Ela nasceu no dia 1º de maio, maio é mês de Maria, o senhor quer dar nome de Vilma, mas seria melhor dar Maria Vilma” e foi o que fizemos. O parto dela foi cesárea, porque eu não tinha dilatação. Depois de um ano e um mês nasceu o menino, no dia 4 de junho, colocamos o nome de Antônio Euclides, o parto dele foi de fórceps.

Durante as férias e aos finais de semana, nós íamos muito para Catanduva, na casa dos meus sogros. A primeira vez que fomos lá, eu

achei muito esquisito, porque eu nunca tinha visto mato, era criada na capital, então eu achava tudo muito estranho. Por exemplo, *pra* ir ao banheiro, era uma casinha no fundo do quintal, uma casinha que tinha em cima uma caixa d'água *pra* tomar banho, o sol esquentava a caixa d'água e a gente tomava banho ali, e o banheiro era um buraco! Quando eu vi o banheiro, eu pensei: “Minha Nossa Senhora! Ele falou que a mãe morava num sítio, numa fazenda, não vejo nada de sítio nem de fazenda aqui, vejo gente bem do interior”, e me segurava *pra* ir ao banheiro, porque eu tinha medo.

A minha sogra tinha sempre duas ou três meninas com ela, que ajudavam na casa. Ela gostava muito de cozinhar, mas ela não sabia nem ler e nem escrever, não sei como cozinava bem aquela mulher! Quando eu ia *pra* lá, eu engordava uns quatro ou cinco quilos, que ela fazia comidas diferentes das comidas da cidade, ela matava o porco e fazia a linguiça, comprava o saco de café verde e torrava e moía o café na hora em casa, quando passava o café, que cheiro! Um dia eu perguntei a ela como fazia aquelas comidas, que o meu marido também gostava muito e eu queria aprender, ela disse: “Eu faço a comida de cabeça, se quiser aprender, compra um caderno, um lápis, e vai me seguindo aqui, vai vendo o que eu ponho e deduza a quantidade das coisas, que eu faço assim de cabeça!”.

Aí eu ia atrás dela, *pra* lá e *pra* cá, anotando tudo. Depois fui me aprimorando até ficar cozinheira excelente, modéstia à parte! Só que a minha sogra não gostava de mim, pois a gente sente quando a pessoa gosta ou não gosta da gente e ela eu sentia que não gostava. Aliás, ela me tratava muito mal, apoiava que meu marido batesse em mim, às vezes me chamava de “Vilma gorila”, em vez de Vilma Guariglia...

Um dia, meu marido me comunicou que ele estava abrindo uma casa de automóveis e uma casa de dólar na avenida São João com a Ipiranga, em São Paulo, e que eu teria que passar alguns meses com os meus sogros em Catanduva, até ajeitarmos a nossa vida. Como eu nunca opinava nada, não discutia nada, porque achava que ele era o chefe da família e que ele sabia de tudo, eu falei: “*Tá bom*” e fiquei quatro meses lá com as crianças, o máximo que eu pude aguentar.

Daí meu marido alugou um apartamento pequeno na Vila Mariana. Quando a gente chegou lá nesse apartamento, ele falou: “Olha, o apartamento *tá* simplesinho, mas tem uma televisão nova que eu comprei *pra* você se distrair com as crianças”. E eu, o que comer não tinha, porque como ele ficava às vezes um ou dois dias sem aparecer em casa e eu não tinha dinheiro, eu fazia de um litro de leite, dois. Mas tinha televisão! Até que um dia bateu um oficial de justiça lá na porta e retirou a televisão, porque ele não tinha terminado de pagar! A minha mãe, quando ia me visitar, levava algumas coisas *pra* mim, levava um pacote de macarrão, bolacha *pras* crianças, pão, manteiga... E eu era conformada, eu cuidava da casa e dos filhos e pensava: “Não posso chorar perto da minha mãe, que a minha mãe vai dizer que ela não queria o casamento”, então aquilo ficou na minha cabeça, que ela não queria o casamento e que eu não podia chorar perto dela, que não podia reclamar das coisas *pra* ela.

O Euclides era muito trabalhador, mas ele chegava tarde em casa ou às vezes nem chegava. E eu não podia falar nada, que ele falava que eu que era a culpada. Ele não me contava muito da vida dele nessa época, às vezes eu vinha saber qualquer coisa dele por terceiros, porque ele não era muito de conversar comigo. Hoje em dia, como as mulheres trabalham fora e são independentes, elas peitam o marido e se esse não serve, elas largam. Mas a gente naquela época não, eu menos ainda, porque já tinha sido criada sem o pai, só com a mãe...

Uma vez me apareceram umas feridas no corpo e eu andava indisposta, então pedi a ele que me levasse ao médico. Ele me levou, porque ele também tinha algumas feridas, mas ele tinha pouco e eu é que estava com a cabra maior. E era sempre assim: “Você não abre a boca, quem fala com o médico sou eu”. Depois de alguns exames, saiu o resultado que eu e meu marido estávamos com sífilis. Eu nunca me esqueço da vergonha que eu passei, que vergonha, que vergonha! Sífilis é doença venérea! Aí o meu marido me perguntou aonde é que eu tinha andado e com quem eu tinha andado, na frente do médico, que ficou bem bravo com ele e falou: “Olha, senhor Euclides, foi o senhor que pegou essa doença e passou *pra* sua esposa, porque a pessoa quando

pega essa doença e transmite *pra* outra, a outra fica com a carga mais alta do que quem passou”. Meu marido ficou quieto e muito sem graça, eu me lembro como se fosse hoje. Sífilis... Essa não foi a única doença venérea que ele me passou, meu marido aprontava bastante por aí...

Minha mãe contava que do dia que eu casei ela nunca mais fechou a porta de casa, esperando eu chegar a qualquer momento. Meu casamento não foi do gosto dela, então quando eu passava os meus apertos, eu não tinha aonde chorar, porque eu lembrava das palavras dela. Mas teve um dia que eu fui obrigada a ir ter com a minha mãe, que ela até teve um sopro no coração quando me viu chegar toda ensanguentada, uma história muito triste que aconteceu...

Quando ele estava sóbrio, ele era uma pessoa boa, carinhosa, conversava muito bem, era muito inteligente...

Mas quando ele estava bêbado, ele era outra pessoa...

Eu morei lá em São Paulo em uma casa azul. Essa casa azul era de esquina, ela era muito grande e era muito boa, foi meu marido que mandou pintar ela dessa cor. Ficava na avenida Santo Amaro.

As maçanetas das portas da casa eram aquelas bolas assim douradas e a empregada espalhou *pra* todo mundo que íamos morar numa mansão com maçaneta de ouro! E tinha um jardim maravilhoso, tinha um hall de entrada com as pedras floridas e o corrimão da escada também era todo dourado. No hall da entrada tinha dois ambientes, de um lado era a sala de visitas com lareira e do outro lado era a sala de jantar com um grande lustre de cristal. A mesa tinha 12 cadeiras. Na parte de cima, tinha um quarto com armário embutido, que era a minha suíte, com uma banheira enorme, e do outro lado tinha um escritório, um banheiro, o quarto do meu filho, que tinha uma sacada, e o quarto da minha filha, que era todo rosa e com uma coleção de bonecas. Ela gostava muito de brincar e de conversar com as bonecas... Tinha copa, cozinha, quintal muito grande. Embaixo tinha a lavanderia e subindo a escada tinha dois quartos de empregada

com um banheiro no meio. Na garagem cabiam quatro carros e mais dois que cabiam fora. De tão grande que era a casa, hoje virou uma escola.

Nós tínhamos nessa época uma cadela da raça pastor alemão, o meu marido arranhou até um adestrador e aí ela ficou muito obediente. Um dia eu estava fazendo uma carne assada e tive que ir atender o telefone, eu falei *pra* ela ficar vigiando a carne e não comer nada, não é que do jeito que eu deixei, estava a cadela tomando conta quando eu voltei! Teve uma vez também que o meu marido chegou de madrugada, bêbado, e eu joguei a chave para ele entrar, foi a cachorra que pegou a chave e levou *pra* ele! Ela era muito esperta, mas um dia escapou *pra* rua e depois nasceram 12 cadelinhas.

Eu tinha um empregado chamado Peixinho, era um mulatão grandão, compridão, de lá do lado da Bahia. Ele fazia a faxina da casa, mas o que ele mais gostava de fazer era limpar vidros. Dentro do avental que ele usava, ele levava uma pasta de dentes, a escova e a flanela, tudo junto, e todo mundo dava risada disso, mas ele limpava muito bem. Tinha também um copeiro, que tocava violão enquanto a gente fazia as refeições. Certa ocasião, nós estávamos jantando e apareceu um rato enorme, aí foi aquela correria, até os empregados matarem ele! Eu tinha pavor de rato, porque sempre aparecia algum...

Nessa época os meus filhos já estavam em idade escolar, a minha filha estudava em um colégio de freiras, no Colégio Imaculada Conceição, e o meu filho em um colégio comum, o Colégio Eduardo Prado. Depois ele também foi *pro* colégio de freiras. A minha filha era muito inteligente, sempre estudiosa, e o meu filho não muito, ele gostava mesmo era de jogar bola! Um dia eu e meu marido até fomos chamados na escola pelas irmãs, porque ele só queria jogar bola e não estava frequentando todas as aulas.

Eu sou católica apostólica romana e meus filhos também foram batizados na Igreja Católica, mas vou contar uma história que aconteceu comigo, que explica porque eu acho que a gente não pode subestimar nenhuma religião: um dia o meu marido foi trabalhar em uma obra e foi olhar dentro de um poço lá nessa obra, aí ele ficou com mau



jeito nas costas, teve que ficar um tempo fazendo fisioterapia e de cama. O nosso quarto ficava virado *pro* jardim, onde tinha um arranjo e umas plantas bonitas, e eu gostava muito de ficar aí cuidando das plantas, só que eu não usava luva, não usava nada. Certo dia, eu estava aí mexendo e encontrei um sapo com a boca costurada, um sapo com a boca costurada no meu jardim! Aí eu fiquei gritando, o meu motorista veio correndo e disse: “Dona Vilma, eu acho que isso aí deve ser um mal feito: o doutor *tá* ruim lá na cama e a senhora achou um sapo...”. Então ele me indicou uma senhora que ele conhecia do Seicho-no-ie e que benzia as pessoas, porque a minha mão, no meio dos dedos, começou a minar água, escorria água entre os dedos. Eu resolvi ir lá nessa senhora com ele.

Quando eu entrei na casa dela, ela disse que estava sentindo arrepios e que era um mal feito mesmo que tinham feito *pro* meu marido. Aí eu sentei num banquinho, era uma casa muito humilde, uma rua pobre num bairro muito pobre, e ela pôs as minhas duas mãos no meu colo e me benzeu. Eu fui duas vezes na casa dela e uma vez no templo, que também era um casebre de madeira, só que com mais pessoas. Lá eu sentei num banquinho perto de um tipo de um altar com uns santos esquisitos, tinha umas oito pessoas em volta, aí a senhora sentou na minha frente e falou: “fecha os olhos e pensa muito em Deus”. Eu escutei que eles rezavam de um jeito diferente, faziam as orações do jeito deles, mas quando eu abri os olhos e olhei *pro* chão, o chão *tava* duas poças de água em volta dos sapatos! E as minhas mãos estavam sequinhas! Aí eu falei *pra* ela: “quanto é que eu devo *pra* senhora?” e ela disse: “não me deve nada, a senhora fez o que a gente falou, que não precisava ir procurar médico, que não era caso de médico, e a senhora teve muita fé *pra* ser curada aqui na nossa religião, então quando alguém falar do Seicho-no-ie, diga que essa religião cura mesmo”. Depois, como ela era muito pobrezinha, eu mandei uma cesta grande de alimentos para ela, como forma de agradecimento. Por isso que eu digo, eu acho que tendo fé e acreditando em Deus, todas as religiões são válidas.

Depois disso, quando cheguei em casa, o meu marido se levantou da cama e foi trabalhar. O meu marido era muito invejado, porque ele

era muito inteligente. Ele não tinha muita instrução, mas ele lia muito e ele pegava as coisas no ar. Pra se ter uma ideia de como ele era inteligente, ele atendia o telefone, via televisão, lia e dava as ordens ao mesmo tempo! Uma pessoa *pra* fazer isso é porque é muito inteligente...

O ruim do meu marido é que ele bebia muito. E brigava muito comigo. Sempre era: “onde você foi, com quem você foi, o que foi fazer?”. E desconfio que meu marido não era só bebida não, acho que tinha outras coisas envolvidas também... Uma vez, a minha sogra foi nos visitar e eu fiz uma peixada para ela, que ela gostava muito de frutos do mar. Aí o Euclides chegou bêbado em casa. Ele chegou bêbado e foi sentar para comer conosco. Quando a minha sogra falou que tinha ido pedir mais dinheiro para finalizar a obra da casa de Catanduva, que *tava* em reforma, o meu marido pegou a toalha da mesa e puxou, foi tudo *pro* chão! Tudo *pro* chão: prato, peixe assado, tudo. Aí ele falou *pra* ela: “a senhora pensa que eu sou um Banco do Brasil?”, porque quando o meu marido comprou a casa dos meus sogros, ele disse que era *pra* reformar só o essencial, mas eles foram mexendo, pensaram que ia sair de um jeito e saiu bem mais caro. No dia seguinte, ele começou a brigar comigo e a mãe dele *tava* lá na casa ainda, aí ele pegou uma espingarda, que eu nem sabia que tinha em casa, e correu atrás da gente! Nós duas saímos correndo e nos escondemos no jardim de uma casa da vizinhança! Quando voltamos, a polícia estava lá e, depois que resolveu tudo, meu marido foi dormir. A minha sogra disse que nunca tinha visto uma coisa igual, que o filho dela era tão bonzinho, eu falei *pra* ela: “essa é a vida que eu *tô* tendo com o seu filho”. Acho que ele não estava normal...

Eu sofria tanto com o meu marido, que eu chegava a ter medo dele, já não era mais um casal normal. Nós íamos muito jantar fora, mas quando a gente voltava, ele sempre me batia, porque dizia que eu estava olhando *pro* garçom, que eu estava olhando *pra* mesa do lado, que eu estava olhando *pra* alguém. Uma vez ele quebrou um copo no meu olho, tenho a marca aqui até hoje. E eu pensava: “esse homem não tá bom, mas o que posso fazer? A minha mãe já não queria o casamento, vou reclamar *pra* quem?”, tinha que aguentar...

Nessa época da casa azul, nós estávamos bem financeiramente, mas de onde aparecia, eu não sei direito, porque o Euclides não me contava muito dos negócios dele, só sei que ele era comerciante, que trabalhava com vendas de carros e de joias. O meu marido foi *pra* mim uma incógnita de pessoa. Quando ele estava sóbrio, ele era uma pessoa boa, carinhosa, conversava muito bem, era muito inteligente... Mas quando ele estava bêbado, ele era outra pessoa... Completamente dúbria! Mudava de personalidade, tinha duas faces, porque era uma pessoa boa e de repente se transformava em um monstro...

Um lado bom do meu casamento é que ele me proporcionou uma vida luxuosa e de muitas viagens, conheci muitos lugares...

Eu fiquei casada durante 32 anos, até ficar viúva, e apesar de algumas coisas que aconteceram, eu não me arrependo. Aliás, tudo o que eu fiz na minha vida, eu nunca me arrependi. Acho que o que a gente faz, não adianta se arrepender, já *tá* feito mesmo.

Um lado bom do meu casamento é que ele me proporcionou uma vida luxuosa e de muitas viagens, conheci muitos lugares... O Euclides gostava muito de viajar e era ele quem arrumava as nossas malas, quem programava as viagens e quem preparava os roteiros de passeios, ele sabia de tudo, se tínhamos que levar roupas de frio ou de calor. Lembro que ele costumava bater com a mão no bolso, indicando o dinheiro, e dizia: “o filho da puta aqui fala qualquer língua...” E falava mesmo!

Já fui *pra* Argentina, *pro* México, pros Estados Unidos, *pra* Espanha, *pra* Portugal, *pra* Itália, *pra* Inglaterra e até *pro* Marrocos! Também conheci muitos lugares do Brasil.

O único lugar que não gostei foi Londres, acho que porque quando descemos do avião estava aquele pó londrino, aquela névoa, o *fog* londrino, eram umas três horas da tarde e eu achei aquilo muito triste, muito escuro e com pouca gente na rua, então eu não gostei muito.

Mas em Londres tinha aqueles lugares com uma loja atrás da outra, aquelas vitrines maravilhosas com manequins humanos, aquelas roupas caríssimas e lindas de costureiros famosos, coisas de Primeiro Mundo!

Argentina era uma maravilha, Espanha e Portugal também. Na Argentina tinha muitos brasileiros, tinha até uma rede de loja de perfumes que chamava Ivone, pois a dona era uma brasileira. Em Portugal, lembro que os portugueses eram muito bonitos e educados, só que nós fomos numa época ruim, porque os pescadores estavam em greve e não pudemos comer a bacalhoadade Portugal. Lá visitamos a Torre de Belém, um lugar muito lindo. Na Espanha, nós fomos nas touradas e torcíamos pelo toureiro, não pelo touro, porque nos disseram que depois davam a carne do touro *pras* pessoas carentes.

Eu também gostei muito do México. Um dia, quando desembarcamos, meu marido tinha bebido tanto no avião que um funcionário chamou ele de bêbado e ele respondeu: “*borracho está usted*”, foi muito engraçado! Fizemos passeios maravilhosos no México, a gente andava de gôndola e os *mariachis* iam atrás tocando e cantando.

Outro lugar que gostei muito de visitar foi a Itália. Roma me marcou demais... *Pra* começar, a comida, que tudo lá é muito bom. Nós íamos aos restaurantes, escolhíamos o tipo de macarrão e o molho que queríamos comer, eles faziam na mesma hora, era uma delícia, e tinha vinhos muito bons também. Além da comida, quando estávamos lá, o Papa João Paulo II deu as bênçãos na catedral e acho que na minha vida foi a maior emoção que eu já tive! O que aconteceu: nós estávamos lá vendo o papa passar, ele subia em um banquinho e ia abençoando as pessoas, que batiam palmas e davam vivas para ele, aí eu não sei o que me deu, mas de repente eu gritei: “Papa, Brasil!” e ele virou, olhou e fez um sinal *pra* eu me aproximar... Eu beijei a mão do Papa! Foi tão emocionante, foi uma coisa tão espontânea minha! Aí o povo bateu palmas e eu comecei a chorar, depois todo mundo vinha falar comigo, beijavam a minha mão e diziam que eu era abençoada por Deus...

Tenho mais duas curiosidades para contar da Itália: o teto da Capela Sistina, pintado por Michelangelo, foi feito com pincéis de fios de cabelos de virgens. E ela é toda de ouro, pequenininha, maravilhosa.

Fomos visitar também as ruínas, vimos o palácio de Nero, que tinha as unhas compridas e que ficava arranhando o muro, então até hoje existem essas marcas das unhas dos dedos do Nero lá.

Uma coisa que percebi é que lá fora, saindo do Brasil, as pessoas pensam que aqui só mora índios. Tanto que quando eu andava em Marrocos, vinham umas vinte pessoas atrás de mim, ficavam me olhando que nem bobas. O que mais me marcou em Marrocos foi quando fomos à casa de um sultão. Este sultão tinha quatro esposas, com uma casa para cada, e a esposa que conhecemos era muito simpática, mas ela não se sentava para comer conosco, ela ficava coordenando o jantar, que quem servia eram os empregados, e de vez em quando ela se aproximava do marido *pra* saber se estava indo tudo bem, aí quando ela voltava para a cozinha, ela saía de ré, não dava as costas para ele!

Antes de irmos para o Marrocos, eu estudei muito francês, então nunca me esqueci do sultão me dizendo: “*madame Euclidá, mangez avec le doigt*”, porque eles comiam com as mãos! Nessa época, era o auge de nossa curtidora em Campinas, eu andava em Marrocos como se estivesse andando no Brasil...

Com a Curtidora Campineira de Calçados S.A., meu marido chegou a ser eleito “o industrial do ano” na cidade!

Entre 1979 e 1980, quando nós morávamos na casa azul em São Paulo, foram lá conversar com a gente advogados, que já eram conhecidos do meu esposo, propondo um negócio na cidade de Campinas. Uma família muito rica, a família Kerlakian, queria vender a fábrica de calçados. Em Campinas ficava a curtidora, onde o couro era curtido, e em Franca, a fábrica de calçados. Eles foram lá e perguntaram se o meu marido queria entrar como sócio deles e comprar o negócio dos Kerlakian. A transação como foi feita, eu não posso dizer nada, porque eu não participei, só sei que meu marido entrou como presidente e eu como diretora.

Então viemos para Campinas no início da década de 1980. Com a Curtidora Campineira de Calçados S.A., meu marido chegou a ser eleito “o industrial do ano” na cidade! Existem reportagens sobre isto nos jornais da época, é só procurar, e também saíamos muito nas colunas sociais. O Euclides viu uma possibilidade de ganhos altíssimos nesse negócio e foi o que aconteceu realmente.

A curtidora ficava no bairro Vila Industrial, onde ela está até hoje, desativada. Naquela época, a curtidora deu emprego *pra* muita gente na cidade e ela era registrada direitinho na SUGESP, tinha o alvará *pra* funcionar, mas quando fizemos o negócio, ela estava quase inativa e meu marido foi quem reergueu ela.

Eu fui colocada como diretora, mas eu só assinava os papéis, ele me mostrava e eu assinava: “assina aqui, assina aqui, assina aqui...” Lembro de uma máquina bem antiga que tínhamos lá, uma máquina alemã de curtir o couro, dois homens tinham que ficar direto ali olhando essa máquina, porque o couro só podia ser esticado até um certo ponto, senão ele arrebentava e aí já não prestava mais. E lá tinha guarita, tinha um grande portão de ferro, tinha garagem, tinha um tanque com carpas, tinha o escritório do meu marido, que era muito lindo, decorado com carpete e com cortinas, ao lado tinha uma copa e ele contratou um *barman* para servir os clientes que iam lá. Tinha também um banheiro completo, uma sala de reuniões e uma sala de corte de couro.

O couro cru vinha da Bordon, da Swift, desses frigoríficos onde o couro era aproveitado, vinha de caminhão ou de avião, nós tínhamos um avião que ia buscar o couro até um raio de 500 quilômetros. Assim que o couro cru chegava na curtidora, ele era jogado em tanques com sal grosso, tínhamos cerca de cinco tanques para isto. Era daí que soltava aquele cheiro horrível de couro, um cheiro que ninguém aguentava! Depois o couro era lavado com uma mangueira e posto *pra* secar, aí tinha que ser tingido nas tinas de tingimento. E aí que o couro era esticado naquela máquina alemã e mandado *pra* Franca, onde estava a fábrica de sapatos. Esta fábrica só fazia sapatos masculinos e eram todos feitos artesanalmente, um trabalho muito caprichado.

O meu marido tinha contratado um senhor que era, vamos dizer assim, um estilista de sapatos. Ele ia duas ou três vezes por ano à Europa, principalmente Londres e Paris, observar as últimas tendências da moda, visitar as lojas, e trazia as ideias para a curtidora. Era muito interessante, ele fazia o desenho e depois alguém cortava o couro e mandava tudo mastigado lá *pra* Franca, onde era montado o sapato. Com isto, o meu marido ganhou muito dinheiro, porque uma vez este senhor foi para os Estados Unidos e teve a ideia de fazer um tênis colorido, a partir das rebarbas dos cortes de couro, *pra* levar *pro* Bronx. Aquilo foi um estouro! Um tênis colorido de couro, de cinco ou seis cores, pros negros do Bronx!

Nós morávamos em uma casa no bairro Alto Taquaral, na rua José Lins do Rêgo, que foi comprada do senhor Airton Cipriano. Esta casa tinha tudo, era uma casa imensa, toda de pedras, que varava na outra rua, com um muro de cinco metros de altura que meu marido mandou construir e que os pedreiros diziam que ele estava gastando dinheiro à toa. Tínhamos pomar, piscina aquecida, sauna, churrasqueira de azulejos portugueses e um jardim maravilhoso, eu cuidava de 250 vasilhos de gerânio todos os dias pela manhã! A casa está lá até hoje, tenho vontade de ir lá qualquer dia, tocar a campainha e me apresentar, dizer que já morei lá, ver como é que ela está...

Os meus filhos já não moravam mais com a gente nessa época, já estavam casados e vinham nos visitar de vez em quando, era uma casa muito grande *pra* nós dois. Foi por isto que depois nos mudamos para o Rio de Janeiro, onde eu sempre tive o sonho de morar, eu falei *pro* meu marido: “Olha, aqui nessa casa muito grande, eu trabalho muito e vejo pouco você, meu sonho é morar no Rio”, então ele falou: “Nós vamos *pro* Rio de Janeiro, vou fazer o sonho da tua vida...”

“Por que eu, meu Deus?” eram as palavras que eu mais ouvia quando meu marido estava doente...

Meu marido tinha comprado a curtidora em Campinas com a cara e a coragem e aquilo começou a crescer desordenadamente, o dinheiro

começou a entrar muito rápido, a granel, então o dinheiro subiu na cabeça!

Nós moramos durante quatro anos em Campinas: chegamos em 1980, compramos o apartamento no Rio de Janeiro em 1983 e nos mudamos em 1984. Nós compramos um apartamento no Leblon, só que antes da mudança, tivemos que reformá-lo, o que levou um ano. Chegamos a gastar na reforma o dobro do que pagamos e íamos quase todo final de semana para o Rio ver como estava ficando a obra, que ficava na rua General Artigas nº 72, apartamento 301. Ficávamos hospedados no Hotel Villa Rica e íamos muito a Angra dos Reis e a Paraty comer peixe e camarão, chegamos a ter um aviãozinho particular, era muito gostoso...

Lá no Rio, íamos sempre à praia, saíamos *pra* dançar, frequentávamos o baile do Bola Preta e do clube Samba, Feijão e Mulata. Gostávamos de comer ostras com limão, pimenta, tabasco e raiz forte. Raiz forte, uma delícia! E aqueles peixes fritos, acho que eram cação ou dourado, bem grandes e vinham com bastante cebola e rodela de tomate... Ah, era uma delícia! Nós fomos também à inauguração do sambódromo, em 1984, que foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

O Euclides era muito vaidoso, ele cortava o cabelo num cabeleireiro famoso do Rio de Janeiro, o Jambert. Esse cabeleireiro tinha um robô só *pra* servir café e whisky pros clientes, era muito chique, um luxo só! O meu marido ia a cada 15 dias lá, que ele tinha uma entrada grande aqui na frente e gostava de puxar o cabelo assim de lado, também pintava o cabelo, que *tava* ficando branco na raiz, e fazia o pé e a mão. O Euclides também gostava muito de tomar sorvete e água de coco na praia, de comer milho cozido no Arpoador... Eu comecei a reparar que ele estava emagrecendo muito e que nem tudo ele queria comer. Ele não queria mais ir à praia e eu vinha vendo que ele estava cada vez mais caído e com uma cor muito feia... Ele ficou esverdeado. Aí ele comprou uma bengala e, sem vaidade, sem nada, nós íamos à missa todos os sábados à tarde.

Nesse interim, na época em que nos mudamos para o Rio de Janeiro, eu estava em depressão. Eu vinha de uma depressão desde

que vendemos a mansão de Campinas e ela foi piorando e ficando cada vez mais violenta, até o ponto em que tentei me matar duas vezes... Eu chorava muito, sentia falta de ar, pensava que ia me afogar quando ia tomar banho, não conseguia comer porque achava que a comida não ia descer pela boca... Durante as noites, tirava todas as louças do lugar, lavava e recolocava onde estavam... Até que uma amiga, a Jamila, me indicou um médico especialista para tratar da doença.

O meu marido já havia me levado em outros médicos e em terapias de grupo, mas quando chegava a minha vez de falar, eu só chorava e não conseguia falar nada! Então agendamos uma consulta com esse doutor especialista em depressão. Lembro que o consultório era em Copacabana e que eu já entrei na sala chorando e pedindo para ele abrir as janelas, que eu estava com falta de ar. E ficava dando voltas ao redor da mesa... Olha como eu me lembro em detalhes, como se fosse agora... Fiquei andando em volta da mesa até me cansar, o meu marido dizia: “Senta e conversa com o doutor” e ele: “Eu tenho o tempo do mundo, deixa ela acalmar e a hora que ela quiser falar comigo, ela fala”. Quando eu me acalmei, expliquei ao doutor que eu me sentia doente, que eu tinha vontade de chorar, que eu me sentia muito sozinha, que eu tinha muita saudade de muitas coisas, principalmente da minha mãe que estava em São Paulo, da minha filha em Campinas e do meu filho em São Luís do Maranhão... Tudo era motivo *pra* eu ficar deprimida.

O doutor disse que ia preparar umas fórmulas e que queria me internar durante oito dias para fazer o tratamento. Meu marido achou desnecessária a internação e se ofereceu para cuidar de mim em nossa casa, apesar de que ele é quem já estava ficando doente também. E assim foi feito. O tratamento foi o seguinte: eu tinha que tomar banho de hora em hora, mesmo que fosse de noite, tinha que acordar e levantar para tomar banho. Às vezes o doutor ligava em casa e falava com o meu marido, às vezes ligava de madrugada querendo saber se eu estava embaixo do chuveiro. Ele também receitou uma dieta e remédios, principalmente calmantes. Isso foi feito durante oito dias e foi esse tratamento que me curou. Mas não foi fácil, eu penava *pra* sair da cama, não queria ir *pro* chuveiro, molhar a cabeça e tal.

Depois desses oito dias, voltamos ao consultório, eu *tava* até meio abobalhada, e o doutor diminuiu quase todos os remédios. Ele explicou que a depressão é uma enzima que se instala no organismo da gente e que todos nós temos um limite no copo da vida, até a nossa gota d'água. E comigo aconteceu como ele falou: “A depressão maltrata, mas não mata”... Eu fazia nessa época aulas de ginástica na Yara Vaz, falecida hoje. Foi na academia dela que uma amiga me indicou um médico para o meu marido. Era um clínico geral ali do Leblon mesmo, um sírio muito conhecido e um dos médicos mais caros do Rio de Janeiro. Nós fomos lá e ele pediu com urgência uma porção de exames *pro* meu marido, e alertou: “Eu vou pedir com urgência, mas de antemão vou dizer que coisa boa, pela sua aparência, o senhor não tem”. Eu logo pensei no meu falecido pai...

Meu marido estava com câncer na cauda do pâncreas. O doutor, quando saiu o resultado dos exames, explicou que ele teria que fazer uma cirurgia muito grande, porque o câncer estava bem adiantado, e foi enfático: “Se o senhor operar, o senhor morre; se o senhor não operar, o senhor morre do mesmo jeito...” Com um pouco de esperança, decidimos pela cirurgia.

Nesse dia, saímos do médico e paramos em um restaurante que de sábado a especialidade era feijoada. Eu mal cheguei lá e já pedi *pro* garçom uma caipirinha dupla “com bastante gelo e cachaça”. Era cachaça mesmo que eu queria, porque eu queria me embebedar. Nem me lembro se comemos ou não a feijoada, só sei que engoli a caipirinha num gole só e que fui arrastada *pro* carro! Que vexame... Mas cada pessoa reage de uma forma, eu recém curada da minha depressão, pensei: “Aqui hoje eu vou soltar a franga”. E cheguei carregada no meu apartamento também, que ficava no 3º andar. Aí acordei naquela ressaca, até que meu marido falou: “Mulher, chega de palhaçada, vamos cuidar de mim agora...”.

A cirurgia dele foi feita em São Paulo, no hospital Albert Einstein, porque o médico falou que no Rio de Janeiro ele não tinha uma equipe organizada de oncologistas e que o Einstein era o melhor hospital que tinha para essa cirurgia, já que meu marido tinha condições financeiras.

Meu filho e minha filha também foram lá acompanhar o pai. O Euclides operou no dia 8 de maio de 1986 e faleceu sete meses depois.

Que sofrimento esse homem passou... “Por que eu, meu Deus?” eram as palavras que eu mais ouvia quando meu marido estava doente... A cirurgia durou 12 horas, ele tirou o rim, o baço, a suprarrenal e o pâncreas. Depois de cinco dias na UTI, foi *pra* outro quarto e depois de 15 dias, recebeu alta do hospital. Aí nós voltamos *pro* Rio de Janeiro, mas ele fazia a quimioterapia em São Paulo, ficávamos na casa do irmão dele, quando acabava a sessão, vomitava até os olhos. E nós nessa odisseia de Rio, São Paulo, Rio, São Paulo...

Ele tentou também um tratamento com o tal de José Arigó, que era um espiritualista famoso, mandou vir de lá do norte, pagou tudo *pra* ele, passagem, hospedagem e o tratamento, mas não resolveu. Nesse meio tempo, meu marido teve uma recaída forte: ficou de cama, com muita febre e vomitando. E eu cuidando dele... O médico achou melhor interná-lo novamente, dessa vez fomos *pro* hospital da Carmem Prudente, também em São Paulo. O remédio que ele tomava, muito caro, eu já não dava mais conta de comprar, o Albumina Humana. Um dia o médico falou *pra* mim: “*Tá* vendo aquela senhora ali? Essa noite nós demos uma injeção nela, que ela já amanheceu morta. Assina aqui que a senhora também quer fazer isso com o seu marido”, eu falei: “Eu não, doutor! Vou matar o meu marido? Uma que a consciência não permite, outra que eu sou católica!”, aí ele me respondeu: “dona VILMA, a senhora vai ver isso o resto da sua vida. Enquanto a senhora viver, a senhora vai ver esse quadro dos últimos meses que ele vai durar, como se fosse uma televisão, um filme pavoroso, ele sofrendo, gastando, e a senhora acompanhando”. E assim foi.

Conseguimos que o médico desse alta do hospital, mesmo ele estando em estado terminal, e fomos visitar o apartamento do Rio de Janeiro pela última vez, esse era o desejo do meu marido, antes de irmos para a casa dos pais dele em Catanduva, que ele queria falecer na casa dos pais. Um amigo dele emprestou o avião e fomos com um médico acompanhando até lá, mas depois contratamos um enfermeiro para me ajudar a ficar cuidando dele na casa dos pais. E foi assim que eu

passei os últimos dias de vida do meu marido, eu dormia no quarto ao lado com minha cunhada, mas ficava o dia inteiro ali com ele, sentada na cadeira de balanço e lendo a Bíblia para ele...

O Euclides faleceu em 8 de dezembro de 1986. Deixou uma carta do próprio punho que queria ser cremado, mas como no Rio de Janeiro não tinha crematório, ele foi cremado na Vila Alpina, em São Paulo. O atestado de óbito dele consta como parada cardiorrespiratória e caquexia neoplásica, digo eu um câncer generalizado.

Quando eu chegava em algum lugar, era logo “cheguei”!

Quando eu fiquei viúva, eu tinha 52 anos, mas parecia que eu tinha uns 30, porque eu era muito conservada, já tinha feito plásticas e continuava muito bonita... Chovia homem na minha horta! Eu era queimada de pele, bronzeadada cor de jambo, olhos azuis, cabelo loiro, eu era uma boneca mesmo. Quando eu chegava em algum lugar, era logo “cheguei”! Todo mundo olhava *pra* mim, eu era muito assediada...

Eu ia à praia todos os dias, ia em bailes, fazia massagens com uma amiga que estudava as técnicas de massagem e treinava em mim. E eu tinha amigas com quem eu saía *pra* jantar, *pra* fazer compras, *pra* ir ao cinema, ao teatro, à praia... Lembro da Jamila, da Silvina, da Ruthinha, nem sei se elas vivem ainda, porque elas eram mais velhas do que eu, e a Irene, que foi minha melhor amiga. A gente frequentava o clube Samba, Feijão e Mulata, que começava à uma hora da tarde e ia até às sete horas da noite. Íamos muito também no Bola Preta, outro clube tradicional do Rio de Janeiro, onde tinha bailes para a terceira idade, e gostávamos de tomar chopes no Amarelinho, tudo na Praça XV.

No meu aniversário de 53 anos, fomos comemorar no clube Samba, Feijão e Mulata e depois fomos ainda no Bola Preta, porque estávamos com um grupo de franceses e queríamos mostrar todos esses lugares do Rio de Janeiro para eles. Foi um dos melhores aniversários da minha vida! As minhas amigas eram só zueira e elas puseram como enfeite do bolo um pinto de borracha que tinham comprado num sex

shop! Nesse dia eu estava com um vestido de algodão branco, com as costas de fora, lenço colorido na cintura e mil pulseiras coloridas, estava uma gatona mesmo, fiquei de olho em um rapaz que estava com a noiva, mas que não tirava os olhos de mim...

Todos os sábados, um amigo do meu falecido marido, o Danilo London, vinha visitar meu marido. Quando eu fiquei viúva, ele desmanchou o noivado dele *pra* namorar comigo. E ele era maravilho, usava lentes de contato verdes, era alto, tinha carro do ano e vinha me buscar em casa para irmos dançar. Nosso relacionamento estava até ficando sério, só que eu nunca consegui ir para a cama com ele, porque ele era “muito bem dotado”, como dizem por aí.

Um dia, eu estava saindo do Clube Samba, Feijão e Mulata e peguei carona com o Pedro, que eu conheci naquela hora mesmo e aceitei a carona porque minhas amigas já tinham ido embora e estava chovendo. Só que, no caminho, a rua começou a encher de água e ele encostou o carro, pulou *pro* banco de trás e disse que ia descansar um pouco, que tinha bebido muito. Eu não quis esperar e saí do carro, arrumei uma outra carona e quando cheguei em casa, fui direto *pra* banheira. Aí começou a tocar o telefone, era o Pedro me convidando *pra* sair no domingo seguinte e se eu tinha alguma amiga *pra* um amigo dele. Ele era bem mais novo do que eu, tinha menos de 30 anos. Aceitei o convite e depois acabamos namorando. A gente se chamava de “gracinha” e eu comecei a gostar tanto dele, que só de ficar perto, eu ficava com o sangue que fervia! Nós namoramos durante cinco anos e meio, porque nessa época eu ia muito *pra* São Paulo, ficava fora alguns dias, aí numa dessas viagens, quando eu voltei, ele estava com outra. Eu sofri muito...

Mas eu também já estava saindo com outro que eu tinha conhecido na Mangueira, tinha o mesmo nome do meu marido, Euclides. Ele era muito gentil, sempre me trazia flores, me acompanhava nos lugares, me levava *pra* dançar, mas nós namoramos seis meses apenas, porque ele queria até pedir a minha mão em casamento *pra* minha mãe, só que minha mãe era racista e não ia aceitar. Ele ficou meio sentido comigo, mas eu fui franca com ele.

Vou contar o caso do doutor: em um grupo de oito pessoas mais ou menos, saímos *pra* dançar, e no meio desses estava o doutor João, que era clínico geral, novo e solteiro. Nós fomos nesse dia jantar em casa, fizemos macarronada, compramos cerveja e fomos *pra* lá escutar uma música e conversar, foi a turma toda. No final, o doutor perguntou se ele podia dormir em casa e que queria dormir na minha cama, eu falei *pra* ele: “Doutor, escuta bem, você *tá* bêbado, mas não *tá* fora de si, você vai dormir na minha cama, mas não vai encostar em mim, porque eu *tô* esperando um resultado de Aids”. Aí não aconteceu nada mesmo, mas acho engraçada essa história do doutor, essa desculpa que eu arrumei!

O último namorado que eu tive foi o caso Mário. Eu tinha alugado o meu apartamento do Rio e fui passar um tempo com a minha irmã mais velha no apartamento dela, que ficava na Biquinha, em São Vicente. Eu pagava 250 reais por mês *pra* minha irmã, *pra* ajudar nas contas da casa, e ajudava a fazer feira, a cozinhar, a limpar... O Mário morava no mesmo prédio, foi aí que eu o conheci. Ele também era mais novo do que eu, um rapaz alto, carnudo, muito bonito. Um dia, uns amigos dele convidaram a gente *pra* ir passar o dia em Itanhaém, lá do lado, e nós fomos. Chegando lá, quando a gente voltou do banho de mar, a minha bolsa de praia com minha canga e minhas coisas tinham sumido. Aí eu quis ir na delegacia fazer um boletim de ocorrências, que tinham roubado as minhas coisas de praia. Chegando lá, quando o delegado pegou meu documento, ele olhou bem *pra* mim e falou: “A senhora veio dar queixa de uma bolsa com coisas de praia? Ah, logo eu vi! Rio de Janeiro só tem puta e veado!”. Ele falou isso porque eu estava só de biquíni na delegacia, a minha canga tinha sumido! Aí eu respondi *pra* ele: “Putá é a puta da tua mãe” e ele falou: “A senhora está presa, desacato à autoridade”. Me colocaram algema e me jogaram numa cela... No final, uma advogada conhecida minha e o pai dela, também advogado, me tiraram de lá, mas eu tive que ir durante dois anos, todos os meses, no Palácio da Justiça do Rio de Janeiro assinar uns papéis. Depois disso, minha irmã não me quis mais lá no apartamento dela com ela, mesmo a culpa não sendo minha. Vê como que é a minha vida? Até presa eu já fui! Cada uma...

*Foi depois que as coisas começaram a fugir do controle.
E o dinheiro começou a se acabar...*

Antes de meu marido morrer, ele estava muito doente e debilitado fisicamente, mas ele estava lúcido, então ele chamou o cartório lá no hospital e passou o cargo dele de presidente da curtidora de Campinas para meu nome. Eu já era diretora e passei a ser diretora e presidente.

Só que a curtidora já não estava rendendo como antes. Aliás, ela havia sido declarada inadimplente pelo governo, porque o Euclides parcelou uma dívida em quatro parcelas e só conseguiu pagar três, ficou faltando a última. Foi aí que o bicho pegou... Mas mesmo na inadimplência, algumas coisas da curtidora continuaram funcionando, porque inadimplência não é falência. Foi depois que as coisas começaram a fugir do controle. E o dinheiro começou a se acabar...

A doença de meu marido consumiu muito dinheiro, pois não tínhamos plano de saúde e fizemos tudo por médicos e hospitais particulares. Até as telhas da curtidora o meu marido teve que vender, eram telhas legítimas francesas e valiam muito dinheiro, então ele vendeu e mandou colocar outras telhas, de menor qualidade, no lugar daquelas. As joias que tínhamos, tivemos que penhorar, nunca mais eu recuperei elas. E eu tinha cada joia, brincos com pérola e brilhantes, conjunto de esmeraldas, um solitário de brilhante, um bracelete com três carreiras de brilhantes, três de pérolas, três de brilhantes e três de pérolas... Eram lindíssimas!

Tem mais uma história da curtidora que quero contar: tínhamos um amigo, chamado Francisco, que era caminhoneiro. Ele era grande amigo do meu marido e morava com os pais em uma casa ao lado da curtidora. Quando ele se casou, meu marido permitiu que ele fosse morar lá dentro. E ele começou a alugar alguns galpões para pessoas do norte que chegavam na cidade, nesta época o Euclides já tinha falecido. Aí ele entrou na justiça pedindo usucapião da curtidora. A minha filha chegou a morar lá também durante algum tempo, *pra* tentar tomar conta das coisas, mas depois que ela engravidou, era um local desconfortável para ela morar. Só sei que quando vimos, ele já

tinha tomado conta de tudo. Ele chegou até a me ameaçar de morte uma vez que fui lá. No final, o juiz Valter Vieira, nem sei se ele vive ainda, dividiu a curtidora em duas metades: a parte de baixo para esse Chico, que tomou conta de lá, e a parte de cima para mim. Uma grande injustiça...

Antes disso, enquanto eu estava no Rio, já tinham roubado tudo de lá da curtidora, tinham vendido os carpetes, tirado a geladeira, arrancado a pia, arrombado os cofres. Tinha uma máquina que custava uma fortuna, que eu não sei onde que foi parar... Hoje, a parte que ficou *pra* mim não vale quase nada e minha filha aluga essa parte por uma mixaria *pro* ex-marido dela, que trabalha com sucata.

Eu sempre ia para Campinas com a intenção de reaver a curtidora. E também ia muito para São Paulo passar alguns dias com a minha mãe. Depois de algum tempo, precisei alugar o apartamento do Rio de Janeiro. No começo, eu alugava *pra* um senhor por 2400 reais e morava em São Paulo com a minha irmã mais nova. Às vezes, ia passar algum tempo na casa de minha irmã mais velha, em São Vicente.

Quando minha mãe morreu, nós choramos muito. Tivemos que vender o piano dela por 800 reais, um Knauss que estava com cupim, por isso foi vendido tão barato. E cada um dos filhos teve que pagar um valor para o advogado pelo inventário, só que esse dinheiro nós não recebemos ainda, porque o meu irmão se nega a assinar o inventário até hoje, ele diz que nunca teve mãe nem irmãs...

A minha irmã de São Paulo me acusou de ter roubado 1000 dólares que ela tinha guardados em uma gaveta. Claro que não fui eu que peguei, eu tinha os meus dólares, que eu recebia do aluguel do meu apartamento, mas aí ela falou que eu fosse embora, que ela ia trocar até a chave da porta e que eu não voltasse nunca mais. Com muita tristeza e solidão, voltei para o Rio de Janeiro.

O meu inquilino já tinha saído do apartamento, então quando cheguei lá no Rio, aluguei os quartos para conhecidas e eu dormia na sala. O síndico, amigo meu, me ajudou a enganar o pessoal do prédio dizendo que eram parentes minhas e que estavam passando uma temporada em casa. Comecei a trabalhar em dois lugares: meio período em

um brechó e meio período vendendo preservativos na rua, em bancas de jornais, hotéis e motéis. E também colocava muitas coisas que tínhamos *pra* vender no leilão: quadros de Di Cavalcante e da Tarsila do Amaral, copos de bico de jaca, faqueiro banhado à ouro, pratos que eu trouxe do Marrocos, tudo o que era de valor. Eu precisava de dinheiro e não recebia nenhuma pensão ou aposentadoria da parte do meu marido, nada, porque ele nunca contribuiu, ele dizia que não ia dar dinheiro *pra* governo!

Chegou uma hora que o aluguel dos quartos só não tava dando, porque tinha muita conta *pra* pagar, tinha IPTU, condomínio, água, luz, telefone... Quando chegava a conta do telefone, eu ficava que nem uma maluca lá dividindo: “esse é teu, esse é meu, esse é teu”... Aí eu fui morar em outro lugar, *pra* poder alugar o apartamento inteiro. Primeiro aluguei um quarto na casa de uma amiga, era um quarto todo mobiliado e com tudo novinho, abajur, cama, lençol de cama, mas depois eu fui morar em Itaipuaçu, uma cidadezinha praiana depois da ponte Rio-Niterói, com outra amiga minha. Era uma mansão e ela alugou a guarita da casa *pra* mim por 100 reais. A guarita era uma casinha meio mal acabada, mas era bom porque eu tinha minha privacidade e ela não era tão pequena, tinha uma cozinha, o banheiro e um quarto. Eu levei o meu sofá cama e a minha geladeirainha, um frigobar. Só que começaram a aparecer muitos ratos... Era cada ratazana imensa! Mesmo colocando veneno, ratoeira, não conseguíamos acabar com essa praga... E eu tinha medo, lógico, eu dormia com uma vassoura do meu lado! Então eu falei *pra* essa amiga minha: “Climene, não dá mais *pra* ficar aqui”. Aí ela me indicou uma senhora lá de Copacabana, uma senhora de idade e que morava sozinha, que ia me cobrar só um pouco *pra* ficar lá, porque eu ia ser que nem uma dama de companhia para ela.

Eu liguei *pra* essa senhora e ela disse que eu poderia ir *pra* lá, aí eu fui e levei as minhas coisas, mas depois o filho dela chegou e disse que a mãe não batia bem da cabeça, que não era nada disso e que eu não poderia ficar lá. Nesse interim todo, o meu apartamento *tava* alugado *pra* uma americana que pagou os seis primeiros meses e depois não pagou mais. Ih, ela me deu um problemão...

Eu não sabia *pra* onde ir... Nessa época, eu já estava com mais de 60 anos, já estava recebendo aposentadoria por idade, mas era só isso que eu recebia, o dinheiro quase não dava *pra* nada. A minha amiga, Irene, estava sempre comigo, me ajudava a procurar lugares *pra* morar. Eu estava com ela na praia, pensando o que que a gente ia fazer, quando chegou a Cristina...

*Quando eu saí do morro fugida, eu deixei tudo lá:
fotos, documentos, coisas que eu tinha...
Será que eu teria morrido mesmo?*

A Cristina era uma conhecida nossa da praia, ela morava no Morro do Vidigal e vendia cerveja na praia com o neto de 15 anos. Devo a vida a esse menino...

Eu estava na praia com a Irene, quando a Cristina chegou e eu perguntei a ela se não conhecia nenhum lugar *pra* eu alugar, porque ela conhecia muita gente lá da praia, ela me respondeu: “Imagine, você posando por aí, vai morar no morro comigo, a minha casa é grande e não vou te cobrar nada”. Eu fiquei com certo receio, porque eu sabia de uma história que a Cristina tinha matado o marido dela a facadas, mas aceitei o convite mesmo assim, porque eu não sabia aonde ir e conhecia ela há muito tempo. Quando o neto dela era criança, eu ajudei a cuidar dele: levei no médico, no dentista, *pra* passear... Ele me chamava de “tia Vilma” e gostava muito de mim. Lá no Rio de Janeiro é assim, as pessoas dos prédios ajudam muito o pessoal do morro, que são pessoas conhecidas da praia. Eu mesma, às vezes fazia comida em casa e já fazia em grande quantidade. E eles, quando ganham alguma coisa, dividem entre eles. Nunca esqueço uma vez que fiz bacalhoadá e escapou a pimenta, ficou todo mundo lá com dor de barriga!

O morro do Vidigal fica perto da Rocinha, mas a gente chega nele pela avenida Niemeyer. O caminho era o seguinte: sai da praia do Leblon, tem uma pracinha, aí pega a rua que sobe, onde começa o morro. Essa rua tem que subir de moto, não dá *pra* subir à pé, porque é

muito íngreme, e carro lá também não sobe. As motos ficam tudo paradas lá embaixo, as moto-táxis. Tinha cada velhinha que andava lá, abriam as pernas e iam embora! Aí lá em cima tem outra praça, ao redor um monte de birosacas, e logo em seguida era a casa da Cristina. A casa dela era de madeira e em cima tinha outra casa, de outra família. Como não tinha água encanada, ela tinha um barril grande onde acumulava água.

Quem limpava a casa e fazia a comida era o filho dela, um rapaz de 30 anos mais ou menos e que estava em prisão domiciliar, não sei o que ele tinha feito e não perguntei também. A Cristina e o neto, filho desse filho, trabalhavam vendendo cerveja na praia. O marido, como eu disse, tinha sido morto por ela, mas ela não foi presa porque alegou legítima defesa. A comida era quase sempre macarrão, porque a Cristina, quando voltava da praia, trazia muita coisa que as mulheres lá de baixo davam. O meu sofá-cama colocaram na cozinha e também levei meu armário e minha televisão.

No começo, eu dava 100 reais *pra* ela, eu não queria ficar lá sem ajudar com nada. Só que depois ela começou a pedir mais dinheiro e começou a querer mandar em mim. Um dia, a Cristina falou: “tem um barzinho ali, dona Vilma, a senhora não quer ir tomar uma cerveja?”. Eu nem queria ir, mas também não ia ficar sozinha de noite na casa com o filho dela. Chegando lá, ela já pediu uma cachaça pura. Aí chegaram umas amigas sapatonas dela lá e ela falou *pra* todo mundo que eu era o “cacho” dela! Teve um dia também que o chefe lá da área queria que eu aprendesse a atirar! Ele falou que já que eu estava morando no morro, eu tinha que saber atirar!

Eu fui vendo que não dava mais *pra* ficar lá, que aquele ambiente era muito pesado *pra* mim... Ao mesmo tempo, eu não tinha *pra* onde ir. O meu apartamento já tinha ido a leilão, porque o Euclides tinha feito uma confissão de dívidas e pouco antes dele morrer havia saído uma lei que quem morresse e tivesse dívidas, se era casado em comunhão de bens, a dívida passava *pro* cônjuge vivo. Nosso apartamento foi arrematado por 700 mil reais, pelo melhor amigo do meu falecido marido. Acho que perdi o apartamento por causa de uma máquina que o Euclides vendeu e não entregou...

No morro, as coisas só estavam piorando. Um dia o menino falou *pra* mim: “Sabe, dona Vilma, aquele dia que *tava* todo mundo lá e que a senhora *tava* dando risada? Eles tão achando que a senhora *tá* com dentes de ouro e tão querendo lhe matar. Eu se fosse a senhora, dava um jeito de cair fora daqui”. Ele falou também que estavam pensando que eu era olheira da polícia, porque estavam achando muito estranho uma mulher que morava num apartamento bonito daquele ter ido morar lá... Eu pensei: “Agora eu *tô* perdida: um quer me ensinar a atirar, a outra diz que eu sou o cacho dela e o outro diz que querem me matar por causa do meu dente de ouro e porque pensam que eu sou olheira da polícia, eu tenho que sair daqui!”

Eu fiquei quatro meses no Vidigal. Quando eu saí do morro fugida, eu deixei tudo lá: fotos, documentos, as coisas que eu tinha... Será que eu teria morrido mesmo? Não sei, mas depois de uma festa que teve lá na casa, eu fiquei com muito medo achando que eles iam me matar naquele dia. Então eu acordei bem cedinho, estavam todos dormindo, peguei somente a minha bolsa e, com a roupa do corpo, saí de lá. Fui *pra* casa da Irene, tomamos café e ela pegou uma sacola, pôs umas roupas dela, me ajudou com um pouco de dinheiro e falou: “Vai *pra* casa da sua filha em Campinas...”

*Aí eu contei o caso para ela [...] e ela já logo me avisou:
“Ah, mãe, mas aqui não tem lugar...”*

No mesmo dia que eu saí do Vidigal, eu voltei para Campinas, fui *pra* casa da minha filha, era o ano de 2008. Cheguei na cidade, já estava anoitecendo, só sabia que tinha que pegar um ônibus *pro* bairro Jardim Eulina no mercadão, meio desorientada, pois as outras vezes que eu tinha ido à casa de minha filha, tinha ido de carro com minha irmã e minha mãe.

Quando cheguei na casa dela, toquei a campainha e chamei: “É a mamãe”. Minha filha achou muito estranho eu ter chegado lá naquela hora e sem ter avisado antes. *Aí eu contei o caso para ela, tudo o que*

tinha me acontecido, e ela já logo me avisou: “Ah, mãe, mas aqui não tem lugar...” Tomei um banho, que estava chovendo e eu estava toda molhada, comemos uma pizza e fomos dormir, combinamos de terminar a conversa no dia seguinte.

Eu amanheci com a visão ruim, não estava enxergando nada com a vista esquerda. Aí minha filha me levou no hospital Mario Gatti e de lá mandaram a gente *pra* Clínica Raskin, onde a médica viu que eu estava com deslocamento de retina. Fui encaminhada *pra* Unicamp e marcaram uma cirurgia para o dia seguinte mesmo, que era caso de urgência. Enquanto isso, a minha filha preocupada que estava perdendo as aulas dela, ela é professora de Português e de Inglês.

Fui ficando na casa dela. Todos os dias, ela comprava o jornal *pra* eu procurar emprego, porque eu falava que só ia ficar lá até arranjar um emprego. A minha aposentadoria, eu entregava *pra* ela, para ajudar nas despesas da casa. E ela ficava fora o dia inteiro, porque professor trabalha muito, quando ela voltava, fazia a comida: “Ó, mãe, come”, mas nem se sentar na mesa comigo sentava. Eu via também que ela ficava cochichando com os meus netos, sempre cochichando... Um dia eu fiz a minha unha e com o cheiro da acetona, ela cismou que eu tinha bebido, disse que era cheiro de cachaça.

Eu conheci no ônibus uma senhora que morava perto da casa da minha filha, a Maria. Nos tornamos muito amigas. Ela começou a me convidar *pra* passear, *pra* ir jogar bingo, *pra* ir na casa dela... A minha filha já foi logo avisando: “Não quero nenhum vizinho aqui dentro de casa”. Um dia eu fui com a Maria numa festa em Jaguariúna, uma cidadezinha ao lado de Campinas, e a festa foi muito boa, alugaram até uns rapazes *pra* dançar com as idosas! Na volta, o ônibus atrasou e acabei chegando em casa eram umas 9 horas da noite. Aí minha filha veio abrir a porta toda emburrada: “A senhora sabe que horas são? A senhora tem que respeitar que a gente tem horário *pra* dormir” e o meu neto mais velho também achou ruim: “A senhora pensa que tá no Rio de Janeiro *pra* fazer essa bagunça? Daqui a pouco vai encher de macho aqui...” Mas falaram e falaram e falaram e me xingaram, me xingaram, me xingaram...

De repente, esse meu neto saiu do quarto dele e falou: “Lugar de vagabundo é ra-re-ri-ro-rua agora mesmo!” Minha filha ficou quieta, não falou nada para ele. Essa foi uma das coisas que mais me magoou na minha vida, esse desrespeito do meu neto mais velho e a minha filha ter ficado quieta, não ter intervindo em meu favor... Eu queria ter ido embora naquela mesma hora, mas não tinha *pra* onde ir e pensei: “Ela é minha filha, tem por obrigação me receber aqui”. Pra mim até valeu muito, porque essa foi a ocasião em que eu mais li a Bíblia.

A minha amiga Maria foi quem me deu a ideia: “Por que você não vai *pra* algum lar de velhinhos?”. Ela falou que conhecia dois lugares assim e juntas fomos dar uma olhada. Primeiro fomos no Lar São Vicente de Paulo, que não tinha vaga. Depois, viemos aqui no Lar dos Velhinhos de Campinas, que também não tinha vaga, mas que anotaram o meu telefone *pra* se caso aparecesse alguma.

A minha filha apareceu com uma lista imensa de lugares, mas em todos que ligávamos ou não tinha vaga ou era muito caro. Aí achei um lugar em Barão Geraldo, que fizeram um preço melhor *pra* mim, porque eu seria a única lúcida e sem nenhum problema de saúde da casa. Fiquei alguns meses lá e não posso reclamar de nada, a dona do lugar era muito legal comigo.

Eu fiquei aí até o dia que a vigilância sanitária foi lá e fechou o asilo, saiu até no jornal. Aí ligaram *pra* minha filha, voltei *pra* casa dela. Antes de sair de lá, eu deixei avisado o enfermeiro que me ligasse se ele soubesse de algum outro lugar e assim aconteceu, ele me ligou e falou de um lugar no Jardim Nova Europa. A casa era muito bonita, eu também me dava bem com a dona de lá, fiquei aí até o dia que ligaram *pra* minha filha daqui do Lar dos Velhinhos, avisando que havia surgido uma vaga e que eu teria que fazer uma prova e uma entrevista.

Aí minha filha me trouxe, eu fiz a prova com um quadrado dentro de um outro quadrado, com um relógio marcando 10 *pras* 2. Passei na prova e passei também pelo exame médico, exame de pulmão e de pressão. Depois de uns quinze dias me ligaram de novo e eu mudei *pra* cá. A minha amiga Maria ficou radiante quando soube que eu viria

para cá, ela falou: “Nossa, é tão perto de casa, tão perto de tudo, lá é bonito, tem igreja, tem baile!”.

A palavra “velho” soa mal, soa velho mesmo, um caco, acabado... “Terceira idade” é uma expressão melhor, mas “melhor idade” também não, porque não tem nada de melhor idade, aí é que aparece tudo...

Então eu passei por duas instituições antes de chegar aqui no Lar dos Velhinhos de Campinas. O primeiro dia que eu vim *pra* cá, achei muito estranho, porque por fora parece que é tudo mato, ninguém diz o que é aqui dentro, por fora. Logo que entrei aqui, a receptividade das outras idosas foi zero, elas não falavam muito comigo. Teve também um incidente: o médico tinha me chamado *pra* fazer uns exames e uma outra idosa, que também tinha acabado de entrar, falou: “Aqui só tem favores quem se prostitui”. Eu achei aquilo um absurdo e fui reclamar lá embaixo com a coordenação. Aí eles pediram uma reunião com todo mundo e trataram de resolver o assunto.

Eu sou assim mesmo, quando tem algum problema, alguma coisa, eu já vou direto na Isis, a coordenadora do Centro Geriátrico, porque não adianta você passar o seu problema *pra* colega do lado, podem opinar qualquer bobagem, mas não vão resolver nada. Quer dizer que aqui ninguém se mete comigo, porque sabem que se buzinar bobagem na minha orelha, eu vou lá. A Isis é uma pessoa muito educada, muito fina, muito prestativa, a gente vê que a pessoa nasceu para aquilo e todo mundo tem medo dela, porque ela enquadra mesmo, então qualquer coisa eu já vou falar com ela. Também na época que eu entrei aqui, logo em seguida foi embora o presidente, ele se chamava José Pierin e era muito querido por todos, foi uma choradeira só. Agora assumiu de presidente o Mauro, que também é muito querido, ele brinca com todo mundo. E a Geise, a diretora, também é um amor. Os funcionários são muito atenciosos...

Nossa rotina aqui é a seguinte: tem horário certinho *pra* tudo, fazemos cinco refeições por dia e a comida é muito boa, muito variada,

hoje mesmo nós comemos peixe. Depois do café da manhã, geralmente tem uma reunião, alguma atividade. Uma vez por semana, tem caminhada. E você não é obrigado a nada, vai quem quer, eles só pedem “por favor” *pra* não perder nenhuma refeição, porque na nossa idade faz falta.

As atividades são muitas: tem bocha, tem caminhada, tem cinema duas vezes por semana, tem bingo ao menos uma vez no mês, tem aniversariantes do mês, que é uma festa com bolo e música, tem a televisão, a gente gosta de assistir as novelas. Tem as viagens, que é uma vez por mês, este mês vamos para Socorro. E tem salão de cabeleireiro, essa semana nós fomos num salão fora, aqui dentro tem um, mas nós fomos fora, porque essas senhoras oferecem *pra* gente a cada dois meses, então eu fui lá e fiz a minha unha e fiz luzes no cabelo. E tem também massagem nos pés, que é uma delícia, voluntárias vêm aqui fazer massagem. Uma vez ao ano, tem um desfile de modas e tem o desfile de 7 de setembro, tem carnaval, tem festa junina, eles enfeitam, tem gente que vem de fora tocar... Quer dizer, tem muita coisa *pra* fazer! E tem as saídas *pra* quem tem condições de sair, eu costumo ir ao bingo, ir fazer compras no centro da cidade, ir ao banco, ir na casa de alguma amiga...

Tem muita gente e muitas empresas que ajudam o Lar dos Velhinhos de Campinas. Uma vez, a Azul Linhas Aéreas levou um grupo *pro* Rio de Janeiro *pra* um passeio de um dia! A Bosch também doa muito lanche para nós. Às vezes eu *tô* comendo e penso: “Puxa vida, eu vivendo da caridade dos outros, quando eu podia trabalhar...” Tem um trabalhinho que fazemos aqui, a gente monta uma sacolinha de fuxico e cada idosa faz sua parte, eu armo os trabalhos de fuxico na sacolinha, e aí a gente vende. Às vezes tem encomenda e vende bastante, às vezes fica encalhado, mas é mais uma coisa *pra* gente se distrair. Eu gosto muito de brincar com as pessoas, só *pra* descontrair o ambiente. Não sei se todas lá em cima gostam de mim, se gostam *tá* bom, se não gostam também *tá* bom. Ainda não conheço todo mundo, estou há três anos e meio aqui no Lar e ainda não conheço todo mundo. Às vezes sai briga, fofoca, diz que diz, que a convivência entre muitas pessoas não

é fácil, cada um tem uma cabeça diferente. Moro no Residencial França I, divido o quarto com mais três colegas.

De fim de semana é mais tranquilo, agora quer ver movimento é quando é dia de receber, final de mês, quando as senhoras e os senhores recebem a aposentadoria, aí a família vem *pra* buscar. Vem com aquele fingimento bruto: “Oi querida”, é *pra* pegar dinheiro...

O que eu tenho *pra* falar do Lar é isso, eles fazem tudo o que podem *pra* gente se sentir bem. Eu também procuro cooperar, o que eles me pedem, se está ao meu alcance, eu faço. Já fui duas vezes chamada *pra* campanhas publicitárias, *pra* tirar fotografias *pra* divulgar o Lar e pedir doações.

Na verdade, a minha vontade era ficar com a minha filha, não era terminar os meus dias num lar de velhinhos, porque eu estou lúcida ainda e a gente não gosta de ser chamado de “velho”. A palavra “velho” soa mal, soa velho mesmo, um caco, acabado... “Terceira idade” é uma expressão melhor, mas “melhor idade” também não, porque não tem nada de melhor idade, aí é que aparece tudo... Isto no meu entender.

O meu filho mora em São Luís do Maranhão e está com 55 anos, ele veio me visitar só uma vez aqui no Lar. Com ele, tenho dois netos e um bisneto. A minha filha mora aqui em Campinas, ela está com 56 anos, ela vem me visitar quando pode, não é sempre que dá, porque ela é professora e trabalha de segunda a segunda: durante a semana em escolas e aos finais de semana em aulas particulares. Com ela, tenho dois netos.

Eu tive uma doença recentemente, estou até agora com os pontos que não cicatrizaram ainda, estava com 45 pedras na vesícula e tive que fazer uma cirurgia muito grande para retirá-las, porque elas estavam escapando pelo intestino, tive que fazer até redução de estômago. Foi uma cirurgia muito delicada e eu devo muito ao Lar o sucesso do meu tratamento, porque eles me levaram *pra* Unicamp e me trataram muito bem. Depois, eu estreei a enfermaria nova do Lar, logo eu que tinha feito tanta campanha por ela!

Campinas é uma cidade tão perto de São Paulo e com um povo tão atrasado, tão interiorano. Atualmente, a cidade está um caos! Cheia de

buracos, abandonada e com maus políticos. Esta cidade precisa de uma varredura, a presidente tinha que voltar os olhos para cá, ainda mais agora depois desse escândalo de corrupção na prefeitura. E não tem lugares *pra* se visitar, não tem museus, não tem um bom cinema em uma região central, nada. Acho que o próprio Lar dos Velhinhos poderia ser mais bem aproveitado na cidade, poderia ser um espaço *pra* lazer, as pessoas poderiam vir passar o dia aqui, fazer refeições e outras atividades, já que aqui é um espaço tão bom e tão bonito... Mas ainda tem muitas coisas que precisam ser feitas aqui, por exemplo, uma piscina de hidroginástica, que ajudaria os idosos com problemas nas pernas e na coluna.

O Lar dos Velhinhos realmente não visa lucro, visa só o bem estar dos idosos, eles fazem de tudo *pra* gente se sentir em casa. Logo que entrei aqui, escrevi uma coisa tão bonita, que quero ler agora:

“Lar dos Velhinhos

Onde somos tratados com carinho

Essas flores representam beleza

E nós nos sentimos princesas

Já fomos formosas e hoje somos maravilhosas

Cada idoso tem sua história

E são guardadas na memória

Estando aqui temos o lar tão sonhado

Que sempre nos foi negado

Muitas coisas mais ainda queria falar

Deus guarde o Lar

Obrigada, Vilma”.



João Batista Signorelli

“Eu acho muito importante esse trabalho que estamos fazendo, de lembrar o passado, pois assim a gente pode ver o que aconteceu de bom, o que foi ruim, o que deixou de ser feito... E a gente no presente também tá sempre pensando no futuro, porque se no presente a gente não conseguiu ainda o que deixou de fazer no passado, a gente pode ainda tentar fazer no futuro... Que Deus me ajude a lembrar o máximo possível...”



Nascido em Campinas/SP em 23 de janeiro de 1942. Entre agosto e setembro de 2012, realizamos quatro sessões de entrevistas de história oral de vida. Nesta ocasião, João Batista contava 70 anos de idade e um ano e meio de residência no Lar dos Velhinhos de Campinas.

*Eu tive uma infância muito feliz, como quem diz:
“Eu era feliz e não sabia”!*

Eu nasci no dia 23 de janeiro de 1942, pesava 4 quilos e 200 gramas, fui pesado na balança da quitanda do meu tio. Nasci em Campinas, na avenida Moraes Salles, esquina com a Regente Feijó. Ali moravam os meus pais, na parte dos fundos. Logo em seguida nós fomos morar na rua Culto à Ciência, perto do colégio estadual de mesmo nome, e depois eu fui completar um ano de idade na rua Onze de Agosto, número 743.

O meu pai era Orlando Signorelli e minha mãe, Aparecida da Conceição Pereira Signorelli. O meu pai trabalhava no governo, ele era chefe da coletoria estadual, onde se coletavam impostos e se selavam os documentos para validade dos negócios. A coletoria ficava no centro da cidade, onde ele entrava a partir do meio-dia e saía em torno das 5 ou 6 horas da tarde, então ele trabalhava meio período. Como ele sempre foi muito dinâmico e muito trabalhador, ele também tinha outros empreendimentos, ele tinha uma casa de carnes na avenida Andrade Neves.

A minha mãe era uma pessoa que nasceu em Pederneiras, cidade entre Jaú e Bauru, e que um dia veio para Campinas fazer um exame médico com meu avô, foi quando ela conheceu o meu pai. A minha mãe teve seis filhos, então ela não trabalhou fora, mas trabalhou por conta própria, cuidando da casa e da família.

Nós somos em seis irmãos, três homens e três mulheres: a mais velha é minha irmã Yolanda, depois sou eu João Batista, depois tem o Orlando, depois tem a Maria Aparecida, depois tem o doutor Domingos e depois tem a Suzana Maria.

A minha infância foi uma infância que eu posso traduzir como feliz, eu tive uma infância com todas as regalias, graças a Deus, que uma criança poderia ter. Os meus pais foram pais maravilhosos, eles

dedicaram a vida deles a nós. A nossa mesa, graças a Deus, sempre foi farta... Lembro que o meu pai era muito chegado em doces, então minha mãe sempre fazia deliciosos doces caseiros: doce de sidra, de mamão, de goiaba, pudim de leite condensado, manjar... Ah, isso não faltava!

E meu pai sempre foi um homem trabalhador, nunca nos deixou faltar nada, ele até nos proporcionava férias escolares todos os anos: como meus avós maternos eram de Pederneiras, parte da infância da gente, durante as férias, era passada lá, o que era muito gostoso! Mais gostoso ainda é que uma viagem de trem de Campinas a Pederneiras, que era feita pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro, durava em torno de 6 a 7 horas e a gente adorava viajar de trem!

Ficávamos um tempo na cidade, em Pederneiras, e depois íamos *pra* fazenda, que era um pouco mais distante. Ali na fazenda era a coisa mais linda que se podia ter, porque a iluminação era simplesmente movida com um moinho, o qual certa parte da noite tinha que ser desligado, para economizar o gerador. Ali a gente deitava cedo e levantava ainda de madrugada... O mais delicioso é que a gente, ao levantar, tinha que ajudar a tia que fazia o café, a gente andava no meio daquela fazenda para ir buscar o café torrado e moído na hora por um dos colonos, ajudava a tirar o leite das vacas... Eu tive uma infância muito feliz, como quem diz: "Eu era feliz e não sabia"!

Em Campinas, aos finais de semana, a gente almoçava na casa dos meus avós paternos e lá eu tinha tias e tios maravilhosos, que nos davam regalias, que sempre queriam nos levar *pra* passear, *pra* ir ao bosque, *pra* ir ao cinema... Lembro, inclusive, que num desses passeios, quando eu estava com nove anos, aconteceu uma tragédia na cidade e que por pouco que a gente não estava lá: o desabamento do teto do Cine Rink. *Amar foi minha ruína* era o filme que estava passando e nós íamos nesse cinema este dia, os meus tios chegaram a ir até lá *pra* comprar o ingresso para nós, mas sorte que estava esgotado e nós tivemos que ir em outro cinema, o Cine Voga, que ficava na esquina. O meu pai, na hora que soube do acidente, ficou desesperado, achando que nós estávamos lá! Aquilo foi um choque muito grande em Campinas,

foi uma comoção, o enterro foi coletivo na catedral da cidade... Acho que era 1951...

Uma lembrança que tenho da minha infância tem muito relação com meus dias atuais... Meu avô materno, que era fazendeiro e cuja cidade em que vivia, a cidade de Pederneiras, não tinha políticas e recursos para os cuidados de pessoas idosas, teve que enviar um casal de irmãos ao asilo aqui em Campinas, asilo que na época era administrado pelas irmãs religiosas e hoje transformado no Lar dos Velhinhos de Campinas, onde tenho orgulho de estar vivendo...

Esses irmãos de meu avô se chamavam Joaquim e Amélia e eles necessitavam de cuidados e de alguma ocupação para preencher o tempo que ainda poderiam ter na vida, então eles viveram no asilo até a morte, tendo sido sepultados no Cemitério da Saudade, jazigo que hoje pertence aos membros de minha família. Lembro que eu quando criança vinha muitas vezes aqui para visitá-los com os meus pais, que o meu avô enviava da fazenda alguns mantimentos, como café, arroz, feijão e frango, para eles, os quais eram enviados pela C.D. Estrada de Ferro... Quando eu poderia imaginar que, após mais de 60 anos, haveria eu de morar, por opção, no Lar dos Velhinhos de Campinas, antigo asilo que viveram esses irmãos de meu avô? Eu não poderia imaginar!

Ah, hoje eu dou risada, mas eu não vou dizer que eu fui um bom aluno, eu era terrível na escola!

Eu levava os estudos muito dispersos naquela época e isso era uma coisa que o meu pai não admitia, ele queria que os filhos estudassem, ele exigia boas notas. Naquela época, a escola mandava os boletins pros pais assinarem em casa, então uma vez eu acabei fazendo uma bobagem... Quando eu estava no terceiro ano do Grupo Escolar Orosimbo Maia, eu havia tirado por dois meses seguidos a nota 30, uma nota baixa, e meu pai me disse: “se você trazer nota baixa de novo, além de apanhar, você vai ficar de castigo!” Naquela época não era que nem hoje, hoje tá proibido bater em filho, mas naquela época a gente apanhava sim, não

tem a menor dúvida! Infelizmente, eu não levei a sério e tirei 30 de novo, então eu pensei: “Jesus, o que é que eu vou fazer? Vou chegar lá em casa com 30?” e fiz uma coisa que a vida me ensinou que eu não deveria ter feito nunca: alterei o boletim para 80. Meu pai ficou feliz: “ah, melhorou!”, só que eu levei o boletim de volta para a escola e a professora, que se chamava Dona Lelê, não viu a alteração no dia, mas viu no mês seguinte, quando ela foi passar a outra nota. Então ela chamou um aluno e pediu a ele que me acompanhasse até a minha casa com um bilhete, ela falou: “Acompanha o João Batista até a casa dele e entrega *pra* mãe dele o boletim”. A minha casa ficava a quatro quadras da escola e nesse dia aquele trajeto foi um inferno para mim, porque eu já sabia o que viria! O que aconteceu depois foi um exemplo para mim do que poderia acontecer quando a gente faz coisas erradas: eu apanhei feio, eu levei uma sova de rabo de tatu, levei uma sova de chicote! E ainda meu pai mandou a minha mãe me colocar dentro da água com sal, *pra* que eu sentisse mais dor ainda! Ele fez tanto, que ficou tão desgostoso e com dó depois, que ele cortou o rabo do tatu e mandou que eu o jogasse em cima do telhado. Foi um castigo que eu não esqueço mais, mas foi um exemplo...

Então ali eu terminei o Grupo e aí eu fui *pro* Ateneu Paulista, onde fiz o ginásial. No Ateneu Paulista eu tive um ginásial muito gostoso, lá tinha três campos de futebol, lá eu fiz vários amigos... Naquela época, meu pai com meu tio tinha uma casa de carnes e o Ateneu Paulista comprava da minha família, então eu e meus amigos, quando o motorista do meu pai ia lá fazer as entregas de carnes, num Cadillac conversível, a gente dobrava ele e saíamos da escola deitados no banco de trás do carro, íamos embora escondidos! Ah, eu dou risada até hoje quando me lembro dessas travessuras!

Eu adorava estudar lá, só que eu não consegui concluir o ginásial aí, porque tive duas reprovações seguidas: eu tive uma reprovação numa matéria que eu detesto até hoje, que é Inglês. Eu era bom em Francês, eu era bom em Matemática, eu era bom em Português, eu era bom em História, mas fui reprovado em Inglês, tive que repetir o ano. Aí eu fui fazer pela segunda vez a terceira série do ginásial e a verdade é uma só:

eu cheguei no final do ano, a mesma matéria me reprovou de novo! Lembro que quem lecionava Inglês aí era o professor Álvaro Cotomacci, um professor muito rígido, que hoje virou até nome de escola, só que ele não gostava de mim e eu não gostava dele. Resumindo, meu pai acreditou que foi por maldade que ele me reprovou de novo e pediu *pra* diretoria do Ateneu que eu tivesse outro professor de Inglês, mas a minha mãe achou melhor que eu fosse estudar em um colégio estadual, ela quis que eu e meu irmão fôssemos para o Colégio Culto à Ciência, que ficava perto de nossa casa.

Eu não queria ir para essa escola, lembro que eu falei *pra* minha mãe: “Não, mãe, não vou estudar lá”, mas ela disse: “Você vai”. Naquela época era disputadíssimo entrar no Culto à Ciência, tinha até que prestar um exame que nem hoje faz para entrar numa faculdade, então eu combinei com meu irmão: “Vamos fazer o seguinte: a gente faz a prova e não faz nada, a gente é reprovado e continua no Ateneu”. Só que justamente nesse ano, o Jânio Quadros era governador do Estado, foram abertos três turnos, de manhã, de tarde e de noite, então houve vagas para todos os inscritos!

Eu e meu irmão começamos a fazer o curso lá... Passou o primeiro mês, o segundo, o terceiro e eu fazendo graça, a única matéria que eu era mais querido lá era Música. Resumindo, eu fui mal no Culto à Ciência, fui solicitado a me retirar. Chegou no meio do ano, minha mãe falou *pro* meu pai: “Vamos tirar ele daí, não adianta, não vai dar certo, ele não vai acompanhar” e me matricularam no Colégio Liceu Salesiano. O meu irmão, que era dois anos mais novo do que eu, continuou no Culto à Ciência.

Aí eu fui estudar no Liceu. Só que lá eu já conhecia o Nilton Salvador, já conhecia o Azambuja e fiz outros amigos, formamos uma turma da pesada... A gente não gostava dos padres, que eram os professores, e a gente os provocava, fazia o diabo com eles.

Pra se ter uma ideia, na primeira semana que eu cheguei lá, já fiquei três dias de castigo de pé no corredor! E todas as semanas tínhamos que ir na Igreja assistir à missa e ajudar na missa, aí tinha os vinhos que os padres tomavam, a gente tirava os vinhos, escondia um pouco

e tomava! Um dia, nós simplesmente arrancamos os buchinhos do jardim e viramos a estátua de Dom Nery! Ah, hoje eu dou risada, mas eu não vou dizer que eu fui um bom aluno, eu era terrível na escola!

Lembro que uma vez fizemos tanta malandragem, mais ainda o Nilton, que o padre diretor perdeu a paciência com a gente e, não medindo prováveis consequências, disse a ele: “Seu pai é um cachorro em não lhe dar um pingo de educação!” Eis que no sábado, quando estávamos na Igreja, entra pelo portão principal um Chevrolet Belair verde conversível cantando pneu, era o pai do Nilton, que desceu do carro empunhando um chicote na mão e começou a correr atrás do padre! Nós não nos assustamos, pois o nosso amigo já havia nos prevenido que seu pai iria tirar satisfação, pelo contrário, como rimos e aplaudimos, foi empolgante!

Enfim, o fato é que eu também não consegui concluir o terceiro ano do ginásial aí e no final do ano já não aceitavam mais a gente no Liceu, claro, nem eu, nem o Nilton Salvador, nem o Azambuja, nem ninguém da nossa turma. O meu pai nessa época já não me castigava mais, porque eu já era moço, já era crescido, e eu falei *pra* minha mãe: “Agora eu quero estudar no Cesário Mota”, fui *pra* lá no ano seguinte. No Colégio Cesário Mota tinha tudo o que eu gostava: a gente entrava cedo, a Educação Física era maravilhosa, tinha o Francês e tinha o Espanhol, terminei o terceiro e o quarto ano do ginásial aí. Depois fiz o colegial científico, fiz o primeiro, o segundo e o terceiro colegial, também no Cesário Mota, obtendo o segundo grau completo. Terminei meus estudos com 19 anos de idade.

A madrugada era maravilhosa!

Quando eu era jovem, de 16 anos em diante, eu já tinha liberdade para sair com meus amigos e voltar de madrugada, o meu pai só exigia que eu avisasse sempre aonde eu estava indo, podia ser a hora que fosse, eu tinha que ligar no telefone da cabeceira do meu pai e avisar: “Pai, eu

vou indo em tal lugar”. E eu não saía com a chave de casa, quando chegava, tinha que chamar e ele jogava a chave *pra* eu entrar.

De final de semana, eu e minha turma gostávamos de ir *pro* Tênis Clube, *pro* Concórdia, *pro* Regatas, *pro* Dom Quixote... E quando a gente voltava, já amanhecendo, naquela época colocava-se o leite nas janelas pelo lado de fora das casas junto com o pão, a gente passava, pegava o leite e o pão das casas e ia comer no jardim da Beneficência Portuguesa! Às vezes eu encontrava com o meu pai e minha mãe pelo caminho, eles indo assistir à missa das 7 horas na Beneficência, meu pai só falava assim *pra* gente: “Na hora do almoço, na mesa”. Então a gente ia *pra* casa *pra* dormir, porque tínhamos passado a noite fora, mas na hora do almoço tinha que almoçar todo mundo junto na mesa, depois podia voltar a dormir mais um pouco.

A madrugada era maravilhosa! Chegava sexta-feira, eu virava a madrugada com a turma *pra* sábado. Chegava sábado, eu virava *pra* domingo. E nós fazíamos serenatas! Lá no Dom Quixote, tínhamos um privilégio muito grande, porque éramos do grupo da juventude, nós pegávamos o piano do Dom Quixote, colocávamos em uma caminhonete e íamos em frente ao Culto à Ciência, onde tinha vários pensionatos e era cheio de moças, *pra* fazer a serenata! Lembro que as moças saíam na janela com penhoar e abanavam a mão, era verdadeiramente uma delícia!

Depois que eu conheci a minha mulher, que eu comecei a namorar definitivamente, passei a ir com ela ao cinema, aquilo tudo. A primeira vez que eu fui com ela ao cinema, era o Cine Ouro Verde, na rua Conceição, onde hoje é o Shopping Jaraguá, nós fomos com uma tia e três primas dela. Depois, quando comecei a frequentar a casa dela, a gente ficava namorando lá fora e, quando chegava perto das 11 horas da noite, o pai dela se oferecia *pra* me levar embora. Ele tinha uma Kombi moderna, novinha, e me levava, me deixava em frente de casa. Aí quando eu escutava o barulho da Kombi dele indo embora, eu já ligava pros meus amigos e me mandava *pra* madrugada! Isso no começo do namoro...

Antes dela, eu tive outras namoradas. Tive uma que era da família Marchezi, lá de Ribeirão Preto, os pais dela eram usineiros. Uma

paixão de jovem, acho que eu tinha 17 anos e ela 15. Nesse namoro, aconteceu um episódio: como meu pai queria que eu continuasse estudando, ele queria que eu fizesse faculdade de Medicina, pediu para a mãe dela me dizer que eu só poderia continuar namorando a filha dela se eu fizesse a faculdade, mas aí eles se deram mal, porque eu respondi *pra* ela: “Então a senhora não quer um homem *pra* sua filha, a senhora quer um diploma” e terminei o namoro. Depois eu fiquei sabendo que o meu pai tinha feito esse pedido a ela...

Então eu tive uma juventude muito boa, eu vivi mesmo, eu aproveitei a juventude! Tive a felicidade de ter bons amigos, amizades sinceras. E entre nós, eu não admitia que fossem dirigidos gracejos a moças, a senhoras que passassem perto da gente, porque não era justo, você poderia se dedicar a um elogio, mas não um gracejo. Hoje em dia eu não vejo mais isso, hoje em dia as mulheres só ouvem bobagem, não existe mais aquele encantamento que existia antigamente... Os bailes, até mesmo os bailes de carnaval, eram festas movidas por respeito, não se mexia com a mulher do outro, os ambientes eram praticamente familiares. Era muito boa aquela época, a juventude sabia viver...

*Eu tinha uma alegria de ser campineiro, paulista
e brasileiro. Hoje eu tenho vergonha...*

Além da tragédia do Cine Rink, que deixou muitos mortos e feridos e foi um abalo muito grande na cidade, eu presenciei outros acontecimentos importantes em Campinas. Por exemplo, a demolição da Igreja do Rosário, em 1956, para alargar a avenida Francisco Glicério. Nessa época, a minha família era dona de um abrigo de bondes que ficava por ali, a parte da frente do abrigo dava na avenida Francisco Glicério e a parte de trás dava para a rua Regente Feijó, onde é o Largo do Rosário hoje. E depois ali tudo também foi derrubado pelo prefeito Ruy Novaes. Por isso que construíram outra Igreja, lá no Jardim Chapadão, dedicada a Nossa Senhora do Rosário, em substituição àquela.



Era muito bom andar de bonde em Campinas, era gostoso, era divertido, era alegre! Na avenida Andrade Neves, onde o meu pai tinha a casa de carnes, lembro que passava a linha 9 do bonde e que quando ele ia subir a avenida Barão de Itapura, a molecada passava sebo nos trilhos, o bonde patinava e não conseguia subir! Aí o motorneiro tinha que parar e jogar areia nos trilhos, ele tinha uma alavanca para isto. Tinha também o bonde que descia a rua Treze de Maio, quando a gente entrava nele, o cobrador já ficava de olho, porque sabia que éramos malandros. A gente entrava e ficava no banco, quando ele vinha *pra* receber a passagem, a gente mudava *pro* outro lado, ficava no estribo e, quando ele chegava perto, a gente descia do bonde andando!

Eu também presenciei o fechamento do Teatro Municipal Carlos Gomes, que também foi demolido pelo Ruy Novaes, em 1965. Eu senti muito quando isso aconteceu, porque eu havia participado de uma das últimas apresentações que teve ali... O meu pai, além de ser enérgico com os estudos, ainda gostava e queria que os filhos tivessem projetos musicais. Cada filho tinha uma tendência praticamente imposta por ele: a Yolanda, a mais velha, tocava piano e era cantora lírica, eu tocava violino, o Orlando tocava acordeão e a Maria Aparecida tocava piano, só os outros dois mais novos que não chegaram a aprender nenhum instrumento.

Eu solfejava qualquer tempo musical, cheguei até o 10º ano do solfejo. Tanto que, quando meus pais completaram 25 anos de casados, nós oferecemos a eles uma noite musical como presente, foi um recital muito bonito! Nesta data, eu já namorava a minha futura esposa, os pais dela também compareceram à festa.

Outro acontecimento importante na cidade foi a abertura da avenida Andrade Neves. A Andrade Neves vinha dali de onde era a FEPASA e terminava na avenida Barão de Itapura, onde tinha um muro que dividia a avenida e umas casas. Ali eu era criança e meu pai tinha adquirido um terreno onde ele havia montado uma casa de carnes. Meu pai pegou um pedreiro, que chamava Seu Pereira, e fomos nós que abrimos a avenida, nós que derrubamos o muro ali...

São certas passagens que se você falar, ninguém acredita. Essa é a verdade, ninguém acredita. Por exemplo: quando fizeram recentemente a festividade da Faculdade de Medicina em Campinas, comemorando seus 25 anos, os nomes que apareceram ali é tudo demagogia! Quem criou a faculdade de Medicina em Campinas foi o doutor Adhemar de Barros Filho, que era governador do Estado. O primeiro reitor foi Zeferino Vaz e a reitoria foi montada na maternidade de Campinas. O primeiro que era adjunto ao reitor foi meu tio, João Antônio Signorelli. O termo de abertura da faculdade de Medicina foi assinado na minha residência, na rua Onze de Agosto, 737. Então não tem como mentir. Só que os nomes na comemoração dos 25 anos da faculdade apareceram todos distorcidos, infelizmente.

Eu vou falar uma coisa: a minha família sempre foi de políticos e de políticos honestos. Nunca levamos nada de política. Eu tive o meu tio que se elegeu deputado estadual, Luís Signorelli, e que pouco antes de ir a plenário, teve um enfarto e faleceu. Ele chegou a tomar a posse, mas pelo desgosto dos companheiros de partido, que menosprezavam a candidatura dele, ele se elegeu e não aguentou a angústia. Antes disso, ele foi vereador e presidente da Câmara municipal, tem o retrato dele lá até hoje.

Tive um cunhado político também, José Carlos Scolfaro, que foi vereador em Campinas e foi presidente da Câmara municipal. E o meu pai, que foi presidente do PSP, Partido Social Progressista, e presidente da Arena de Campinas. Então a minha família sempre foi de trabalho, de luta, nunca tivemos nada que fosse malandragem. E eu fui crescendo na política limpa, na política honesta, na política decente, numa época em que ser político era honrado. Eu tinha uma alegria de ser campineiro, paulista e brasileiro. Hoje eu tenho vergonha...

Hoje eu tenho vergonha de ser brasileiro, com 70 anos de idade eu falo e provo para qualquer um que eu tenho vergonha de ser brasileiro, é um direito meu. Eu vejo pessoas morrendo em fila de hospital, enquanto os políticos roubam lá em cima. Vejo gente morrendo em favela que pega fogo, enquanto não se constrói casas, porque só se rouba. Vejo gente passando necessidades e vejo roubo daqui, roubo

dali, todo mundo se beneficiando do dinheiro do povo e não dando nada ao povo. Então eu pergunto: “Por que vou ter orgulho?” A gente que nasceu dentro de família digna e em um período de dignidade, não se conforma...

Eu fui uma pessoa muito privilegiada em assuntos domésticos.

Quando eu estava com 19 anos, durante as férias de janeiro, tinha aqueles programas de rádio que a pessoa ligava pedindo uma música, então teve uma moça que ligou e deu o número de telefone dela *pra* concorrer a um prêmio. Eu estava escutando a rádio e resolvi ligar *pra* ela, eu falei: “Você não tem boa vontade *pra* pedir uma música melhor?”, ela respondeu: “Acho que eu tenho sim boa vontade” e eu: “Acho que não...” Aí papo vai, papo vem, a gente marcou de se encontrar. Ela estudava em uma escola normal e eu estava no terceiro ano do colegial. Marquei o endereço da casa dela e passei lá no final de semana, o meu pai tinha um carro que eu podia usar de sábado e domingo, então eu passei lá e fiquei conhecendo ela e a família dela. Foi assim que eu conheci a minha esposa!

Eu me casei com 21 anos, conheci ela com 19. E ela se casou com 19 anos, me conheceu com 17. Nós casamos em 28 de dezembro de 1963, na Catedral de Campinas, na missa das 6 horas da tarde. Depois do casamento, o pessoal foi para o Jockey Club, onde oferecemos um jantar que foi o Biel Mascavos quem preparou. Foi uma coisa deslumbrante, a família dela não economizou! A lua de mel foi no Rio de Janeiro, passamos a virada do ano lá, ficamos hospedados no Hotel Trocadero, uma viagem maravilhosa! E depois meus sogros me deram um carro de presente, eu ganhei um Volks!

Tivemos duas filhas e um filho: Renata, Roberta e Rogério. A Renata, a filha mais velha, é uma moça muito bonita, modéstia à parte. Ela puxou os traços árabes da mãe e os traços portugueses do pai. Cinco anos depois nasceu a Roberta, a filha do meio. A Roberta também

é lindíssima, mas ela é diferente, porque tem as características mais *pro* lado italiano, tem os olhos azuis. E dois anos depois nasceu o Rogério, o filho caçula, que também é muito bonito. Os três filhos eu quis colocar nomes com a letra R: Renata, Roberta e Rogério, sendo que no Rogério a minha esposa queria outro nome, então eu tive que trapacear em um sorteio, *pra* ser do jeito que eu queria!

Eu não sei explicar direito por que eu quis todos os nomes com a letra R, mas eu sempre gostei de nomes fáceis e nomes que não fossem ligados a religião ou a outras coisas. A minha esposa é Sônia Maria e eu sou João Batista, então eu quis mudar um pouco. O que eu sei é que tive a felicidade de todos eles nascerem perfeitos, de terem boa saúde!

Eu fui uma pessoa muito privilegiada em assuntos domésticos. A minha esposa sempre foi muito dedicada aos filhos e à casa, sempre conduziu o lar da gente com primazia e com amor. E eu sempre trabalhei, nunca deixei faltar nada para a família, do mesmo jeito que meu pai cuidava da gente, eu cuidei dos filhos e da esposa...

*Eu não parei, a minha vida toda eu não parei
de trabalhar.*

Logo que eu comecei a namorar a minha esposa e a frequentar a casa dela, o meu sogro perguntou se eu não gostaria de partir para a indústria, que ele trabalhava com indústria de tecelagem em Campinas e tinha um amigo em Barão Geraldo, o Edmundo Sarine, precisando de alguém para tocar a indústria de lá, eu aceitei. Eu já trabalhava nos negócios da minha família, já fazia os meus bicos com o meu pai, inclusive na minha casa, a minha mãe, durante a minha juventude, nunca precisou passar uma camisa *pra* mim, eu mesmo cuidava das minhas coisas, então não é que eu nunca tivesse trabalhado antes.

Quando eu comecei a trabalhar em Barão Geraldo, eu fui muito bom no que eu fiz: eu reergui a indústria de lá. Depois de um tempo, meu sogro pediu para eu ajudá-lo na indústria de Campinas, então saí de Barão Geraldo. Como era esse trabalho: o meu sogro tinha 23 teares

e trabalhava com a matéria prima que vinha de São Paulo, transformando-a em tecidos. Eu ia três vezes por semana *pra* São Paulo, ia com a perua carregada de tecidos e voltava com ela carregada de matéria prima. Com o crescimento dos negócios, começamos a trabalhar também com outras tecelagens, em cidades próximas de Campinas: Cosmópolis, Artur Nogueira, Americana, Sumaré, Paulínia... Porque como tínhamos muitos fornecedores em São Paulo e nós mesmos não estávamos dando conta de toda a demanda, começamos a repassar a matéria prima para essas indústrias menores, para que elas produzissem e a gente repassasse o tecido *pra* capital, o que a gente chamava de “refacionamento”. Eu também tomava conta da parte financeira da firma, eu sabia de cor todos os nomes, endereços, telefones e até CNPJs das empresas com as quais a gente trabalhava.

Com o nosso trabalho, nós ficamos muito conhecidos no ramo de tecidos, porque o meu sogro era um técnico muito bom e muito caprichoso, o nosso tecido era de primeira! *Pra* se ter uma ideia, o meu sogro era um homem que deitava de branco embaixo de um tear, para arrumar alguma coisa, e saía sem nenhuma sujeira!

Então eu comecei a trabalhar com o meu sogro antes do meu casamento e depois acabei me tornando sócio dele. Inicialmente, ele tinha 23 teares, era a Tecelagem Sônia, localizada na avenida Armando Salles de Oliveira. Com o tempo, nos mudamos para a rua Cônego Nery, onde chegamos a ter mais de 100 teares nossos e mais de 300 que refacionavam *pra* gente. Foi aí que nós montamos a primeira loja de tecidos em bairro na cidade de Campinas, a Varejão do Tecido, em 1970. Foi tão grande o sucesso, que nós ficamos com uma parte dos teares produzindo só *pra* gente e colocamos vendedores em São Paulo e no Rio de Janeiro!

Infelizmente, logo em seguida veio a crise do petróleo e nós não pensávamos que o mundo fosse girar em torno de uma recessão... A matéria prima que a gente utilizava era dependente do petróleo e o preço do petróleo subiu tanto, que se tornou impossível continuar. O maior tombo que a gente teve foi que nós vendíamos tudo faturado e descontávamos no Banco do Brasil, então tivemos que repor tudo. Além

disso, também começaram a abrir indústrias em Americana e na própria cidade de Campinas, ao redor do bairro que estávamos instalados, aumentando a concorrência. Foi então que resolvemos parar, porque já não havia mais condições, vendemos a loja e os teares.

O meu pai trabalhava no ramo da construção civil e me chamou *pra* trabalhar com ele, no ramo da construção e venda, então eu fiquei um tempo trabalhando nessa área. Até que um amigo, hoje falecido, me propôs a ficar com um imóvel que ele alugava na avenida Imperatriz Leopoldina, onde um tio me deu a ideia de montar um restaurante. Como o meu pai já havia sido dono de um restaurante, que ficava no Bairro Botafogo, eu já possuía algum conhecimento na área e resolvi tentar. Quando eu comecei o meu restaurante, aquilo era só um barracão e eu o transformei no restaurante Comilão. Esse foi o segundo restaurante em bairro na cidade de Campinas, pois antes só havia restaurantes na região central e o que tinha nos bairros era tudo botecos, então foi um sucesso! Tanto que depois que eu comecei ali, também começaram a abrir outros restaurantes pelos outros bairros da cidade...

Aí eu abri uma rotisseria ao lado do restaurante. E depois, um buffet. Então eu tinha o restaurante, a rotisseria e o buffet. É nessa hora que a gente vê o que uma mulher ajuda um homem quando ele precisa, porque foi a minha mulher que cuidou de tudo na minha vida, dos filhos, da casa, e ainda ia me ajudar aos finais de semana no restaurante. Foi uma época muito boa, ali eu vendi muita pizza, tinha sábado que saíam 500 pedidos de pizzas!

O Comilão durou dez anos, de 1978 a 1988, quando eu vendi o restaurante com a rotisseria e fiquei só com o salão de festas do buffet, onde eu abri uma danceteria, chamada Sheron. Aí na danceteria nós trabalhávamos em família: eu, meu filho, minha filha, meu genro e o namorado da minha outra filha. O meu filho era o DJ, ele era bom! Mas a danceteria só durou um ano e pouco...

Nos anos 90, eu fui trabalhar em uma loja de carros com meu genro, eu administrava essa loja. Depois eu também administrei outra loja de carros, muito movimentada, na rua Carolina Florence.

E montei uma ótica na avenida Barão de Itapura, pois eu tinha primos oftalmologistas e tinha o privilégio de ter várias indicações de clientes. Em seguida, montei uma papelaria na frente da ótica, até que vendi tudo e investi em dois quiosques de mercadorias importadas em um shopping recém-aberto na cidade, o Shopping Campinas, que na ocasião tinha outro nome. Esse shopping foi um mau negócio que eu fiz, porque ali eu perdi tudo o que tinha ganhado na ótica e na papelaria.

Eu não parei, a minha vida toda eu não parei de trabalhar. Em 2005, fui um tempo para o Rio de Janeiro e quando voltei, trabalhei como administrador de bares e lanchonetes. Eu só fui parar de trabalhar em 2009, por causa da saúde...

*Eu sempre tive a minha fé, eu nunca me perguntei
“por quê?”, é uma coisa instintiva...*

Quando eu tinha o restaurante Comilão, eu fui muito influenciado pelo meu tio e pelo meu pai, porque eles foram quem me ajudaram a montar o restaurante. A minha tia, esposa desse meu tio, era uma católica muito devota e ela me deu de presente uma imagem do Padre Cícero. Por incrível que pareça, aquilo me ajudou muito.

Eu cheguei a fazer uma viagem com o meu pai a Juazeiro do Norte, no Ceará, *pra* visitar a estátua do Padre Cícero. Lá eu deixei o meu nome gravado na estátua, embora a gente saiba que eles estão sempre reformando e pintando ela. Eu gostei muito dessa viagem, porque eu fui conhecer uma coisa que eu não pensava que fosse daquele jeito: acho que todo mundo no Brasil interpreta Juazeiro como uma cidade pobre e miserável, mas é completamente diferente! Trata-se de um povo trabalhador, um povo maravilhoso de anfitrião. E são ônibus e ônibus carregados de gente chegando e partindo, aquela multidão o dia inteiro, aquelas rezas belíssimas... A estátua do Padre Cícero é coisa magnífica! E a cidade muito bonita, os hotéis muito bons, a indústria de artesanato fabulosa! Então era completamente diferente do que a gente imaginava...

Eu sempre tive a minha fé, eu nunca me perguntei “por quê?”, é uma coisa instintiva. Eu me casei na Igreja Católica, na Catedral de Campinas. Os meus filhos foram batizados na Catedral. Minha filha casou-se na Catedral. E todos esses eventos religiosos foram realizados pelo cônego Karan. Eu fiquei devoto do Padre Cícero não só porque ganhei a imagem da minha tia, mas pelos benefícios que eu tive com a fé dela, fé que foi transmitida para mim.

Todo mundo via a minha imagem no meu restaurante, porque eu a deixava exposta em uma prateleira de vidros. Nunca deixei faltar rosas para ela, trocava um dia sim, um dia não. E todo mundo perguntava quem era, por que eu tinha aquela estátua ali, aí eu explicava... Depois que eu vendi o restaurante, não tive mais vontade de manter nenhuma imagem de santo exposta nos outros comércios que eu tive, achei melhor guardar a minha fé para mim, porque como hoje em dia existem várias religiões, no comércio pode ser um pouco complicado.

Então eu sou católico, tenho a minha fé, acredito na minha Igreja, mas também tenho as minhas críticas. Por exemplo, aquele negócio de “vamos repartir o pão”, sendo a Igreja um dos troços mais ricos do mundo! E eu tinha uma indignação muito grande de por que todo mundo tinha que ir ver o papa, em vez do papa ir ver o povo. Foi por isso que eu fiquei muito feliz com a visita do papa João Paulo II ao Brasil, quando ele veio ver o povo! Isso me deixou muito feliz na minha religião, porque os que são abonados, podem ir lá no Vaticano visitar o papa, mas tem o povo, que é humilde, e que também quer vê-lo. Isso foi muito bonito *pra* Igreja Católica...

Dizem que a gente não sabe às vezes por que erra...

Mas, depois que a gente erra, tem coisas que não têm volta...

Assim que eu casei, fui morar na rua Bernardino de Campos com a avenida Francisco Glicério, no Edifício Guarani. Dali eu fui morar na avenida Barão de Itapura, perto dos meus sogros. Dá saudades dessa

época, muitas saudades, porque ali meus filhos aprenderam a andar... No sábado, nós fazíamos churrasco na casa dos meus sogros, comíamos fígado e filé mignon... E no domingo a gente também almoçava lá, minha sogra sempre foi uma cozinheira respeitada no meio árabe, pelas comidas que ela fazia. Os meus sogros, Pedro e Geni, foram pessoas muito boas para mim...

Em 2005, sem nenhum motivo aparente, eu fui embora, eu peguei as minhas coisas e fui para o Rio de Janeiro, fiquei quatro meses lá... Dizem que a gente não sabe às vezes por que erra... Mas, depois que a gente erra, tem coisas que não tem volta... Essa noite mesmo eu *tava* sintonizado na rádio escutando umas músicas bonitas, então eu *tava* me lembrando da minha ex-mulher e eu ficava pensando por que eu errei, por que eu fui fazer aquilo... Ela era uma excelente esposa, uma mãe maravilhosa, uma dona de casa exemplar, uma amiga, uma amante... Não tem explicação. Os meus filhos, no início, não aceitaram a minha atitude, eles não entendiam por que eu tinha feito aquilo, inclusive a minha filha mais velha só voltou a conversar comigo recentemente, depois que eu fiquei hospitalizado.

A minha esposa voltou a falar comigo em 2010, quando eu dei um jeito de voltar a conversar com ela. Lembro que eu fui visitá-la e a minha sogra me dizia: “O que você fez, meu filho? Por que você foi embora? Eu acho que não vai ter jeito não, porque ela não desgosta de você, mas ela não aceita que você simplesmente foi embora, por causa de nada”. Passado um tempo, ela não quis me ver mais novamente, ficou brava com uma cobrança que chegou da época do mau negócio naquele shopping, falou *pra* minha filha que não queria mais conversar comigo e eu tive que aceitar. Fico chateado que eu não pude visitar a minha sogra antes dela falecer, quando ela estava doente. Pelo menos pude ir ao enterro...

Vim morar no Lar dos Velhinhos de Campinas por sugestão de um amigo, o amigo Paulo Cavalieri. Eu morava em um quarto alugado no Terminal Campo Grande, quando me queixei que estava me sentindo muito sozinho e ele me disse: “João, por que você não vai *pro* Lar dos Velhinhos de Campinas? Lá é muito bom, lá você vai conhecer pessoas, você está tão sozinho aí, lá tem café da manhã, almoço, janta...”

e eu pensei: “É verdade, os filhos a gente vê pouco, já não tenho mais mulher e, por causa da artrose no joelho, estou sem poder trabalhar”. Foi assim que eu resolvi procurar o Lar.

Para entrar aqui, tive que fazer um monte de pesquisas, a assistente social foi ver onde eu estava morando, perguntou o que eu fazia... Um dia eles me ligaram dizendo que a vaga tinha sido concedida a mim, era dezembro de 2010. Aí eu perguntei se eu poderia entrar depois das festas de final de ano e eles disseram que tudo bem. Então eu mudei *pra* cá no dia 7 de janeiro de 2011.

Eu fiquei entre a vida e a morte...

Assim que eu entrei aqui no Lar dos Velhinhos, eu saía praticamente todos os dias. Mesmo depois que eu fiz a minha cirurgia, eu continuei saindo, só que menos e também não mais sozinho, com a companhia de familiares. Os meus familiares sempre vêm me buscar *pra* passear de final de semana ou *pra* alguma festividade. Pra se ter uma ideia, eu sou tão feliz na vida, que todo mundo acha que cunhado é agregado, mas *pra* mim não, os meus três cunhados eu os considero família, de tão unidos que nós somos! Eu também sempre ia aos passeios do Lar com o pessoal, todas as viagens que tinham, antes da cirurgia, eu não perdia uma! Mas agora tenho que ficar em repouso...

Eu fiquei entre a vida e a morte... Quando entrei aqui, estava com artrose no joelho direito e andava de bengala. Aí tive uma inflamação e fui para o Hospital Beneficência Portuguesa, onde sou sócio remido. Lá eles me disseram que eu teria que usar uma prótese, mas que ela ficaria em sete mil reais, não pude fazer. Então eu fui me consultar em outro lugar, levado pela assistente social do Lar, onde eu também não pude fazer a prótese, mas onde o médico me disse que o meu quadro era crítico e fez uma carta solicitando atendimento prioritário no hospital da PUC. Fui *pra* lá e dentro de um mês e meio eu estava fazendo uma cirurgia.

Fui internado no dia 4 de agosto de 2011, saí três dias depois. Dia 22 eu voltei ao hospital, eles tiraram alguns pontos e mandaram que eu

começasse a fazer fisioterapia. Logo em seguida, eu comecei a andar de andador, mas um dia senti uma dor muito forte e não consegui mais colocar o pé no chão. Era a cirurgia que começou a abrir e o sangue a vazar, fui internado novamente. Eu senti muita dor, foi terrível, fiquei isolado em um quarto, que os enfermeiros, *pra* entrarem lá, tinham que usar uma roupa especial. Cheguei a delirar de tanta dor que eu sentia e eles não conseguiam descobrir que bactéria que eu tinha!

No dia 20 de outubro me levaram para o centro cirúrgico *pra* fazer uma lavagem. Quando os médicos me abriram, verificaram que toda a prótese, que eles tinham feito anteriormente, estava impregnada! Aí eu fui *pra* cirurgia novamente, dois dias depois retiraram a prótese e tiveram que cortar dez centímetros do osso da minha perna direita. Voltei *pro* quarto e tive que fazer outra cirurgia, porque teve outra complicação. Acabou que eu fiquei 75 dias internado, fiz sete cirurgias e emagreci 25 quilos!

Voltei para o Lar no dia 2 de dezembro de 2011, direto para a nova enfermaria, que havia sido recém-inaugurada. Fiquei um bom tempo em cadeira de rodas e, depois, cheguei a fazer algumas tentativas com o andador, as pessoas estavam, inclusive, surpreendidas com a minha recuperação, mas houve uma nova complicação e em novembro de 2012 tive que amputar a perna direita do joelho *pra* baixo... Eu morava no Residencial Holanda, mas por enquanto estou morando no Residencial Alemanha, onde posso ter cuidados e atenção à minha saúde 24 horas por dia. Lá no Holanda eu tenho ainda o meu quarto, com a minha cama e o meu guarda-roupas, *pra* quando eu melhorar e voltar *pra* lá.

A gente não envelhece na idade, a gente envelhece na cabeça. Quando você envelhecer na cabeça, aí a vida pra você não vai ser mais nada.

Morar no Lar dos Velhinhos de Campinas é compensativo. Aqui, 24 horas por dia, não te falta nada: não faltam cuidados, não falta

alimentação, não falta remédio, não falta amizade... São amizades que a gente ganha sem esperar e não é atrás de benefício, mas atrás de usufruir de boa vida, de boa vivência. Por outro lado, se eu tiver que falar alguma coisa, eu vou lá e falo, o pessoal aqui sabe, jamais na vida eu vou dar o tapa e esconder a mão!

A solidão não é o ambiente que a gente vive, é da pessoa. Eu não me sinto só, pelo contrário, eu me sinto muito bem. Hoje eu não tenho mais pressa, tudo vai acontecendo dentro da programação que me foi dada pelos médicos e por Deus. O resto, eu espero...

A gente não envelhece na idade, a gente envelhece na cabeça. Quando você envelhecer na cabeça, aí a vida *pra* você não vai ser mais nada. Mesmo que o corpo comece a sentir o peso da idade, se a cabeça tiver boa, você não sofre. Eu tenho 70 anos e me sinto jovem! Para mim, a idade não está me constrangendo de viver a vida! Eu não tenho medo da idade, eu tenho medo é de não ter cabeça boa, pois a vida acaba *pra* quem não tem a cabeça boa.

Imagine se eu tivesse ficado, durante esses quase dois anos que estive em tratamento, olhando *pra* mim mesmo e pensando: “Por que aconteceu isso comigo, por que, Deus, aconteceu isso comigo?”. Não! Eu fico feliz de estar vivo, agradeço a Deus ter me deixado com uma saúde boa! Posso analisar este período que estou em tratamento e que fiquei em fase hospitalar como um período de descanso na agitação que eu tive durante a minha vida inteira... Como se fossem férias...

Hoje, estando em poder da prótese da perna mecânica, sei muito bem que o período de adaptação será longo, pois os ajustes são necessários por várias vezes e estou novamente na vida tendo que aprender a andar. Espero que seja breve, pois com oito meses de vida eu já andava...

Quando comecei a narrar a minha vida, contei sobre as minhas vindas quando ainda criança ao Asilo dos Velhinhos, hoje o atual e abençoado Lar dos Velhinhos de Campinas... Revendo este passado no presente, chego a ter certeza que a nossa vida é traçada desde quando nascemos e que tudo vai acontecendo e se encaixando com o passar do tempo... Pelo menos para mim há certos acontecimentos do passado influenciando e acertando o presente!

Vejamos: por que deveria o meu avô materno ter enviado seus irmãos para cá, quando era o asilo, e eu ter que vir aqui com meu pai por várias vezes visitá-los? Pode alguém dizer: “Foi coincidência”. Coincidência? Eu já tinha em princípio de 2005 o início de uma artrose no joelho direito. Acabei nesse período deixando o meu lar, sem motivo nenhum, principalmente em relação à minha esposa, que sempre foi a melhor companheira que o homem pode desejar. Foram se passando os anos, eu vivendo em edícula, pensão, apartamento e até em condomínio na Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, sem nunca ter as pessoas que se preocupassem comigo, me alimentando mal, dormindo mal, gastando o desnecessário e a artrose piorando. Mas eu, felizmente, trabalhava em diversos lugares, onde sempre ocupei o lugar de coordenador, graças aos meus conhecimentos. Até que em meados de 2010, eu trabalhava em Sousas com meu genro na venda de carros e morava no Terminal Campo Grande, já me sentia sozinho, quando aquele meu amigo me aconselhou que procurasse o Lar dos Velinhos de Campinas...

Este seria, afinal, o meu destino, já traçado na minha infância. E hoje eu acredito que por estar vivendo aqui no Lar é que este período de enfermidade não me deixou sequelas no sentido de ausência e de trato, pelo contrário, aqui tenho paz, saúde, amizades novas, a família e a felicidade. Quero finalizar agradecendo:

*“Obrigado, meu Deus, Tu me destes um bom destino,
Sempre me ajudando a superar os obstáculos
Que me impusestes para provar a fé que tenho em Ti...
E o que dizer do Lar, onde deverei acabar os meus dias:
És a sombra do meu passado,
És a luz do meu presente.
És a alegria do meu futuro,
Que se resume em felicidade.”*



José Marques da Silva Filho

“Eu agradeço muito essa oportunidade e que Deus abençoe você e que você seja muito feliz, é tão bom uma pessoa estar criando uma coisa nova...”



Nascido em Divinolândia/MG em 22 de novembro de 1938. Entre agosto e setembro de 2013, realizamos duas sessões de entrevistas de história oral de vida. Nesta ocasião, José Marques contava 74 anos de idade e 11 anos de residência no Lar dos Velhinhos de Campinas.

O que eu poderia falar é somente em agradecimento, que Deus nunca me deixou, eu nunca passei por grande necessidade e sempre fui uma pessoa feliz...

Eu nasci em Divinolândia, Minas Gerais, em 22 de novembro de 1938. Então agora, se Deus quiser, em novembro deste ano eu já faço 75 anos! Eu agradeço muito a Deus por essa jornada da minha vida...

A minha mãe criou sete filhos, eu sou o caçula. E toda a vida nós fomos pobres, uma família muito humilde e que passou bastante dificuldade, mas eu nunca passei frio e eu nunca passei fome, porque se você tem um cobertor e um prato de comida, você não passa frio e você não passa fome...

Eu estudei até a 4ª série. A escola era perto de casa e lembro até do nome dos professores e do diretor: a dona Lourdes, a dona Jamila, a dona Lídia, a dona Albina e o seu Renato, eram professores muito bons para mim. Naquele tempo, qualquer coisa já tomava uma reguada, mas até nisso era bom, porque os professores eram autoridade, hoje não pode mais... O meu pai e a minha mãe não sabiam ler e não sabiam escrever, mas a gente levava o boletim da escola *pra* eles, *pra* mostrar o comportamento e as notas que a gente estava. A minha mãe nem sabia o que que era aquilo, a preocupação dela era dar um tostão, que hoje equivale a centavos, *pra* ajudar na escola! Muitas vezes a gente não tinha esse dinheiro e a coitadinha achava uma garrafa com areia, lava-va e me mandava vender, *pra* levar o dinheiro *pra* escola!

Então toda a vida nós fomos pobres, mas só que tem uma coisa, os meus pais me deram uma herança muito grande: eles me fizeram conhecer quem é Deus. Isso é uma coisa essencial da minha vida. E eu acho que eu sou uma pessoa tão feliz neste mundo, porque eu acho que os melhores pais do mundo foram os meus! Isso é o que eu sinto, que a minha mãe me amava muito, que o meu pai me amava muito...

Eu comecei a trabalhar novo, a gente morava na roça, então a gente já tinha uma enxadinha *pra* trabalhar, *pra* carpir feijão ou *pra* essas carpidinhas mais maneirinhas. Lembro que ia a mãe, eu e minha irmã *pra* onde era mais fácil e os mais grandes iam *pro* outro lado, *pro* trabalho mais pesado. Depois que eu saí da escola, com 12 anos mais ou menos, aí eu já comecei a trabalhar como servente de pedreiro e dali eu fui enfrentando tudo.

Eu perdi uma irmã que tinha 17 anos de idade. Ela ficou doente e no lugar que a gente morava tinha só um doutor e um farmacêutico, não tinha hospital, não tinha nada, o meu pai também não tinha dinheiro *pra* comprar remédio *pra* ela. Naquele tempo, era difícil de falar o nome da doença, mas eles falavam que era “suspensão”. Dizem que a minha irmã torrou café, *pra* fazer o pó, e depois entrou na água, num brejo que tinha lá *pra* tirar a tabatinga, um barro branco que as mulheres costumavam passar na parede, e dizem que foi isso que deu febre nela. Só Deus sabe o que foi... Lembro que o povo era muito amoroso quando acontecia qualquer coisa assim, a casa enchia de gente, uns vinha se oferecer *pra* fazer qualquer coisa, outros *pra* posar lá e fazer companhia...

Aí lembro que depois que a minha irmã morreu, aquilo foi terrível *pra* minha mãe e ela veio a ficar doente também. Ela ficou doente e tornou a encher a nossa casa de gente. Eu era moleque, mas eu era inteligente, aí eu subia num banco *pra* alcançar a altura dos adultos e escutar a conversa, então eu escutei quando uma senhora falou: “coitada da Ana, outro dia mesmo ela perdeu uma filha e agora ela tá no mesmo caminho...” Aquilo *pra* mim parece que foi um punhal cravado no meu coração, uma tristeza enorme... Só que a minha mãe tinha ensinado a gente a conversar com Deus, então eu esperei todo mundo sair, fui *pro* lado de cima da nossa casa, a nossa casa era de barro, encostei na parede e fui conversar com Deus, pedir que Ele não deixasse a minha mãe morrer...

Passou um pouquinho e a minha mãe levantou, olhou *pra* um rio que passava embaixo da nossa casa, o rio do Peixe, e falou que o mundo *tava* verde! Foi Deus que curou ela! Depois de muitos anos, eu

contei esse caso *pra* ela, que eu havia falado com Deus e pedido a Ele pela vida dela, lembro que ela só tampou a boca e não falou nada. Eu fiquei sem reação, não sabia se ela tinha entendido ou não, até que passou mais um tempo e ela veio falar comigo sobre esta história, disse que chorou muito nesse dia... Então ela não me deixou sem resposta!

Eu fui o único dos filhos que não casou, aí ficou morando só nós três: eu, minha mãe e meu pai. A gente tinha um violão e a gente tocava e cantava junto, os vizinhos até perguntavam se *tava* tendo festa ou alguma visita na nossa casa e a minha mãe respondia: “Não, era o meu velho e o meu filho”! A gente morou junto até que eles vieram a falecer, meu pai morreu com 65 anos de idade e minha mãe morreu dois anos depois, com 63 anos. Eu tinha pouco mais de 20 anos e cuidei deles o máximo que eu pude... Tudo o que eu ganhava, era repartido. Eu tenho até hoje aqui comigo a caderneta do ano de 1959, com as compras que a gente fazia na venda, então eles marcavam lá dois quilos de feijão, um pedacinho de queijo, um quilo de arroz, e depois a gente pagava.

A minha mãe chamava Ana Teresa de Jesus e o meu pai, José Marques, eu sou José Marques Filho. Quando Deus levou eles, eu *tava* trabalhando naquela estrada que vai de Divinolândia a Caconde, chamada Adhemar de Barros. Aí eu fiquei morando lá por mais um ano, mais ou menos, na casa de uma família que alugava um quarto *pra* mim. E sempre Deus cuida da gente, eu não posso reclamar, mas naquele contexto, *tava* um ano fraco lá de serviço, o meu ordenado era pouquinho, o que eu ganhava dava só *pra* pagar a pensão, *pra* lavar uma roupa, *pra* comida e não sobrava mais nada. Então eu fui *pra* Poços de Caldas e fui lá no Cristo da cidade, subi lá em cima, olhei aquela linha do horizonte, que é a coisa mais linda de se ver, e fiz uma oração *pra* Deus, pedindo auxílio e orientação, que eu queria mudar de lugar e que Ele me guiasse... Foi aí que eu vim *pra* Campinas!

A minha irmã, que morava lá em Poços de Caldas, não queria que eu viesse, mas eu achei que era melhor *pra* mim. Aí eu vim, cheguei

aqui e arrumei serviço em Limeira, fui *pra* Limeira e morei um ano e quatro meses lá. Arrumei um colega muito bom, o Osvaldo, que era goiano e que era que nem um irmão *pra* mim, a gente trabalhava junto, eu era pedreiro e ele era carpinteiro, só que depois eu vim *pra* Campinas, trabalhar na construção da Unicamp, e aí essa foi uma amizade que eu nunca mais vi. A Unicamp naquela época era um canavial só e eu trabalhei na construção de vários prédios.

Daí não me faltou mais serviço. Eu tinha uma agenda, quando *tava* acabando um serviço, já tinha outro *pra* começar! E trabalhei em Jundiaí, trabalhei em São Paulo... Eu rodava o trecho, mas Campinas, *pra* mim, foi um berço de ouro na minha vida! Eu adoro essa cidade, aqui eu fui bem tratado em tudo e não me faltou nada: não me faltou moradia, não me faltou trabalho, não me faltou comida, não me faltou roupa, não me faltou remédio, não me faltou um troquinho, nada! Então é um lugar que eu tenho que agradecer e louvar a Deus, por esse lugar que Ele escolheu.

Estou em Campinas há mais de 40 anos, tanto que eu acho que já não me mudo mais daqui. E morei em muitos lugares bons também, morei na Vila Castello Branco, na Vila Industrial... Eu morava em pensões ou alugava um quarto em casa de pessoas conhecidas e em cada lugar que eu morei, eu ficava um bom tempo aí, quer dizer que eu sempre me dei bem com as pessoas, que sempre eu fui bem tratado e que sempre eu fiz amizades.

No ano de 1979, eu passei por três crises: uma forte pneumonia, um atropelamento de carro e um incêndio em uma pensão que eu morava, na Vila Industrial. Nesse incêndio, o fogo começou era duas horas da manhã e por onde ele passou, ficou da cor do asfalto! A gente conseguiu sair, parece que eu lembro até hoje a voz do moço gritando “ó o fogo, ó o fogo!” e todo mundo correndo... Ninguém se machucou, mas muitos colegas perderam as suas coisas e eu só perdi uma toalhinha de rosto, porque o fogo não chegou no meu guarda-roupas! Então todo ano, quando chega essa data, mês de setembro, eu já vou convidando a turma *pra* agradecer a Deus por esse milagre, *pra* lembrar desse episódio que foi um mistério muito grande *pra* mim e

porque eu penso que assim como a gente pede quando necessita, também deve agradecer pelo que se tem...

Eu trabalhava contratado por empreiteiros e trabalhei em empresa também. Trabalhei nove anos em uma empresa chamada Caltec, onde eu gostava muito dos donos. Em uma ocasião, venceu as minhas férias e eu teria que ficar dois meses descansando. Eu não queria, mas não podia, então eu tirei as férias e fui procurar outros serviços, que eu não ia aguentar ficar esses dois meses parado. Aí eu *tava* andando lá pelo bairro Parque Industrial, conversando com algumas pessoas, quando justo um homem apareceu procurando um pedreiro *pra* fazer um serviço na casa dele, lá no bairro Swift. Aí conversamos, fui lá com ele *pra* ver o serviço e acabou que na casa desse homem eu trabalhei mais de dois anos! Era um povo muito bacana, a mulher dele, a filha, o genro... Até hoje, de vez em quando, eles telefonam *pra* mim, perguntam se eu *tô* bem e coisas. Dali eu resolvi que eu não ia mais trabalhar de empregado, que eu ia trabalhar por conta, pedi as contas na empresa que eu trabalhava, acertei tudo direitinho e assim foi, tudo em vitória!

Não tem coisa mais boa no mundo que a gente gostar do que a gente faz. A pessoa às vezes reclama: “Ah, não gosto disso que eu faço” e tal, eu, em toda minha vida, gostei do que fiz. Eu trabalhava na casa dos outros com respeito, com amor, com dedicação e assim eu abracei a profissão de pedreiro, foi uma hora muito boa que Deus me deu essa profissão. Ainda jovenzinho, eu achei que precisava estudar mais um pouco e fiz um curso de correspondência, pelo Instituto Universal Brasileiro. Foi aí que eu aprendi a fazer contas, a calcular escadas, fiquei bom na matemática! E foi muito bom *pro* meu trabalho, porque um pedreiro, coitado, o que é difícil dele calcular uma escada... Tem muitos pedreiros, coitadinhos, que não sabe fazer a conta e vai riscando na parede, então ele gasta quase um dia nisso! E você sabendo a matemática, você faz no lápis a conta, pega uma borracha de nível, tira o nível da escada, vê o comprimento, vê a altura e já faz a conta, já sabe quantos degraus dá! Por isso que *pra* mim foi uma satisfação, uma coisa muito linda ter aprendido isso aí, tanto que eu tenho o diploma guardado até hoje.

Eu trabalhei até os 64 anos de idade, quando comecei a sentir uma dor muito grande no peito e descobri que eu *tava* sofrendo do coração. Eu levei um susto quando o médico me falou o resultado do exame, eu até achava que ia passar, porque ele tinha me dado uns comprimidos que tiravam a dor, mas não teve jeito e eu não consegui mais trabalhar. Nessa época, eu *tava* trabalhando na construção de uma área de lazer no bairro Nova Campinas, mas qualquer coisa que eu ia fazer no trabalho, me dava a dor, tive que parar. Eu fiquei preocupado, eu falei: “meu Deus, e agora? O que eu faço?”. Foi aí que veio o pensamento em mim de procurar o Lar dos Velhinhos.

Eu morava num quarto alugado de uma casa na Vila Industrial, que é perto, mas eu nunca tinha vindo aqui em todo esse tempo de Campinas, tinha até um colega meu que morava aqui, mas ele ia me visitar e eu não vinha visitar ele.

Aí eu vim aqui, fui bem recebido, contei direitinho o meu caso e eles falaram que ia ter uma vaga *pra* mim, mas que eu teria que aguardar um tempo. Então eu voltei *pra* minha casa e um dia recebi o recado que eles tinham telefonado *pra* mim, que tinha a vaga aqui, e aí eu vim. Ou seja, eu mesmo que arrumei *pra* mim, mas tudo por graça de Deus.

O meu povo ficou sentido que eu mudei *pra* cá... Uma vez, encontrei no banco uma senhora, que eu trabalhava *pra* ela, com o filho e o marido, aí eles vieram conversar comigo, perguntar como é que eu *tava* a vida, essas coisas. Quando eu contei que eu *tava* morando aqui, ela começou a chorar! Tive que falar: “não, Dona Nair, vai lá *pra* senhora ver que lugar gostoso que é!” Tem um colega meu, chamado Cícero, que ele mora aqui pertinho, mas nunca veio aqui, a gente se encontra no centro da cidade e anda o dia todo junto, mas aqui ele não vem, porque ele acha que não gostaria de ver...

Em agosto, fez 11 anos que eu moro no Lar dos Velhinhos de Campinas. Eu moro no Residencial Holanda II. Quando cheguei aqui, no ano de 2002, os quartos não eram como são agora, não tinha aquela repartição de quatro camas por quarto, era 13 camas junto. Então era até ruim, porque muita gente, muito apertado, mas aí eles reformaram

e repartiram os quartos, ficou melhor. Também na época que eu cheguei, tinha ainda algumas freiras que moravam aí, mas o Lar já não *tava* mais no comando delas. Antes, a direção era delas e elas moravam em cima da igreja, onde hoje é um museu.

Eu lembro de muitas pessoas e de muitas histórias ao longo desses 11 anos... Lembro que a gente tinha um colega que era muito arreminado, muito grosseiro, e uma ocasião ele cismou de fazer uma arte, que era se suicidar. Eu cheguei a conversar com ele, a falar sobre a palavra de Deus, mas aquilo não serviu *pra* encaminhar bem ele. Um dia ele pegou uma faca e tentou cortar o pescoço, só que não funcionou, aí ele arrumou uma corda e foi se enforcar numa árvore que tem lá embaixo, um pé de jabuticaba perto da entrada. Nesse dia eu *tava* fazendo uma oração e não conseguia me concentrar, algo me perturbava, então eu resolvi procurar ele.

Lembro que já estava anoitecendo e ele deitava cedo, fui no quarto dele e ele não estava, foi aí que eu avisei o enfermeiro da noite e que nós encontramos ele caído lá na jabuticabeira! Ele tinha feito a forca, amarrado a corda no pescoço e amarrado lá no galho, só que o nó desamarrou e ele caiu com um pé enroscado no galho da árvore, foi preciso vir um cara da manutenção, pegar o serrote e serrar o galho! Então ele não morreu, mas passou por aquele grande susto, aí viveu uns quatro anos mais e veio a falecer depois de um tombo. Essa foi uma história marcante *pra* mim, porque Deus me ocupou nela em várias coisas e até agradeço por ter sido usado por Ele nessa história.

Eu sinto muito prazer em fazer um favor *pras* pessoas, toda a vida eu gostei de ajudar, de informar uma rua, de fazer alguma coisa! Até hoje, toda semana eu faço favores pros meus colegas daqui: uma vez por semana eu saio de manhã e só chego de tarde, aí compro cigarro *pra* um, compro outra coisa *pra* outro, faço um jogo *pra* um, recarrego um celular *pra* outro... O que eles precisarem, se eu puder dar uma força, eu faço!

A convivência com os colegas aqui é boa, só que é o seguinte: a gente tem que pedir a Deus *pra* Deus dar inteligência e paciência *pra*

gente, porque a convivência com muitas pessoas não é fácil, cada pessoa é de um jeito. Tem pessoas que você não pode conversar muito, que você conversa só o indispensável, se a pessoa vem falar com você, você ouve, mas muita coisa não dá *pra* conversar, porque tem pessoas que não dá... Então a gente tem que ter muito Deus no coração, *pra* gente poder viver bem. Aqui nunca vai ser como a casa da gente, mas dá *pra* viver bem, eu agradeço muito a Deus por ter escolhido esse lugar *pra* mim, é um lugar muito bonito e eu gosto muito de andar assim no campo, no meio das árvores, de cultivar plantas...

Eu *tô* sempre plantando um pé de alguma coisa. Eu planto assim num copo descartável e marco o dia que eu plantei, aí a semente nasce e eu passo a muda *pra* uma caixinha de leite, daí a caixinha eu dou de presente *pra* alguém, *pra* pessoa levar e replantar. Hoje mesmo eu já dei duas mudas de pimenta e uma muda de carquejo! Eu fico tão contente quando a pessoa pede *pra* mim um mato assim que eu conheça: “Ô, Zé, me arruma uma muda daquilo, *pra* eu fazer um remédio”, isso me deixa feliz, porque eu sinto que estou fazendo o bem! Então eu dou mudas de pokan, de limão, de caju, de jaca... E mudas de plantas medicinais: tem o carquejo, que cura o diabetes, tem a losna, que é boa *pro* estômago, a erva-cidreira, que acalma, o mastruz, que é bom *pra* gastrite, a erva santa-maria, que acaba com a lombriga...

A minha mãe que gostava muito de mexer com isso e eu aprendi com ela. Uma vez, a minha mãe tinha tanta planta, que a gente foi mudar de um lugar *pra* outro, a mudança era feita num carro de boi ou numa carroça, e o cara da mudança não queria levar as plantas, aí meu pai falou: “Isso é da minha mulher, se não for *pra* levar isso, não vai levar nem a minha mudança...” Ele falou bem! Lembro também que a minha mãe tinha um pé de alho que chamava Alho de São Paulo, eu nunca mais vi esse tipo de alho e, se perguntar, quase ninguém conhece. Antigamente, a gente passava nas fazendas e via que na porta das casas tinha um pé de erva doce, um pé de losna, um pé de alguma coisa, e hoje a gente não vê mais, eu acho triste isso,



de ver que a criação de Deus vai acabando, porque as pessoas não cultivam...

Eu trabalhava por conta, mas sempre paguei facultativo o INSS, então hoje sou aposentado e pago, por mês, 50% da minha aposentadoria aqui no Lar dos Velhinhos. Eu faço questão de pagar tudo direitinho, até décimo terceiro salário eu pago, porque eu tenho consciência dos gastos que se tem aqui: energia, água, comida, empregados *pra* trabalhar... Tem que ser coisa séria! E a gente agradece a Deus por essa oportunidade, só da gente ter cinco refeições por dia, já é uma riqueza.

Eu nunca tive sonhos de querer ter isso ou ter aquilo, eu sempre me conformei com tudo. Aqui em Campinas, eu já tive dinheiro *pra* comprar uma casa, mas acabei não comprando e nunca me faltou onde morar. Eu não casei, até tive uma namorada, mas depois não deu certo, os anos foram passando e aí eu fiquei sozinho. Só que eu sei fazer a minha comida, se for preciso, sei lavar a minha roupa... Sou eu mesmo que lavo a minha roupa aqui e é até engraçado, porque eu penduro a calça com o cós *pra* baixo e quase todo mundo pendura com o cós *pra* cima, mas eu penduro do jeito que a minha mãe me ensinou, aí as moças que trabalham aqui falam *pra* eu não pendurar a calça desse jeito, senão vira a cabeça!

Hoje em dia, eu não tenho muitos gastos, de vez em quando compro alguma coisa, ajudo na igreja ou ajudo alguma pessoa. Os meus remédios, alguns são comprados e outros são dados pelo governo, eu tomo de 10 a 11 comprimidos por dia, por causa do coração.

Quando tem algum passeio aqui com o pessoal e o meu coração pede *pra* eu não ir, eu não vou. Teve uma viagem *pro* Rio de Janeiro, que eu não fui. Semana passada, nós fomos *pra* Taubaté, saímos daqui era 6 horas da manhã e chegamos 8 horas da noite! É uma cidade que eu não conhecia e achei uma maravilha, tem um Cristo Redentor, que você sobe lá em cima e enxerga toda a cidade! Outro lugar que eu gosto muito e que eu também não conhecia é Cachoeira de Ema, é tão gostoso ver aquelas águas, o rio, ver a criação!

Eu tenho uma irmã que *tá* com 90 anos de idade, ela vive em Poços de Caldas. Ela queria que eu fosse morar com ela, mas coitadinha,

eu não posso... E foi uma irmã tão boazinha *pra* mim, sempre que eu chegava na casa dela, ela perguntava se tinha alguma roupa que eu queria que ela arrumasse. Eu também, uma vez, no ano de 1963, ela *tava* numa situação difícil, o meu cunhado era carpinteiro e *tava* sem trabalho, e tinha as crianças, então eu dei *pra* ele um dinheiro que eu tinha juntado, era uma boa quantia... De vez em quando eu vou lá, passar um tempo com ela, mas o nosso contato agora é mais por telefone mesmo, toda semana a gente se fala. Agora nós somos só em três: eu, essa irmã de Poços de Caldas e outra de Vargem Grande. Antes, a gente também se comunicava por cartas, essa minha irmã escrevia quase toda semana uma carta *pra* mim, eu tenho elas todas guardadas...

Quando eu mudei *pra* cá, um sobrinho veio me visitar e trouxe um rádio *pra* mim, o rádio que teve aqui comigo mais ou menos nove anos, até que eu levei o rádio de volta, *tá* lá na casa dele! Eu sempre tive muito *xodó* com a minha família. A tumba dos meus pais, eu tenho eles até hoje em Divinolândia, são os netos deles que cuidam e *pra* mim é uma alegria chegar lá no dia de Finados e ver que *tá* tudo em ordem.

A minha mãe era católica, meu pai também. Eu fui batizado na Igreja Católica quando criança, mas sou evangélico agora, faz mais ou menos 12 anos que eu me congrego na Igreja Batista. Eu mudei de igreja porque, lendo a Bíblia, fazendo aprofundamento, eu achei que não devia adorar imagens, então eu acho que fui guiado por Deus, mas eu tenho ainda uma grande devoção pela Virgem Santíssima, porque ela é a mãe do Salvador, foi escolhida num universo inteiro por Deus!

O que eu poderia falar é somente em agradecimento, que Deus nunca me deixou, eu nunca passei por grande necessidade e sempre fui uma pessoa feliz. Então em tudo eu dou graça, como diz naquele versículo: “Em tudo dai graças...”

Pra finalizar, quero repassar uma mensagem de uma anotação que eu tenho guardada comigo:

“Sejamos senhores de nossas línguas para não sermos escravos de nossas palavras.

No mundo sempre vão existir pessoas que vão te amar pelo que você é e outras que vão te odiar pelo mesmo motivo.

Acostume-se. No mundo tereis aflições.

‘Credes em Deus, credes em mim, eu venci o mundo’, disse Jesus”.



Terezinha de Jesus Carvalho

*“Eu não sei se eu tô certa ou se eu tô errada,
mas em entrevista tem que falar a verdade,
então eu vou te falar a verdade.”*



Nascida em Tocos do Moji/MG em 17 de novembro de 1939. Entre agosto e setembro de 2013, realizamos três sessões de entrevistas de história oral de vida. Nesta ocasião, Terezinha contava 74 anos de idade e nove anos e meio de residência no Lar dos Velhinhos de Campinas.

*Antes eu não tinha ordenado que nem eu tenho agora,
eu não me lembro de ter um dinheiro e ir comprar
as coisas pra mim, que nem eu faço agora...*

Eu nasci em Minas Gerais, em Tocos do Moji, em 17 de novembro de 1939. Tocos do Moji é um lugar que não é falado, eu nunca ouvi falar desse lugar na televisão ou no jornal, parece que é um lugar esquecido, que quase ninguém conhece, ninguém fala desse lugar aí... Só porque é roça, ninguém fala nada. Eu nasci e morei lá, mas eu saí de lá bem pequena, a gente mudou *pra* outra cidade, acho que lá *pro* lado de Borda da Mata, não sei direito, porque a minha mãe ora falava que nós moramos em Borda da Mata e ora falava que não, ela era meio confusa quando ia falar as coisas... O que eu sei é que a gente não morava num lugar só, a gente morava em vários lugares de Minas, morava um pouco num, um pouco noutro...

Um dos lugares que eu morei em Minas chamava Bueno Brandão. Eu não sei direito a idade que eu tinha, acho que era seis anos mais ou menos, mas eu lembro que nesse lugar tinha um pé de palma, daquelas palmas espinhudas e que dá aqueles figos da Índia, eu pegava uma faca, ia lá, pegava uma palma, cortava, fazia uma rodinha, depois pegava outra palma, cortava, fazia outra rodinha, aí eu pegava um pau, enfiava numa roda e enfiava na outra, aí pegava uma outra palma, fazia uns buracos em cima e pegava e enfiava uns paus que chamava cocão nesses buracos, encaixava ali e ficava puxando... Era o carrinho de palma que eu fazia *pra* brincar! Eu fazia um carrinho *pra* mim e a minha irmã mais nova fazia um carrinho *pra* ela, a gente gastava seis palmas *pra* fazer esses carrinhos, eu gastava três e ela gastava três também, só que a gente esquecia de colocar o eixo na roda, igual quando faz o carro de boi, então a gente ia puxando o carrinho e de repente a roda começava a deitar, deitar, deitar, aí não dava *pra* puxar mais, não dava *pra* brincar mais...

Outro brinquedo que a gente fazia era carrinho de carretel, a gente pegava o carretel que sobrava de quando a minha mãe costurava, daqueles carretel antigos de madeira, aí a gente pegava um pau redondo assim, fazia um corte na ponta, outro corte na outra ponta, aí pegava e punha em cima do carretel e punha a mão em cima *pra* ele cantar! Só que a gente fazia o corte muito rasinho, então ele não parava, ele saía toda hora do lugar, a gente não sabia fazer direito o brinquedo... Eu e minha irmã a gente passava o dia naquilo, fazendo carrinho de palma e de carretel, brincando só com aquilo!

Outro brinquedo que a gente fazia era boneca de pano, a minha irmã mais velha que fazia *pra* gente, ela costurava com linha e tudo, fazia o olho do boneco preto ou azul, fazia o narizinho branco e a boca fazia vermelha. Aí a gente punha um nome no boneco, um chamava Lopes e o outro chamava Polão! Aí a gente ia brincar com aqueles bonecos feitos de trapo, pregava um chapeuzinho na cabeça deles, ficava tão bonitinho! E outra brincadeira que a gente fazia era de casinha, a gente fazia um fogãozinho de tijolo na beira do barranco, colocava uns gravetos e um pouco de palha, aí acendia o fogo e cozinhava mandioca ou arroz doce. A gente fazia arroz doce na latinha, só que era feito só com água e açúcar, não tinha leite *pra* colocar, mas a gente deixava o açúcar queimar um pouco e aí ficava bem amarelinho, que nem arroz doce de verdade, ficava gostoso! Aí como a minha irmã mais nova era bem pequenininha, eu e a minha irmã mais velha dava o arroz doce na boquinha dela, com uma colherzinha, ela ia comendo. Nós três ficava comendo arroz doce assim, enquanto a minha mãe *tava* dentro de casa, a gente ficava brincando lá fora... Tudo isso eu me lembro!

Depois, a gente se mudou *pro* Paraná e lá, quando eu peguei uma certa idade, com 11 anos mais ou menos, a primeira vez que a minha mãe foi trabalhar na lavoura de café, ela me levou junto, *pra* ajudar ela a apanhar o café, daí eu comecei a trabalhar desse dia em diante e nunca mais tive tempo *pra* brincar. Eu tinha 11 anos, mas também já era grandinha, não era tão pequenininha assim... A partir daí comecei a ajudar na roça, carpia café, apanhava café, apanhava algodão, carpia arroz, tudo isso aí eu comecei a fazer quando peguei uma certa idade.

O meu pai chamava João Batista de Carvalho e ele trabalhava na roça, ele sempre trabalhou na roça: ele plantava, ele colhia, ele aprendeu tudo com o meu avô. Lembro que o meu avô, lá em Minas, tinha um monjolo, de fazer farinha, de fazer polvilho... Eu era desse tempo de monjolo! A minha tia também tinha um e eu lembro que a gente ia *pra* casa dela aos domingos, comia leite com farinha e depois eu ia lá fora olhar o monjolo, eu gostava de ficar olhando o monjolo trabalhar. Então a minha família veio da roça, eu nasci, criei e trabalhei na roça. Lá em Minas, teve uns tempos que a vida da gente ficou tão difícil que a minha mãe tinha que trabalhar na roça *pra* minha tia e em casa ficava todas as crianças sozinhas, que o meu pai também *tava* na roça, aí ficava as crianças mais velhas cuidando das mais novas...

O meu pai ficou doente lá no Paraná e a gente precisou internar ele no hospital de Londrina, que ele tinha problema de fígado. Tinha coisa que ele não podia comer, que fazia mal *pro* fígado dele, ele sabia que não podia, mas ele gostava e ele comia mesmo assim, aí atacava o fígado. E ele também machucou a pele quando eu era criança, ele foi rachar lenha *pra* minha avó e voou um cavaquinho que acertou na perna dele, aí saiu uma ferida enorme e de uma perna passou *pra* outra. Lembro que ele lavava essa ferida com um remédio que ele pegava lá no mato, ele ia lá no mato, pegava esse remédio, punha no caldeirão com água e punha *pra* ferver, aí escorria aquela água na bacia e esperava esfriar *pra* passar na perna. Depois que ele lavava aquela ferida, ele pegava uma tira de pano e enrolava na perna, aí colocava a ceroula e a calça, quem olhava, não parecia que tinha ferida na perna, parecia que *tava* tudo direitinho...

O meu pai era muito bravo, nossa se era! E a minha mãe, também... A minha mãe teve nove filhos, só que não vingou tudo, só cinco que sobreviveu, eu e mais quatro irmãs. A mais velha é a Maria, que eu não vejo há muitos anos, eu nem sei se ela é viva ou se é morta, porque quando a gente veio embora do Paraná, ela casou e ficou lá. Depois vem a Aparecida, que morou no Jardim Conceição e agora mudou *pro* Taquaral, ela ficou viúva. Aí vem eu, que sou a terceira. Depois vem a Alzira, que mora no bairro Padre Anchieta e tem um filho moço, o

Eduardo, eu morei muitos anos com ela lá. E aí vem a Laodelina, que é a mais nova de todas, foi ela que arrumou a vaga aqui no Lar dos Velhinhos de Campinas *pra* mim. E era *pra* ter mais uma irmã depois da Laodelina, a Isaura, só que ela morreu com dois anos e quatro meses de idade, ela era doente e quando a gente veio do Paraná, ela faleceu. A minha mãe chamava Ana Brasilista da Silva... Eu não sei se é Ana Brasilista ou Ana Brasilina, mas tinha gente que chamava ela de Ana Teresa, porque ela não gostava do nome dela, ela falava *pras* pessoas que chamava Ana Teresa, mas o nome dela de verdade parece que era Ana Brasilista da Silva.

Nós moramos três anos, dois meses e nove dias no Paraná. Aí viemos *pra* um lugar de nome Morumbi, dizem que fica no Estado de São Paulo, eu não sei direito, ficamos morando um ano nesse lugar e depois fomos morar em outro, de nome Ribeirão... Eu não sei se era Ribeirão Preto, que sempre me perguntam isso, eu só sei que a gente falava “Ribeirão”. Lá tinha um cafezal grande e a gente ia trabalhar nesse cafezal, aí quando acabou o serviço, fomos carpir arroz, num arrozal que tinha mais *pra* baixo. A minha irmã, toda semana, ficava um dia em casa, *pra* limpar a casa, lavar a roupa e passar a roupa com o ferro de carvão. Aí nesse dia ela fazia a comida e levava *pra* gente na lavoura, era assim. Foi nessa cidade que o meu pai faleceu, eu tinha 15 anos mais ou menos. Aí a gente se mudou de novo e eu nunca mais voltei a morar na roça.

A gente se mudou *pra* Itapira, na Santa Casa de Itapira. A minha mãe, assim que chegou lá, foi indicada *pra* trabalhar em Campinas, no Lar Escola Nossa Senhora do Calvário, no bairro Cambuí. Então ela só ficou um dia em Itapira e no dia seguinte foi *pra* Campinas, pegou ônibus com as minhas duas irmãs mais novas, a Laodelina e a Alzira, e foi ser cozinheira daí. Eu fiquei em Itapira, com a minha irmã mais velha, a Aparecida. A minha mãe nunca tinha trabalhado como cozinheira, ela só cozinhava em casa, ela nunca tinha trabalhado cozinhando *pra* fora, mesmo assim ela foi indicada pela madre de lá *pra* trabalhar com as madres daqui.

Eu e minha irmã tivemos que ir *pro* Lar Escola também, porque a minha mãe e as minhas outras irmãs *tavam* lá, só que eu não me

acostumei de jeito nenhum, fiquei só três dias aí e voltei *pra* Itapira. Eu achava que a comida de Itapira era muito gostosa e que a comida do Lar Escola era muito ruim! Eu estranhei a comida, eu achei a comida péssima de ruim! É que lá em Itapira, todos os dias, lá pelas 9 horas, 9 e meia da manhã, eles faziam carne moída com molho, recheava aqueles pãezinhos d'água e dava *pra* gente comer, era um lanche gostoso e eu me acostumei com isso! Então eu preferi ficar morando lá. Lembro que aí eu usava um uniforme, que era o uniforme das aspirantes, era uma saia xadrez azul ou uma saia roxinha de seda ou uma saia lisa azul e uma blusa de manga comprida ou de manga curta e um suspensório... Então falava que era aspirante, por causa da roupa que a gente usava, e lembro que o dormitório era grande e só tinha moças lá, não tinha crianças e não tinha idosas... Eu também era marianinha, a marianinha usava uma fitinha verde no pescoço com uma medalha na ponta, tinha isso aí também. Eu fiquei seis meses morando em Itapira e durante esses seis meses eu passei bem, mas eu tive que mudar *pra* Campinas, que a minha mãe queria que eu viesse de vez, aí eu vim e fiquei, não voltei mais *pra* Itapira.

A gente morou muito tempo nesse lugar em Campinas, acho que uns 13 anos mais ou menos, com as irmãs calvarianas. No começo, a minha mãe trabalhava como cozinheira, depois ela foi trabalhar na lavanderia, foi ser lavadeira. E eu sempre ajudando ela, se ela *tava* num lugar, eu *tava* também, se ela saía daquele lugar, ia *pra* outro lugar, eu saía também! Eu era copeira, eu fazia a copa, eu lavava muita coisa. Tinha uma mesa assim de madeira grandona, bem antiga, no meio da copa, aquela mesa ficava cheinha de coisa lavada, eu que lavava tudo! E quando não cabia mais, eu ia colocando uma coisa em cima da outra, fazia aquele monte de coisa lavada... Era bacia que as meninas usavam de alumínio, era caneca de alumínio, era talheres, tudo o que as meninas usavam *pro* café, *pro* lanche, eu lavava tudo aquilo lá! Depois eu ia baldeando, eu pegava um tamboreiro grandão assim desse tamanho, eu enchia de caneca e de baciinha e ia levando lá *pro* refeitório, aí tinha um armário grandão antigo preto, eu chegava lá, abria aquele armário e punha tudo de bruços assim, tirava tudo do tabuleiro, punha dentro

do armário e punha tudo de bruços, *pra* escorrer a água, que já tinha escorrido a água na mesa, mas era *pra* acabar de secar... Não tinha pano, a irmã não dava um pano secar as coisas, então eu tinha que guardar tudo molhado, porque ela não dava pano *pra* secar! Eu ia assim, ia carregando de pouco em pouco, de pouco em pouco, até acabar de carregar tudo, até a mesa ficar vazia...

A minha mãe ganhava um ordenado e parece que eu também, parece que o meu ordenado era junto do dela, era tudo misturado, mas eu não lembro de algum dia ter pego algum dinheirinho e ter comprado alguma coisa *pra* mim... Não é que nem agora, que eu pego o meu dinheiro, vou no mercado e compro as coisas *pra* mim... Naquele tempo não era assim, naquele tempo era diferente...

Lá naquele tempo o Lar Escola também era muito pobre, lembro que a gente ia no Mercado pedir as coisas, ia nas feiras, pedia as coisas... Depois eu ouvi dizer que lá *tá* rico hoje, que fizeram um colégio. Eu não sei, porque eu nunca mais voltei lá. A gente ficou muito tempo aí, apesar da comida ser ruim, mas quando chegava a época do Natal, a gente comia bem, porque tinha uma mulher que fazia comida e dava *pra* gente, acho que ela tinha feito uma promessa, então todo Natal ela fazia a comida e levava *pra* nós, era um risoto bem gostoso. De vez em quando a gente também ganhava comida das irmãs da chácara, que na chácara eles engordavam porco, matava o porco e mandava um pedaço *pra* nós lá no Lar Escola. Teve um dia que a irmã *tava* servindo a carne *pra* gente e acho que a travessa *tava* mal lavada, engordurada, eu não sei o que aconteceu lá, só sei que a travessa escorregou da mão da irmã, a travessa caiu no chão e derramou toda a carne no chão do refeitório, ficou aquele monte de carne que teve que jogar fora! Então a gente só comia carne quando eles matavam o porco lá na chácara e mandava *pra* gente um pedaço, aí que a gente comia uma carninha, de vez em quando acontecia isso, os outros dias era mais berinjela, abobrinha, pimentão, esses legumes.

Hoje é diferente, aqui no Lar dos Velinhos de Campinas é difícil o dia que não tem carne! E quando não tem carne, tem peixe. Tem só uma comida que eu não gosto muito aqui, que é aquela carne picadinha.

Hoje em dia eu gosto de comer coisa boa, eu sou acostumada a comprar as minhas coisinhas *pra* comer no café da manhã, eu gosto muito assim de salame, queijo, manteiga, maionese, patê... Hoje eu sou aposentada e eu tenho o meu dinheirinho que eu recebo todos os meses, eu fico com uma parte e a outra parte eu dou aqui no Lar dos Velhinhos. Antes não, antes eu não tinha ordenado que nem eu tenho agora, eu não me lembro de ter um dinheiro e ir comprar as coisas *pra* mim, que nem eu faço agora... Eu vou no mercado e compro as minhas coisas, aí eu guardo tudo na geladeira num tupperware com meu nome, na hora do café eu vou lá e peço pras cozinheiras, aí eu vou comendo, um dia eu como salame, no outro dia eu como pão com queijo meia-cura, no outro dia é pão com maionese, até acabar, aí eu vou comendo pão com manteiga, até virar o mês de novo...

Depois de 13 anos morando no Lar Escola Nossa Senhora do Calvário, a minha irmã Aparecida comprou uma casa no bairro Jardim Conceição, aí nós fomos *pra* casa da minha irmã, foi eu, minha mãe e minhas duas irmãs mais novas. Depois a minha mãe parece que não quis mais continuar morando com ela e quis separar a casa, quis arrumar uma casa *pra* ir morar só nós, aí minha irmã Laodelina arrumou uma casa no bairro Abolição, só que a casa era muito ruim. A casa era tão ruim, que quando chovia lá fora, chovia dentro de casa também, tanto fazia estar lá fora ou estar lá dentro, chovia muito, ficava tudo molhado! A minha mãe tinha que botar bacias pelo chão, baldes, *pra* água cair dentro *pra* não molhar o chão, mesmo assim ainda molhava. E onde eu dormia, na cabeceira da minha cama tinha uma goteira, quando chovia, aquela goteira caía em cima da cama e espirrava na minha cabeça! Muito ruim a casa, pagava 100 cruzeiros de aluguel.

Depois elas arrumaram uma outra casa, *pra* lá do cemitério! Aí a casa era muito bonitinha, o aluguel dela era 140 cruzeiros, 40 cruzeiros a mais do que a gente pagava naquela outra, que era muito ruim, só que quando a gente foi lá conhecer a casa, a gente entrou na sala e a minha mãe falou assim: “Th, não vai dar, a sala é pequena e não vai caber o jogo de estofado”, aí minha mãe desistiu, não quis mais morar

nessa casa por causa disso, ela achou a sala muito pequena e que não ia caber o jogo de estofado.

Aí a gente mudou *pra* uma casa no bairro Vila Industrial, era uma casa bem maior do que essa, só a cozinha que era estreitinha, mas ela era bem compridona e tinha um piso vermelho, então quando encerrava a casa, encerrava a cozinha também. Ficava bonito o chão quando passava aquela cera vermelha, passava a cera, deixava secar um pouco e passava a escova *pra* dar brilho... Quando nós entramos lá, parece que o aluguel era 200 cruzeiros, depois foi subindo, foi subindo, chegou a 500 cruzeiros! Quem pagava o aluguel era minhas irmãs, que elas que trabalhavam fora, elas tinham dinheiro, eu não tinha, mas eu que ia levar todo mês o dinheiro do aluguel pros donos do imóvel, a minha irmã ia trabalhar e falava: “Olha, Teresinha, você leva o dinheiro lá”, aí eu ia. E toda vez que eu ia levar o dinheiro, eles *tavam* tomando café da manhã, aí eles me convidavam *pra* tomar café e, como eu já tinha tomado café na minha casa, eu falava: “Não, obrigada, eu já tomei café”, deixava o dinheiro lá e ia embora *pra* minha casa, era assim.

Ali na Vila Industrial, a feira era pertinho da nossa casa, era só atravessar a rua e já *tava* lá na feira! Enquanto a minha mãe ia na feira, eu ficava em casa tomando conta do meu sobrinho pequeno, de cinco anos de idade mais ou menos, filho da minha irmã Laodelina. Ele tinha um boneco chamado João Teimoso, aí eu pegava o boneco e punha ele num canto e no outro canto eu punha a poltrona, fazia um cercadinho e ficava ali no meio brincando com o meu sobrinho até a minha mãe chegar da feira. Tinha dia que a minha mãe tinha que fazer duas viagens, ela ia lá, comprava uma ou duas sacolas de coisas, levava em casa, tirava tudo da sacola, botava em cima da mesa, voltava lá, comprava mais alguma coisa que *tava* faltando, punha na sacola, levava *pra* casa. Aí que eu ia comprar alguma coisinha *pra* mim, eu não tinha ordenado que nem eu tenho hoje, mas sempre pintava algum dinheirinho, aí eu pegava o meu dinheiro, que era pouquinho, e ia comprar uma bacia de laranja, essas coisas que eu gostava, enquanto a minha mãe cuidava do meu sobrinho. Um dia, eu não tinha nenhum dinheiro *pra* comprar as coisas e eu com aquela vontade de comprar um negócio lá na feira, não



tinha um centavo na minha carteira, aí eu fui na feira dar umas voltas e de repente, quando eu olhei no chão assim, achei cinco cruzeiros! Aí eu fui lá e ainda perguntei se aqueles cinco cruzeiros não tinha dono, olha que boba que eu era, achado não é roubado, mas não era de ninguém e eu peguei o dinheiro e comprei uma bacia de laranjas *pra* mim! Foi assim, eu sempre achava dinheiro na rua de vez em quando, umas duas ou três vezes eu achei dinheiro na rua...

Nós moramos sete anos e nove meses nessa casa, eu tinha acho que 36 anos mais ou menos nessa época, nem me lembro direito, faz tanto tempo... Depois a gente mudou *pra* um lugar chamado Colina, era um lugar onde o trem passava pertinho de lá. Aí foi morar eu, minha mãe e a minha irmã Alzira, que a minha irmã Laodelina casou e foi morar com o marido e o filho dela. Antes disso, essa minha irmã tinha me arrumado *pra* limpar a casa dela dois dias da semana, ela pagava *pra* eu ir limpar a casa dela, aí eu tinha um dinheirinho *pra* comprar minhas coisas, eu comprava roupas, sapatos... Depois, lá na Colina, ela me arrumou *pra* levar o filho dela, meu sobrinho Marcelo, na escola. Ela falou *pra* eu levar e buscar ele na escola e começou a me pagar *pra* fazer isso. A escola ficava lá *pra* baixo da nossa casa, às vezes eu cortava o caminho e tinha que descer um barranco, era meio difícil, descer o barranco não era mole não! A primeira vez que eu levei meu sobrinho na escola, ele me aprontou uma, eu cheguei lá *pra* buscar ele e ele não *tava* na escola, ele tinha ido embora sozinho... Mas a minha mãe deu uma bronca nele!

A minha mãe também não tinha um ordenado, ela tinha o dinheiro que as minhas irmãs davam *pra* ela, depois que ela conseguiu a aposentadoria e começou a ter o próprio dinheiro. Até teve uma vez que ela recebeu todos os atrasados, não sei por que que atrasou lá, e ela me deu um pouco de dinheiro... Eu ficava o dia inteiro com a minha mãe em casa e as minhas irmãs ficavam o dia inteiro trabalhando fora, parece que as duas trabalhavam numa loja. Eu nunca trabalhei fora, mas trabalhei na roça e sempre ajudei a minha mãe em casa.

Depois da Vila Industrial, a gente foi morar na Vila Padre Anchieta, com a minha irmã Alzira, que ela conseguiu uma casa da Cohab lá,

financiada em 25 anos. Ela teve o filho dela aí, o meu sobrinho Eduardo, já faz muito tempo, tanto que parece que ele que terminou de pagar a casa *pra* ela.

A minha mãe faleceu já faz mais de 30 anos, ela ficou muito doente, ela teve tuberculose e foi *pro* hospital umas duas vezes, ela ia, melhorava e voltava *pra* casa, aí teve uma vez que ela não melhorou. Ela faleceu com 69 anos. Depois disso, eu continuei morando durante muitos anos com as minhas irmãs, eu ficava um tempo na casa de cada uma, até que a minha irmã Laodelina arrumou aqui no Lar dos Velhinhos de Campinas *pra* mim. Neste mês, *tá* fazendo nove anos e oito meses que eu *tô* aqui no Lar...

Era *pra* eu estar há mais tempo aqui, porque uma vez, a minha irmã Aparecida veio aqui arrumar uma vaga *pra* mim, isso faz muitos anos... Aí quando *tava* tudo prontinho *pra* eu mudar *pra* cá, a minha irmã me falou que eu não poderia trazer as minhas coisas, daí eu desisti. Olha que cabeça a dela! Então eu não vim, imagine se eu ia deixar as minhas coisas lá e vir só com a roupa do corpo, não tinha cabimento! Aí eu fiquei mais um ano lá com elas, até que teve uma segunda chance, quando a minha irmã Laodelina veio e arrumou aqui *pra* mim. Ela disse que levou três meses *pra* arrumar aqui *pra* mim, que era a minha segunda chance de vir *pra* cá e que eu não podia perder essa oportunidade, aí eu vim *pra* cá e já faz nove anos e oito meses que eu *tô* aqui.

Quando eu vim *pra* cá, eu tinha tanta roupa, como tenho até hoje, que eu tive que separar um punhado de roupas e sapatos *pra* trazer *pra* cá e outro punhado ficou lá na casa da minha irmã. No começo, eu não me acostumava, eu demorei um pouco *pra* me acostumar, eu *tava* até querendo ir embora daqui... Mas aí a minha irmã, a que arrumou aqui *pra* mim, veio me visitar e disse *pra* eu não desistir, que ela tinha levado três meses *pra* arrumar aqui *pra* mim, aí eu não quis mais, aí eu acostumei aqui. Eu estranhava que era muita gente junto, apesar que eu já tinha morado em outro Lar...

Nesses anos, eu conheci bastante gente aqui, nossa, entrou tanta gente aqui depois de mim! De quando eu cheguei aqui, estão ainda a Martinha, que agora *tá* doente, *tá* até em cadeira de rodas, a Meire, uma

morena alta e forte, a Yolanda, aquela que tem o cabelo branquinho, a Celina, que é baiana, e a Poli, uma baixinha que tá em cadeira de rodas. Essas eram as que estavam aqui quando eu cheguei, as outras pessoas entraram tudo depois de mim, são todas novas aqui. E tinha a Dorinha, que também já estava aqui antes de mim, ela dizia que fazia 30 anos que ela morava aqui, mas ela já faleceu. A Dorinha era muito amiga minha, ela ficou muito doente, ela era gordinha e ficou magrinha, aí ela teve que ficar internada na enfermaria, era a enfermaria velha ainda, eu ia quase todos os dias lá visitar ela, só o dia que eu saía que não dava *pra* eu passar lá, mas quando eu *tava* em casa, eu não esquecia dela... Então entrou muita gente aqui depois de mim, alguns já faleceram, outros estão vivos ainda... E também teve gente que saiu, gente que não se acostumou, que não gostou e quis ir embora. Que eu me lembre, só saiu uma mulher e de homem, saíram seis. Teve dois que saíram e que depois voltaram e teve um que saiu, voltou e saiu de novo. Eu acho que aí eles aqui nem aceitam mais, acho que você pode sair uma vez e voltar, mas se sair de novo e quiser voltar de novo, aí eu ouvi dizer que eles não aceitam mais...

Quando eu cheguei aqui, tinha duas freiras que ainda moravam aqui, uma chamava Irmã Gah e a outra Irmã Áurea. Elas moravam onde hoje é o museu, a Dorinha disse que antigamente era 15 freiras que moravam lá. A Irmã Gah vinha toda sexta-feira rezar o terço com a gente, cada uma sentava numa cadeira, ela puxava o terço e a gente respondia. Depois ela faleceu e a Irmã Áurea foi embora, não quis mais ficar aí, foi assim.

Eu moro no residencial França, mas já passei pelo residencial Itália, quando fizeram uma reforma no França, e agora estou no residencial Estados Unidos, porque estão reformando de novo o França. Na primeira reforma eles trocaram o piso e agora estão trocando o telhado.

Aqui no Lar dos Velhinhos de Campinas, eu faço várias atividades. Eu gosto de fazer caminhada. Eu caminho todos os dias, quando não dá *pra* caminhar de manhã, eu caminho à tarde. Tem dia que não dá *pra* fazer uma caminhada completa, aí eu faço só a metade da caminhada, mas na maioria dos dias eu faço completa, eu saio por aí. E sempre

quando tem banana, eu pego uma banana, descasco e vou comendo pelo caminho afora, é meu costume fazer isso. Eu também faço trabalhos na T.O., que é a terapia ocupacional: eu já piquei retalhos, já piquei umas borrachinhas *pra* usar na dança, já piquei caixinha de remédio, já piquei bula, já separei fotos, já pintei quadros de madeira, já pintei casca de ovo, já ajudei a fazer bandeirinhas... Teve um ano que eu fiz 200 bandeirinhas *pra* festa junina!

E tem os passeios, eu já fui numa porção de lugares, lugares que eu não conhecia e que comecei a conhecer depois que eu vim *pra* cá. Só em Aparecida do Norte, acho que eu já fui nove vezes! Duas vezes eu fui com a minha mãe e mais sete vezes aqui no Lar. Então eu conheço bem Aparecida do Norte, todo ano, em maio, a gente vai *pra* lá. Eu gosto muito de lá também porque tem lojinha, eu gosto de comprar bolsa, colar, pulseira, anel, lembrancinhas, essas coisas. Quando eu vou lá, eu entro em várias lojinhas, eu gosto muito de comprar, eu gosto muito de coisa nova, eu não gosto de ficar usando uma coisa toda a vida, eu gosto de ir trocando, renovando. Quando eu compro uma bolsa, eu uso umas quatro vezes e já encosto lá, aí eu vou e compro outra. Eu queria comprar uma bolsa grande de couro, só que *tá* muito cara e eu não posso comprar coisa muito cara, porque comecei a guardar dinheiro na poupança. Na minha bolsa eu gosto de carregar dinheiro, lenço *pro* nariz, *pra* quando eu *tô* resfriada, e umas toalhinhas, *pra* enxugar a mão. E eu gosto de bolsa grande, porque assim, quando a gente compra alguma coisa, cabe tudo dentro. As minhas bolsas que eu não uso mais estão guardadas no armário, *pra* se eu quiser usar de novo, mas eu não guardo elas vazias, eu ponho coisa dentro, *pra* aproveitar o espaço. Algumas eu tive que doar, porque o meu guarda roupa é pequeno, então não dá *pra* ter muita coisa também. Os guarda-roupas aqui é tudo grudado um no outro, antes ficava tudo separado, era melhor, agora *tá* tudo grudado no quarto, tem quatro pessoas no quarto e quatro guarda-roupas grudados, se uma pessoa abre o guarda-roupa dela, a outra tem que esperar *pra* abrir o seu, porque se abrir junto atrapalha, então é ruim. Eu já passei por quatro quartos aqui, é a Dona Isis que escolhe o nosso quarto.

E eu *tô* na escola também, faz um ano que eu comecei a estudar. Tem uma escola que fica aqui dentro do Lar, vai morador daqui e vai gente de fora também, deve ter no máximo dez alunos, tem homem e tem mulher junto, tem uma senhora que tem 88 anos e *tá* na escola ainda! Então eu vou *pra* escola durante a semana, a aula começa às 9 horas da manhã, mas eu não vou às 9 horas, eu me atraso um pouco. É que eu levanto lá pelas 6 e meia, 7 horas, aí eu me arrumo, desço, tomo café, subo, vou lá *pra* enfermaria, tomo remédio, vou tomar banho e aí que eu vou *pra* escola! A professora chama Lúcia e ela não fica brava se chegar atrasada, só a primeira vez que ela não gostou muito não, mas agora ela já *tá* acostumada e tem dia que também nem dá *pra* eu ir na escola, porque eu perco a hora. Eu entrei na escola porque ela foi lá no pavilhão me convidar, ela já tinha ido uma vez e foi de novo, ela falou que queria muito que eu participasse e eu disse *pra* ela que eu era meio esquecida, mas ela disse que não tinha importância, que ela também era meio esquecida, daí eu fui.

Na escola, eu *tô* aprendendo a ler e a escrever. Ler, eu quase não leio, e escrever, eu não sei ainda escrever sem copiar, é que eu *tô* na escola não faz muito tempo... Eu não estudei quando era criança, na verdade eu entrei na escola já passada da idade. Eu não sei se ainda é assim, mas naquela época diziam que as crianças entravam na escola com sete anos de idade e eu entrei com 16 *pra* 17 anos, quando fui morar no Lar Escola Nossa Senhora do Calvário, aqui em Campinas. Era uma escola que tinha lá mesmo, tinha as classes do primeiro ao quarto ano e eu estava no primeiro ano. Só que um dia a madre me tirou da escola, ela achou que eu não ia aprender mais, porque eu já tinha entrado na escola um pouco velha, e quando eu *tava* começando a aprender ler e escrever alguma coisa, ela me tirou da escola! Eu não sabia por que ela tinha me tirado, ela me tirou sem nenhuma explicação. Aí um dia a minha mãe me falou que ela tirou eu da escola *pra* ajudar a minha mãe na cozinha, que tinha muito serviço, tinha muitas pessoas *pra* ela cozinhar e eu tinha que ajudar. Aí que eu fiquei sabendo porque a madre tirou eu da escola, foi por causa disso... Então eu fiquei muitos anos fora da escola, até que ao passado a professora veio me fazer o convite e eu aceitei.

As minhas irmãs mais novas estudaram até o quarto ano, elas estudaram lá mesmo no Lar Escola. Eu não tenho mais muito contato com minhas irmãs, aquela que mora no Paraná, eu não vejo há muitos anos, não tenho nem notícias dela. As que moram aqui em Campinas, elas vêm me visitar de vez em quando, mas não vêm muito não. Quando a Alzira vem, ela sempre traz frutas e biscoitos. Quem vinha mais era a Laodelina, mas depois que o marido dela ficou doente e faleceu, ela diminuiu, faz tempo que ela não vem. A última que veio aqui foi a Aparecida, aí a gente conversou um pouco.

Outra coisa que eu faço aqui é frequentar os grupos. E antes eu ia na missa, que tem uma capela aqui dentro do Lar dos Velhinhos, mas agora faz tempo que eu não vou, porque a última vez que eu fui eu *tava* com muita dor na perna e não conseguia ajoelhar, então agora eu prefiro assistir a missa que passa na TV, eu fico mais à vontade.

A minha saúde *tá* boa, eu só tenho que tomar remédio *pra* pressão e *pra* diabetes. Eu não entendo muito esse negócio de “terceira idade”, aqui tem gente de várias idades, tem gente que tem 89 anos, tem gente que tem 70 anos, tem gente que tem 90 anos, eu tenho 74...



Bibliografia

- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Realidade incômoda. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BICUDO, Catarina. Lar dos Velhinhos completa 100 anos. *Saráo: Memória e Vida Cultural de Campinas*. Campinas: Centro de Memória da Unicamp, vol.3, n.3, dez.2004.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 (13ªed.).
- CACHIONI, Meire; NERI, Anita Liberalesso; SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von (Org.). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas: Alínea, 2003.
- CAMARANO, Ana Amélia. Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. IN: NERI, Anita Liberalesso (org.). *Idosos no Brasil. Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Edições Sesc SP/Sesc Nacional/Fundação Perseu, 2007.
- DEBERT, Guita Guin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FERNANDEZ, Vanessa Paola Rojas. *História oral de chilenos em Campinas. Dilemas da construção de identidade imigrante*. Salvador: Pontocom, 2013.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010 (6ª ed.).
- MACIEL, Marcia Nunes. *Experiências de vida em seringais da Amazônia*. Manaus: Edua, 2013.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

- _____.; HOLANDA, Fábíola. *História oral. Como fazer, como pensar.* São Paulo: Contexto, 2007.
- _____.; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Guia prático de história oral.* Para empresas, comunidades, universidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.
- MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS. Rio de Janeiro: IBGE/Serviços Gráficos, 1952.
- PACHECO, Jaime Lisandro. *Elos refeitos.* Aposentados contam e refazem suas trajetórias de vida. Campinas: CMU Publicações, 2005.
- SANTOS, Andréa Paula dos. Corporeidades, oralidades e discursos de memórias frente às tecnologias de informação e comunicação. *Oralidades. Revista de História Oral.* São Paulo: Universidade de São Paulo, v.10, 2011.
- SIMSON, Olga R. de Moraes Von. *Carnaval em branco e negro: carnaval paulistano, 1914-1988.* Campinas: Unicamp; São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2007.

PATROCÍNIO



Uma empresa
do Grupo NC

APOIO



DESDE 1904



“Eu acho muito importante esse trabalho que estamos fazendo, de lembrar o passado, pois assim a gente pode ver o que aconteceu de bom, o que foi ruim, o que deixou de ser feito... E a gente no presente também tá sempre pensando no futuro, porque se no presente a gente não conseguiu ainda o que deixou de fazer no passado, a gente pode ainda tentar fazer no futuro... Que Deus me ajude a lembrar o máximo possível...”

João Batista Signorelli

Morador do Lar dos Velhinhos de Campinas